



**Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento**

**DIFERENÇAS DE GÊNERO EM CRIANÇAS: Uma
comparação entre diferentes metodologias**

Aline Beckmann Menezes

Belém, Pará
2011



**Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento**

**DIFERENÇAS DE GÊNERO EM CRIANÇAS: Uma
comparação entre diferentes metodologias**

Aline Beckmann Menezes¹

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Teoria e Pesquisa do Comportamento, sob orientação da Profa. Dra. Regina Célia Souza Brito.

1 – Financiamento parcial com Bolsa de Estágio Doutorando no Exterior pela CAPES.



Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

**DIFERENÇAS DE GÊNERO EM CRIANÇAS: Uma
comparação entre diferentes metodologias**

AUTOR: ALINE BECKMANN DE CASTRO MENEZES

DATA DA DEFESA: 11 / 04 / 2011.

RESULTADO: _____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. REGINA CÉLIA SOUZA BRITO
Orientadora

Profa. Dra. FÍVIA DE ARAÚJO LOPES
Membro

Prof. Dr. ANDRÉ RIBEIRO LACERDA
Membro

Profa. Dra. MARILICE FERNADES GAROTTI
Membro

Profa. Dra. ELEONORA A. PEREIRA FERREIRA
Membro

Profa. Dra. CELINA MARIA COLINO MAGALHÃES
Suplente

Profa. Dra. SANDRA MARIA RICKMANN LOBATO
Suplente

VISTO:

Prof. Dr. GRAUBEN JOSÉ ALVES ASSIS
Coordenador do PPTPC/CFCH/UFPA

Belém, Pará
2011

**À Lucia Beckmann Menezes, minha mãe,
minha amiga, meu maior modelo e
inspiração. Por ter sempre acreditado em
mim e estado ao meu lado, fazendo tudo se
tornar melhor.**

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Pará e ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, pela oportunidade de continuar minha formação acadêmica.

À Profa. Regina, ou simplesmente “Rê”, por ter me aceitado como orientanda e contribuído com um crescimento pessoal, profissional e acadêmico. Teu carinho, amizade e saber foram fundamentais para que eu superasse os momentos mais difíceis.

A todos do GEAPE pelas constantes e incansáveis contribuições e correções, pela paciência, pela parceria e pelo voto de confiança. Por me fazerem me sentir parte real de um grupo do qual tenho orgulho.

Aos membros da minha banca, de qualificação e de defesa, por aceitarem participar desse momento contribuindo com o aperfeiçoamento do meu trabalho. Em especial à Profa. Marilice, por ter me “apresentado” ao Transana e me ensinado a utilizá-lo.

Às meninas super-poderosas da COGRAD/CESUPA por terem sempre me apoiado, torcido por mim, feito com que eu risse e relaxasse e assumido minha cota de trabalho quando o doutorado me impedia de comparecer em algum compromisso.

Ao Instituto Milênio por terem me aceitado no grupo e me dado oportunidades de aprendizagem inestimáveis.

A todos do Ipiranga por todas as liberações, pelo apoio, pela torcida e pelos momentos de descontração.

A todas as escolas, pais e crianças que contribuíram que esta pesquisa fosse realizada.

À Simone Neno, por ter sido minha parceira em tantos momentos e ter acreditado em mim. E por ter, junto à Mariana, cedido seu consultório em um momento de aperto para que eu terminasse o estudo piloto a tempo.

Ao Prof. Grauben e todos os professores que até hoje contribuíram que eu enveredasse pelo mundo da academia.

À PROCAD e à Profa. Eulina pela organização da Missão de Estudos em Salvador e por todos os colegas que dela participaram, seja como anfitriões/guias ou como missionários como eu, fazendo daquela uma experiência rica e inesquecível. Os debates da “sacadinha” com certeza influenciaram muito minha forma de pensar e devo isso a vocês!

Às minhas pequeninas, Renata, Tatiana, Marisa e Eline, que trabalharam arduamente no primeiro estudo e muito contribuíram com o “pontapé inicial” da pesquisa. Saibam que sempre torcerei por vocês.

À CAPES pela bolsa de Estágio Doutorando no Exterior, por ter me financiado para realizar o sonho de morar na Europa e ter a oportunidade de aprender mais do que seria capaz de descrever.

Ao Prof. Erwin que ao me conhecer já me inspirou com novas possibilidades e prontamente se ofereceu para me receber na Holanda. Pela receptividade lá, com seu jeito bem humorado e atencioso. Pela paciência em me ensinar tudo do início. Pela disponibilidade

em seguir me orientando à distância. Sua passagem na minha vida foi breve e sua ida deixou muitas saudades... espero ter dito suficientemente o quanto sou grata a ter podido conhecê-lo e por todas as portas que me abriu.

Ao Hans que teve que me receber na Holanda, por tabelinha, e foi sempre atencioso e cuidadoso com meu bem estar, além de estar até hoje torcendo por mim.

A todos do Weckenbach Institute (Groningen University) por terem sido solícitos, simpáticos e atenciosos, fazendo daquele corredor meu lar por 4 meses. Em especial para Gonda, Bettina e Heineke que me deram apoio quando me sentia só e perdida.

A todos de Groningen, especialmente os de Wishonterdiep e do Erasmus, que preencheram meus dias e me deram suporte, que me fizeram rir e aproveitar e me ajudaram a descobrir a alegria de ser um estudante estrangeiro na Holanda. Laura, Katharina e Nelli, obrigada acima de tudo pela amizade.

À Gabriela di Paula, ou Gabi, por ter sido minha fonte de oxitocina na Holanda e minha companheira de aventuras nos fins de semana mochilando. A brincadeira no exterior virou amizade de verdade e por isso sou grata.

À Juliana Fiquer, por mesmo sem me conhecer ter sido solícita e compreensiva, me ajudando na adaptação à Holanda e na análise dos dados quando me senti perdida.

À Marilu, por ter confiado em ser co-orientada por mim, por ser minha mão direita e esquerda no trabalho, por ser minha amiga e fiel escudeira, por ser alguém por quem tenho carinho e admiração.

À Kárita e à Belt, pela amizade incondicional e eterna, me dando força e alegria e me ajudando ser uma pessoa melhor.

A todos os amigos, em especial aos de perto Aécio, Lidianne e Felipe e aos de longe Priscilla, Felipe e Rodrigo, por todo o carinho, pelas muitas risadas, pela paciência e compreensão nos momentos complicados.

Aos meus pais, Lucia e Mauro, por terem sido sempre meus principais torcedores e por sempre estarem ao meu lado.

Ao meu irmão, André, por ter sido um referencial em tantos momentos e por acreditar em mim, não interessa o desafio.

À toda minha família, por todos os momentos juntos, pelos divertidos e instigantes almoços de quarta-feira, verdadeiros oásis no meio da semana, e pelos tradicionais almoços de domingo, cheios de carinho. Pelo amor recebido, dos que estão perto e dos que estão longe. Em especial ao meu falecido avô Clodoaldo pelo exemplo e à minha prima Karina pela amizade.

Ao Delage, meu eterno namorado, por ter dividido comigo toda essa experiência fazendo cada conquista mais saborosa e cada pesar mais leve. Por ser meu amigo, meu companheiro, meu grande amor.

A todos que de uma forma ou de outra, longe ou perto, ajudaram que eu tivesse condições de persistir nessa jornada e chegar a este momento final.

“A ciência exige do homem o máximo do esforço e a suprema paixão”

I.P. Pavlov

Resumo

Menezes, Aline Beckmann (2011). Diferenças de gênero em crianças: Uma comparação entre diferentes metodologias. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Universidade Federal do Pará. Belém – PA. 128 pp.

Resumo: Há uma literatura vasta sobre dimorfismo sexual no comportamento infantil, incluindo estudos sobre padrões atípicos de gênero ou não conformidade de gênero. A proposta deste trabalho surgiu a partir de discussões sobre a relação entre gênero e comportamento homossexual. Contudo, percebeu-se a necessidade de ampliar o conhecimento sobre as diferenças de gênero entre crianças, a partir da utilização de diferentes metodologias na investigação de comportamentos típicos de gênero e da influência destas diferenças para as relações sociais infantis. Foram realizados três estudos. No primeiro, comparou-se as metodologias de observação e entrevista, sendo verificado que a maioria das brincadeiras ocorriam de forma intra-sexual, havendo algumas brincadeiras predominantes de um sexo específico. Percebeu-se, ainda, que o conteúdo dos relatos nas entrevistas sofreu influência do contexto sócio-cultural. No segundo estudo foram aplicados dois instrumentos padronizados de medidas de gênero, encontrando que há brincadeiras predominantemente preferidas por cada sexo e que a criança tende a se identificar e preferir brincar com crianças do mesmo sexo. No terceiro estudo foi realizada a análise do comportamento não verbal de díades mistas a partir de três protocolos distintos, onde os resultados indicaram que há diferenças entre os sexos quanto aos comportamentos em si, mas que o esforço comunicativo e o *rappor*t tenderam a ser similares. Desta forma, foi encontrado que há muitas similaridades no comportamento geral entre os sexos, contudo em análises pormenorizadas pode-se perceber que há padrões específicos de cada sexo, especialmente no que se refere aos estilos de brincadeira e em padrões não verbais. Por fim, os diferentes métodos utilizados possuem vantagens e desvantagens devendo estas ser consideradas nas escolhas e combinações metodológicas de pesquisas futuras.

Palavras-Chave: gênero; criança; metodologia; *Rappor*t, psicologia evolucionista.

Abstract

Menezes, Aline Beckmann (2011). Gender differences in children: A comparison among different investigative methodologies. Doctoral dissertation. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Universidade Federal do Pará. Belém – PA. 128 pp.

Abstract: There is an extended literature about sexual dimorphism in child behavior, including studies regarding atypical gender patterns or gender non-conformity. This study proposal was elaborated upon discussions about the relation between gender and homosexual behavior. However, it was noted the need to broaden the knowledge over child gender differences through different methodologies in the investigation of gender typical behavior and the influence of these differences upon children social relations. There were made three studies. In the first one, the methodologies of observation and interview were compared, in which it was verified that most playful behaviors occurred among children of the same sex and that some were more common for a specific gender. It was also observed that the content of interviews were culturally influenced. In the second study two structured instruments were applied to measure gender, being found that there are some plays preferred by each sex and that the child usually identify itself and prefer to play with children of the same sex. In the third study the non-verbal behavior of mixed dyads was analyzed using three different protocols. The results indicated differences between sexes regarding behaviors but the communication effort and the rapport was similar. In general, it was found that there are many similarities in the general behavior between sexes, however in deeper analysis it is possible to identify specific patterns of each gender, especially regarding play styles and non-verbal behavior. Finally, the methods used have advantages and disadvantages that must be considered when choosing and combining methodologies for future researches.

Key-words: gender; child; methodology; Rapport; evolutionary psychology.

LISTA DE FIGURAS

TÍTULO	PÁGINA
Figura 1 - Classificação das categorias pelos participantes.	45
Figura 2 – Quantidade de indivíduos em cada intervalo de valores da Condição 1 (variando de 1,00 – mais feminino a 2,00 – mais masculino), de acordo com o sexo dos participantes.	62
Figura 3 – Quantidade de indivíduos em cada intervalo de valores da Condição 2 (variando de 1,00 – mais feminino a 2,00 – mais masculino), de acordo com o sexo dos participantes.	63
Figura 4 – Quantidade de indivíduos em cada intervalo de valores da Condição 3 (variando de 1,00 – mais feminino a 2,00 – mais masculino), de acordo com o sexo dos participantes.	64
Figura 5 – Quantidade de indivíduos em cada intervalo de valores do Índice de Feminilidade/Masculinidade (variando de 1,00 – mais feminino a 2,00 – mais masculino), de acordo com o sexo dos participantes.	66
Figura 6 – Gráfico das frequências das categorias comportamentais totais e por sexo.	82
Figura 7 – Frequências das categorias comportamentais por sessão.	84
Figura 8 – Valores dos componentes do fator Esforço Comunicativo (EC) de acordo com o sexo dos participantes e a média geral.	88
Figura 9 – Valores do fator Esforço Comunicativo por participante.	84
Figura 10 – Evolução do Esforço Comunicativo a cada minuto, por sessão.	89
Figura 11 – Valores de Esforço Comunicativo (EC), Índice de Assincronia (IAS) e Índice de Convergência (ICONV) de cada sessão e Média geral.	89
Figura 12 – Frequências absolutas dos elementos componentes do <i>Rapport</i> .	92
Figura 13 – Valores das Macrocategorias componentes do <i>Rapport</i> por participante.	93
Figura 14 – Valores do <i>Rapport</i> por sessão.	94
Figura 15 – Frequência de cada componente de acordo com o sexo.	95
Figura 16 – Valores dos componentes do <i>Rapport</i> e da contribuição para o <i>Rapport</i> de acordo com o sexo.	96

LISTA DE TABELAS

TÍTULO	PÁGINA
Tabela 1 - Macrocategorias definidas a partir da observação	36
Tabela 2 - Componentes do <i>Rapport</i> , as Características Inclusas nestes e suas Respectivas Valências.	79
Tabela 3 - Valores de Média, Desvio Padrão, Mínimo e Máximo da frequência de cada categoria comportamental.	83
Tabela 4 – Análise descrita da avaliação do <i>Rapport</i> por juízes leigos por sessão.	97
Tabela 5 – Valores padronizados dos diferentes protocolos para cada sessão.	98
Tabela 6 - Teste de Wilcoxon entre os valores padronizados dos três protocolos.	99
Tabela 7 - Comparação entre as metodologias utilizadas neste estudo	109

SUMÁRIO

Apresentação	1
Objetivos	2
Hipóteses e predições	3
Capítulo 1 – Relação entre gênero e orientação sexual a partir da perspectiva evolucionista	5
Capítulo 2 – Compreendendo as diferenças de gênero a partir de interações livres no contexto escolar	28
Capítulo 3 – Diferenças de gênero na preferência de pares e brincadeiras de crianças	48
Capítulo 4 – Diferenças de gênero no estabelecimento do <i>Rapport</i> em crianças	69
Capítulo 5 – Conclusão	104
Referências	111
Apêndices	122

APRESENTAÇÃO

Há uma literatura vasta sobre dimorfismo sexual no comportamento humano, inclusive entre crianças. Dentre estes estudos, há uma vertente que foca o estudo de crianças que apresentam padrões atípicos de gênero ou não conformidade de gênero. Estes estudos têm sido vinculados com o estudo do comportamento homossexual, tendo sido encontrado que não há uma correlação direta entre os dois fenômenos.

A proposta deste trabalho surgiu a partir de discussões sobre a relação entre gênero e comportamento homossexual. Contudo, percebeu-se a necessidade de ampliar o conhecimento sobre as diferenças de gênero entre crianças. Como a maioria dos estudos com este objetivo utiliza apenas a observação de brincadeiras, buscou-se aqui fazer uma comparação entre diferentes métodos utilizados na investigação de comportamentos típicos de gênero e da influência destas diferenças para as relações sociais infantis.

O Capítulo 1 apresenta a racional da proposta, com foco no ponto de partida da reflexão aqui apresentada. O Capítulo 2 apresenta um primeiro estudo, comparando os métodos de observação e entrevista. O Capítulo 3 apresenta um estudo com dois instrumentos padronizados de medidas de gênero. O Capítulo 4 apresenta um estudo de análise do comportamento não verbal de díades mistas a partir de três protocolos distintos. Por fim, na Conclusão buscou-se sintetizar os principais pontos em comum entre os capítulos anteriores e comparar os resultados obtidos a partir dos métodos utilizados.

Considera-se que este trabalho é ainda um ponto de partida e que ainda há muito a ser investigado sobre as diferenças de gênero entre crianças, especialmente no que se refere aos seus efeitos sobre a socialização. Espera-se, todavia, poder contribuir com a literatura existente e propiciar subsídios para pesquisas futuras.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Comparar diferentes métodos de investigação de diferenças de gênero em crianças a partir da perspectiva evolucionista.

Objetivos Específicos

- 1) Identificar padrões comportamentais sexualmente tipificados a partir de diferentes métodos;
- 2) Discutir a relação entre gênero e orientação sexual;
- 3) Identificar diferenças de gênero no modo de interagir e brincar em contexto escolar;
- 4) Comparar as diferenças de gênero identificadas a partir da observação direta com o relato infantil sobre tipificação de brincadeiras;
- 5) Discutir o processo de segregação sexual no brincar infantil a partir das preferências por pares e tipos de brincadeiras;
- 6) Comparar diferentes protocolos de análise do comportamento não verbal em contexto interacional diádico;
- 7) Identificar diferenças de gênero no comportamento não verbal em contexto interacional diádico;
- 8) Comparar as diferenças de gênero no processo de estabelecimento de *rapport*;
- 9) Comparar os diferentes métodos utilizados, avaliando sua pertinência em estudos posteriores.

HIPÓTESES E PREDIÇÕES

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma série de hipóteses iniciais que foram testadas através de três estudos experimentais. As principais hipóteses serão sintetizadas nesta seção, de acordo com os capítulos que descrevem a sua investigação.

- 1) Capítulo 2 – Compreendendo as diferenças de gênero a partir de interações livres no contexto escolar.
 - a. As brincadeiras infantis possuiriam diferenças, de tipo e/ou de modo de brincar, de acordo com o sexo das crianças envolvidas;
 - b. A maioria das brincadeiras seriam observadas em participantes de ambos os sexos, com predominância em apenas um;
 - c. Crianças do sexo masculino tenderiam a engajar-se em brincadeiras mais turbulentas e competitivas;
 - d. Crianças do sexo feminino tenderiam a engajar-se em brincadeiras mais cooperativas, com ênfase em componentes verbais;
 - e. Haveria maior inserção de crianças do sexo feminino em grupos predominantemente masculinos do que o inverso;
 - f. A influência das normas sociais seria maior sobre o relato verbal sobre o brincar do que sobre a prática real infantil;
 - g. O método observacional possibilitaria o acesso a diferenças sutis entre o brincar tipicamente feminino e o masculino.
- 2) Capítulo 3 – Diferenças de gênero na preferência de pares e brincadeiras de crianças.
 - a. O padrão de escolha de pares e brincadeiras seria similar ao observado em outros estudos realizados nos Estados Unidos;

- b. Haveria a preferência por pares do mesmo sexo, quando as brincadeiras fossem as mesmas;
 - c. Haveria a preferência por brincadeiras típicas do sexo, independentemente do sexo do par;
 - d. Mais crianças do sexo feminino optariam por brincadeiras típicas do sexo masculino do que o inverso;
 - e. Crianças com padrões de escolha típicos do sexo oposto seriam minoria dentre a amostra estudada.
- 3) Capítulo 4 – Diferenças de gênero no estabelecimento do *Rapport* em crianças.
- a. Os comportamentos não verbais difeririam de acordo com o sexo nas interações diádicas;
 - b. A coordenação interpessoal seria estabelecida entre os participantes;
 - c. Alguns elementos componentes do *Rapport*, teriam frequência baixa ou nula entre crianças;
 - d. Os diferentes protocolos de análise apresentariam resultados similares;
 - e. Haveria diferenças entre as díades, não relacionadas a diferenças de gênero.

CAPÍTULO 1

RELAÇÃO ENTRE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL A PARTIR DA PERSPECTIVA EVOLUCIONISTA¹

A Psicologia Evolucionista propõe o estudo de mecanismos psicológicos que foram selecionados durante a evolução da espécie humana, de modo a afetarem os comportamentos observados atualmente (Tooby & Cosmides, 2000). Esta proposta está fundamentada no paradigma darwinista de seleção das espécies e compreende que, no Ambiente de Adaptação Evolutiva, desenvolveram-se mecanismos psicológicos (relativos ao funcionamento neurológico e fisiológico do organismo) que favoreceram o rápido aprendizado de determinados padrões através da suscetibilidade a determinadas estimulações ambientais específicas – aquelas que fossem importantes para sobrevivência e reprodução.

Considerando esta perspectiva, diversos estudos têm sido realizados buscando analisar quais mecanismos foram selecionados e como ocorre o funcionamento dos mesmos no contexto atual (Tooby & Cosmides, 2000).

Uma grande influência, teórica e metodológica, desta perspectiva é a proposição por Tinbergen (1966) de quatro questões principais que norteariam as pesquisas em comportamento animal, a saber: quais são as causas imediatas de um determinado comportamento (causalidade); como ele se desenvolve durante a vida do indivíduo (ontogênese); qual a sua função (valor de sobrevivência); como ele se desenvolveu durante a evolução (filogênese).

¹ Uma versão deste capítulo foi publicada como: Menezes, A. B. C. ; Brito, R. & Henriques, A. L. (2010). Relação entre Gênero e Orientação Sexual a partir da Perspectiva Evolucionista. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, p. 113-120.

Carvalho (1988) define estas quatro questões básicas da etologia, considerando que permitem a investigação de aspectos básicos na explicação do comportamento, que seriam o que determina que um comportamento específico ocorra (causas imediatas, que podem ser estímulos externos e/ou internos com função causal) e os fatores e processos envolvidos na história de vida do indivíduo em questão (causas ontogenéticas), bem como vão além da perspectiva psicológica tradicional ao perguntar quais os fatores e processos relativos à origem dos comportamento em questão que podem ser identificados na história da espécie (causas filogenéticas) e ao questionar quais as funções adaptativas do comportamento em questão (causas funcionais). O acréscimo das duas últimas caracteriza a particularidade da proposta de Tinbergen e permite uma análise mais abrangente da origem do comportamento.

Tendo por base esta perspectiva, neste artigo pretende-se discutir a importância do dimorfismo sexual humano e sua relação com a orientação sexual. Para tal, faz-se necessário discutir a forma como serão abordados aqui alguns conceitos básicos.

Orientação Sexual

O estudo da orientação sexual humana tem sido desenvolvido há muito tempo, sob diferentes perspectivas. Em geral, as pesquisas partem de dois pressupostos básicos, a saber: (1) a heterossexualidade não requer explicação, de modo que basta ser estudada a homossexualidade (ver levantamento feito por Bem, 1996; Birke, 1981; LeVay, 1996; Trevisan, 2002, por exemplo); (2) a orientação sexual (seja ela homo ou heterossexual) caracteriza-se como fenômeno único, de modo que haveria uma resposta única para como se desenvolve este padrão (ver discussão apresentada em Menezes, 2005; Bem, 2000). Tais pressupostos permeiam a amostragem, o método e a análise dos resultados

das pesquisas desenvolvidas, de modo que não há hoje na literatura acadêmica uma posição consolidada acerca do assunto (Menezes, 2005; Poiani, 2010).

Primeiramente, o foco dos estudos existentes na compreensão do comportamento homossexual implica em duas principais conclusões: (1) a de que o comportamento homossexual seria uma anomalia, logo requereria um estudo específico como os existentes acerca de patologias; (2) a de que o comportamento heterossexual seria natural, por sua explícita função reprodutiva, logo dispensando maiores investigações.

Tal posicionamento reflete um viés dos pesquisadores (indicando uma visão limitada e atribuição de valores diferenciados aos padrões hétero e homossexual) e considera a naturalidade da heterossexualidade atribuída em função do valor reprodutivo, ignorando outras funções da prática sexual. Menezes e Brito (2007) discutem as diversas funções da prática sexual e da evolução do prazer (como o estabelecimento de vínculos afetivos), enfatizando a plasticidade sexual humana e a sua importância para o estabelecimento de vínculos entre parceiros (fundamental ao cuidado parental). Assim, as autoras propõem a possibilidade da espécie humana não ter evoluído com uma orientação sexual pré-definida, mas com seus membros sendo aptos a múltiplas estimulações sexuais que possibilitariam, como subproduto, o desenvolvimento tanto da hétero quanto da homossexualidade (esta plasticidade também é defendida por Poiani, 2010).

Pode-se questionar, portanto, se há fundamentação para a afirmação de que a heterossexualidade seria natural e, conseqüentemente, já estaria explicada (proposta defendida por muitos autores, desde o século XIX, com o trabalho de Krafft-Ebbing conforme citado por Feldman, 2003, quanto recentemente por Gooren, 2006). Para tal, seria necessário identificar os mecanismos de limitação da atração sexual à estimulação

provocada necessariamente por indivíduos do sexo oposto, isto é, que elementos genéticos e/ou fisiológicos seriam responsáveis pela identificação de indivíduos do sexo oposto e pela limitação da responsividade à estimulação sexual apenas quando provocada por estes. Tais mecanismos restritivos implicariam em um elevado custo evolutivo (ver Lorenz, 1986) e não são condizentes com a ampla suscetibilidade à estimulação observada na espécie humana (ver Kinsey, Pomeroy & Martin, 1948).

O segundo pressuposto supracitado refere-se à compreensão da orientação sexual como um fenômeno unifatorial, o que se reflete na busca por uma única teoria sobre o seu desenvolvimento (Menezes, 2005). Poiani (2010), em sua ampla revisão da literatura, lista 53 hipóteses descritas por diversos autores, podendo ser contraditórias ou complementares entre si. Desta forma, este autor considera a possibilidade de haver percursos de desenvolvimento distinto, combinando diferentes influências e apresentando diversas formas de evolução.

Kinsey *et al.* (1948) já haviam demonstrado que a orientação sexual pode ser observada a partir de um continuum de sete possíveis classificações: 1°. Exclusivamente heterossexual; 2°. Predominantemente heterossexual com episódios raros de homossexualidade; 3°. Predominantemente heterossexual com múltiplos episódios de homossexualidade; 4°. Tanto heterossexual quanto homossexual; 5°. Predominantemente homossexual com múltiplos episódios de heterossexualidade; 6°. Predominantemente homossexual com episódios raros de heterossexualidade; 7°. Exclusivamente homossexual.

Além disso, muitos autores indicam que a classificação pode variar de acordo com as dimensões investigadas da orientação sexual (ver revisão destas classificações em Menezes, 2005), como, por exemplo, atração sexual, fantasias sexuais, práticas sexuais, identidade etc. Poiani (2010) encontrou, ainda, que esta variação pode ocorrer

inclusive em um mesmo indivíduo, ao longo do tempo em sua história de vida, dependendo da característica sob análise.

Pode-se, ainda, defender que dois padrões comportamentais topograficamente similares podem resultar de diferentes histórias de aprendizagem, obtendo assim diferentes funções. Isto é, a observação de comportamentos públicos similares entre dois indivíduos não significa necessariamente que o processo de aprendizagem destes padrões tenha sido o mesmo. A inferência de uma única explicação para um fenômeno (neste caso, a orientação sexual) com base em apenas a similaridade de seu produto (no caso, o sexo do parceiro) seria uma super simplificação tanto do fenômeno em si (já que não é apenas o sexo do parceiro que leva um indivíduo a se considerar homossexual) quanto dos diferentes processos de evolução e aprendizagem de padrões comportamentais.

Assim, questiona-se o porquê das múltiplas manifestações da orientação sexual – cujas topografias de resposta são extremamente variáveis – serem consideradas como resultantes de uma mesma história evolutiva (onto e filogeneticamente). Pode-se interpretar as dissonâncias e inconsistências existentes interpesquisadores como possível fruto de serem objetos de estudo distintos, erroneamente agrupados sob uma única categoria comportamental.

Desta forma, o primeiro ponto a ser defendido aqui é a importância do estudo da orientação sexual humana como fenômeno complexo, constituído de diferentes padrões e funções.

A caracterização da orientação sexual como fenômeno complexo incorre, entre outras coisas, na necessidade de rompimento com a tradicional dicotomia inato e aprendido. Assim, a perspectiva interacionista faz-se fundamental para articular os

diferentes resultados existentes na literatura, possibilitando a interpretação de que, ao invés de contraditórios, estes seriam complementares.

Nesta direção de complementaridade – ou mesmo indissociabilidade – Bussab e Ribeiro (1998) discutem como a espécie humana é “biologicamente cultural”. Desta forma, os autores desenvolvem a noção de que o confronto entre biologia e cultura nesta espécie seria, na verdade, inconsistente, já que a estrutura biológica do ser humano evoluiu de modo a necessitar da inserção cultural e, paralelamente, a cultura se estabelece em consonância com suscetibilidades orgânicas específicas (ver ainda Skinner, 1975).

Pode-se compreender que padrões comportamentais complexos são, inexoravelmente, frutos da inter-influência biológica e cultural, em um ciclo contínuo de modificações individuais. Defende-se aqui, portanto, que se pode considerar que a orientação sexual não seria resultante diretamente nem de fatores biológicos nem de culturais, mas suas múltiplas formas de manifestação decorreriam de diferentes interações entre estes elementos e, conseqüentemente, de diferentes percursos de desenvolvimento ontogenético.

Dentre as diversas linhas de investigação sobre a determinação da orientação sexual humana, as pesquisas que envolvem padrões típicos de gênero (como diferentes preferências por brincadeiras ou habilidades na realização de diferentes tarefas, por exemplo) podem ser consideradas como exemplificação da proposta de compreensão apresentada acima (ver, por exemplo, Bem, 1996 e Van Wyk & Geist, 1984). Isto se deve porque os padrões típicos de gênero são desenvolvidos a partir da constituição biológica e de influências culturais. Faz-se necessário, assim, o esclarecimento de alguns dos principais conceitos abordados nestas pesquisas.

Sexo, Gênero, Dimorfismo Sexual e Identidade Sexual

Tradicionalmente na literatura, os conceitos de sexo e de gênero tendem a ser diferenciados a partir da dicotomia biologia e cultura. Assim, características anatômicas seriam a base para a definição de sexo enquanto que características sócio-culturais determinariam o gênero. Por outro lado, perspectivas de fundamentação evolutiva tendem a refutar a diferenciação entre os conceitos de sexo e gênero, a partir da argumentação de que comportamentos típicos de um gênero estariam invariavelmente associados ao sexo (isto é, macho/masculino e fêmea/feminino seriam relações indissociáveis) e, ainda, de que a inter-relação entre biologia e cultura se daria em todos os padrões comportamentais humanos, de forma que considerar o gênero como cultural e sexo como biológico não seria um critério suficiente para justificar a separação entre os conceitos de gênero e sexo.

Todavia, a distinção entre tais conceitos é importante, mesmo na perspectiva aqui adotada. Padrões tipicamente masculinos são mais comuns em homens que em mulheres, e vice-versa, mas há um grande número de indivíduos (independentemente da orientação sexual) geneticamente masculinos (isto é, possuem cromossomos XY) que apresentam comportamentos tipicamente femininos. Este fato demonstra que a compreensão dos padrões típicos de gênero não pode se restringir aos cromossomos sexuais, devendo abranger elementos do desenvolvimento bio-fisiológico bem como sócio-culturais.

Assim, propõe-se a adoção do termo “gênero” para se referir a padrões comportamentais tipicamente masculinos e femininos (de acordo com a maior frequência de emissão dos mesmos entre homens e mulheres), “sexo” para a diferenciação genética e morfológica dos organismos em homens e mulheres (tendo a intersexualidade como um desafio teórico de enquadramento) e, por fim, “identidade de

gênero” para a forma como um indivíduo se percebe e se classifica como masculino ou feminino.

Exemplos de padrões típicos de gênero são múltiplos, sendo alguns associados à constituição cerebral, como a agressividade, a força física, o comportamento parental etc. (Alexander, 2003; Gadpaille, 1980; Pinker, 2004). Hansen, Macarini, Martins, Wanderlind & Vieira (2007) e Silva, Pontes, Silva, Magalhães & Bichara (2006) descrevem a preferência das meninas por brincadeiras sócio-interativas, com temáticas domésticas e familiares, bem como a valorização da harmonia e da cooperação. Meninos, por outro lado, apresentam predileção por brincadeiras de contingências físicas, com temas fantásticos ou com uso predominante de ferramentas.

Lippa (2005), por sua vez, destaca diferenças na escolha ocupacional, havendo uma predileção por ocupações realistas, relacionadas a coisas e informações, por pessoas mais masculinas e uma predileção por ocupações sociais ou artísticas, relacionadas a pessoas e ideias, por pessoas mais femininas.

Para este autor, a masculinidade e a feminilidade comporiam uma dimensão bipolar contínua (M-F), havendo indivíduos de ambos os sexos situados em diferentes pontos da mesma. Lippa (2005) defende, ainda, a existência de diferenças universais que delimitam a amplitude da dimensão, mas que a influência cultural em cada contexto específico pode decorrer em uma classificação diferenciada. Isto significa dizer que há uma predisposição para comportar-se de determinadas formas de acordo com o sexo, contudo o conceito de gênero também recebe influências culturais que estabelecem critérios variados de que alguns comportamentos seriam considerados masculinos ou femininos em cada grupo.

Esta proposta é muito importante para a discussão feita neste estudo. A relação entre pressões evolutivas e o estabelecimento de práticas culturais tem sido discutida

tendo vários mecanismos psicológicos sob análise (ver o conceito de cultura evocada em Gangestad, Haselton & Buss, 2006). Pode-se propor, portanto, que evolutivamente foi importante que indivíduos do sexo masculino e do feminino tivessem diferentes mecanismos selecionados, privilegiando a especialização de tarefas segundo demandas específicas (como cuidado com a prole, a caça, etc.). Tais diferenças tornam alguns comportamentos mais prováveis do que outros, mas não impossibilitam a variabilidade comportamental, já que esta também é importante para a adaptabilidade a contextos diversos. Assim, práticas culturais emergem a partir das demandas de cada sexo, intensificando ou reduzindo o dimorfismo sexual segundo o contexto.

O dimorfismo sexual pode ser definido como as diferenças entre os indivíduos de acordo com o sexo, especialmente no que se refere às predisposições orgânicas. Por exemplo, habilidades de processamento espacial, concentração, empatia etc. têm sido demonstradas como sexualmente dimórficas na espécie humana, de modo que o sexo é um forte preditor de como tal habilidade específica pode ser desenvolvida (ver Haussmann, 2005, Lalumière, Blanchard & Zucker, 2000, Wegesin, 1998, entre outros). Kraemer, Noll, Delsignore, Milos, Schnyder & Hepp (2009) relatam que taxas elevadas de testosterona no desenvolvimento pré-natal estariam associadas à masculinização do feto, incluindo aspectos comportamentais observáveis ao longo do desenvolvimento posterior. Estes autores investigaram (a partir do cálculo da razão entre o tamanho dos dedos indicadores e anelares, conhecido pela fórmula 2D:4D) os efeitos das taxas pré-natais de testosterona sobre o transtorno de identidade de gênero e encontraram correlação negativa em participantes do sexo masculino e positiva nos do sexo feminino, isto é, indivíduos do sexo masculino com transtorno de identidade de gênero apresentaram indicativos de menores taxas de testosterona pré-natal, enquanto que os do sexo feminino com transtorno de identidade de gênero, apresentaram indicativos de

maiores taxas de testosterona pré-natal. Estes dados foram avaliados enquanto corroborando a hipótese de que os padrões típicos de gênero estariam relacionados à produção hormonal.

Alexander, Wilcox e Woods (2009), por sua vez, encontraram que o interesse em brinquedos como estímulos visuais (medido a partir da frequência e duração do olhar direcionado a bonecas ou caminhões) é sexualmente dimórfico. Enquanto meninos olham mais para os caminhões, mas com diferença não significativa, meninas olham significativamente mais para bonecas. Os autores discordam de hipóteses sociais para explicar tal diferença, já que a mesma pode ser identificada desde os nove meses de idade, isto é, antes mesmo de desenvolver uma história de interação com aqueles brinquedos em particular.

O dimorfismo sexual também é encontrado em outras espécies, especialmente em primatas, com diferenças similares às humanas. Por exemplo, Alexander e Hines (2002) e Hassett, Siebert e Wallen (2008) estudaram a preferência por brinquedos em primatas não humanos do Velho Mundo e observaram um paralelo muito forte com os dados obtidos em pesquisas com brincadeiras sexualmente tipificadas em infantes da espécie humana. Alexander e Hines (2002) observaram que os machos tendiam a passar mais tempo interagindo com bolas e carros do que as fêmeas, enquanto as fêmeas detinham-se mais prolongadamente com bonecas e painéis do que os machos. O tempo dedicado a objetos classificados como neutros (como um livro acolchoado) foi o mesmo por machos e fêmeas. Hassett *et al.* (2008), por sua vez, criaram situações de escolha contrapondo brinquedos de movimento (i.e. com rodas) e outros de apertar (i.e. pelúcia), havendo mais escolhas pelos de movimentos entre os machos, mas pouca diferença entre as fêmeas. Os dados destas pesquisas não são conclusivos, mas a ausência de atribuição de um significado cultural para os brinquedos utilizados pelos sujeitos é um

fator relevante para a identificação de diferenças de gênero que prescindem da mediação cultural.

Outro conceito que necessita ser compreendido é o de identidade sexual. Alguns autores têm discutido como padrões típicos de gênero possuem um importante papel para a construção da identidade sexual, entretanto esses conceitos não são sinônimos (ver Baker, 1980; Minton & McDonald, 1984, entre outros). Como já foi dito anteriormente, a identidade sexual refere-se à forma como um indivíduo se percebe, como membro do grupo formado por pessoas do sexo masculino ou do feminino. Gooren (2006) discute a importância deste sentimento de pertencimento, resultante da identidade sexual, para a construção da identidade como um todo.

Um bom exemplo para compreender estas distinções apresentadas é a linha de estudos com portadores de hiperplasia adrenal congênita (CAH), síndrome na qual os portadores possuem cromossomos sexuais, gônadas e sistema reprodutor interno femininos, taxas elevadas de hormônios masculinos e sistema reprodutor externo ambíguo. Estes indivíduos demonstram que a criação como meninas implica no desenvolvimento de identidade de gênero feminina, mas na manutenção de comportamentos tipicamente masculinos (ver Alexander & Hines, 2002; Almeida, 2007; Baker, 1980; Le Vay, 1996; Ricketts, 1984; Sardinha, 2007 entre outros). Poder-se-ia dizer, assim, que são pessoas do sexo feminino, com padrões típicos do gênero masculino (remetendo, inclusive à dimensão M-F proposta por Lippa, 2005), mas com identidade de gênero feminina. Pode-se esperar, ainda, que os padrões e características típicas de cada sexo sejam ambíguos, em função das taxas elevadas dos hormônios masculinos – hipótese esta que precisaria ainda ser mais investigada.

Hassett *et al.* (2008) defendem que os tipos de atividades preferidas por meninos e meninas teriam forte influência biológica, mas a sua forma de manifestação e os

brinquedos utilizados seriam derivados do contexto e da atribuição de significado social aos objetos e situações, isto é, os brinquedos possibilitariam a expressão de um modo evolutivamente selecionado de se relacionar com objetos.

Sintetizando este item, pode-se compreender que as diferenças de gênero possuem uma função evolutiva muito importante. O papel desenvolvido por machos e fêmeas na espécie humana, especialmente no que se refere ao cuidado parental, é bastante diferenciado (Keller, 2007). As fêmeas são responsáveis, principalmente, pela gestação e pelos cuidados primários logo após o nascimento, bem como pelas primeiras relações sociais. Os machos, por sua vez, adquirem a função principal de provedores e protetores da família. Estes diferentes papéis assumidos demandam o desenvolvimento de diferentes habilidades, as quais são estabelecidas a partir de diferenciações de caráter genético e de caráter cultural, de forma integrada.

Assim, meninos e meninas são predispostos, em geral, a diferentes padrões comportamentais, no sentido de que ficam sob controle de estimulações distintas e reagem diferentemente a determinadas formas de interação. Junto a isto, o desenho bio-sócio-cultural das relações e brincadeiras infantis favorece, desde a primeira infância, o desenvolvimento sexualmente dimórfico de habilidades (Hansen *et al.*, 2007).

Como Silva *et al.* (2006) destacam, a identificação com o grupo de pares é fundamental para a construção da própria identidade. Considerando o dimorfismo sexual já discutido, a tendência é de que um indivíduo identifique-se com outros membros do mesmo sexo, em função de preferências e padrões comportamentais similares. Assim, há a expectativa de que indivíduos de um determinado sexo possuam identidade de gênero e papel sexual concordantes. Como se desenvolve, portanto um indivíduo que apresenta padrões de gênero típicos do sexo oposto?

Padrões Típicos de Gênero e a Gênese da Orientação Sexual

Apesar de não haver dados estatísticos de prevalência (Associação Americana de Psiquiatria, 2003), vários autores indicam que a existência de número elevado de indivíduos que apresentam padrões de gênero típicos do sexo oposto gerou a classificação recorrente na literatura de pessoas (crianças ou adultos, homens ou mulheres) que não correspondam a esta expectativa, com diagnóstico clínico ou não, como sendo não-conformes de gênero (ver Fridell, Owen-Anderson, Johnson, Bradley & Zucker, 2006). Indivíduos classificados como não conformes de gênero teriam assim padrões típicos de gênero inversos ao sexo biológico. Contudo, não foi encontrada, ainda, nenhuma pesquisa específica sobre como ocorre a construção da identidade de gênero nestes indivíduos.

Alexander *et al.* (2009) afirmam que o interesse por atividades e brinquedos congruentes com o sexo é um fator importante para o desenvolvimento do gênero. Para estes autores, o desenvolvimento sexual do cérebro (a partir de efeitos hormonais pré-natais e neonatais) explicaria as diferenças comportamentais de gênero observadas desde a primeira infância. Ressaltam, ainda, o papel das interações sociais, enquanto socialização de gênero (como segregação sexual, estereotipia, etc.), na consolidação da identidade de gênero de cada indivíduo.

Surge aqui a necessidade de reiterar que a identidade de gênero parece resultar não apenas de padrões típicos de gênero, mas da interação dos mesmos com o ambiente social no qual o indivíduo se insere e do papel do grupo social no qual está inserido.

Paul (1993), por exemplo, afirma que indivíduos não-conformes de gênero tenderiam a ser segregados (especialmente meninos, ver Silva *et al.*, 2006 e Hansen *et al.*, 2007, entre outros), incorrendo em uma precoce observação da própria sexualidade. Cohen-Kettenis, Owen, Kaijser, Bradley e Zucker (2003) descrevem as implicações da

não conformidade de gênero (utilizando como participantes crianças com diagnóstico de transtorno de identidade sexual), especialmente nas relações sociais entre pares, sendo os meninos os mais atingidos. Segundo estes autores, tais diferenças comportamentais resultariam em relações sociais empobrecidas e, conseqüentemente, em incidência mais elevada de problemas comportamentais (tais como agressividade e hiperatividade), medidos por um instrumento padronizado. Poiani (2010) discute que vários estudos mostrariam que a não conformidade de gênero seria, em muitos casos, transitória, mas que fatores genéticos e/ou o stress social causado pela pressão para emissão de padrões típicos e até mesmo o uso da violência poderiam ser elementos responsáveis pela duração prolongada ou mesmo vitalícia da não conformidade de gênero.

Este processo de rejeição social tende a ocorrer em um período onde a interação com os pares, especialmente através da brincadeira, adquire papel fundamental para o desenvolvimento da identidade e, conseqüentemente, da identidade de gênero (ver Harris, 1999 e Silva, 2006 entre outros).

A não conformidade de gênero tem sido repetidamente correlacionada à homossexualidade, com significância elevada, mas não total. Lippa (2002) afirma que esta correlação entre meninos é de (Cohen's d D 1:31) e entre meninas (d D 0:96) (para outros dados estatísticos ver Bailey, Dunne & Martin, 2000; Cohen, 2002; Pillard & Weinrich, 1986; Purcell, Blanchard & Zucker, 2000, entre outros), inclusive em sociedades não-ocidentais (Paul, 1993). Segundo Poiani (2010), os dados de pesquisas sobre o tema mostram resultados que variam entre 6,3% a 62,5% de crianças não-conformes tornando-se adultos heterossexuais.

Para Bem (1996), as diferenças entre o que define o masculino e o feminino teriam uma base biológica (o que tem sido reiteradamente corroborado pela literatura, como já apresentado neste trabalho), tendendo a ocorrer precocemente. Tais diferenças,

em uma comunidade socialmente estruturada a partir da divisão sexual, teriam um importante papel no desenvolvimento relacional e sexual posterior.

Kraemer *et al.* (2009) encontraram efeitos significativos, através da análise de variância, entre produtos da ação hormonal (no caso, medida 2D:4D) e padrões de gênero mas não com a orientação sexual. Revendo a literatura, estes autores afirmam, ainda, que em mulheres a correlação entre hormônios e orientação sexual só ocorre quando há não conformidade de gênero. Savin-Williams e Diamond (2000) fazem uma revisão da literatura e afirmam que em muitos aspectos comportamentais, as diferenças de gênero são superiores às resultantes da orientação sexual, havendo maior correlação interna em grupos divididos de acordo com o sexo do que pela orientação sexual. Estes autores discutem, ainda, que entre homossexuais serão encontradas diferentes trajetórias de gênero (tanto conformes quanto não-conformes) não podendo ser atribuída uma relação direta entre gênero e orientação sexual.

Estes dados podem ser interpretados como indicativos que a relação entre orientação sexual e hormônios é indireta, sendo mediada pelos padrões de gênero. De acordo com a teoria de Bem (1996), seria esperada esta maior relação em indivíduos do sexo masculino, já que a influência dos pares seria mais intensa (com padrões de rejeição de indivíduos não-conforme de gênero) do que em indivíduos do sexo feminino.

Udry e Chantala (2006) discutem as diferentes teorias existentes sobre os determinantes da orientação sexual, havendo duas correntes principais – uma de cunho biológico e outra, social. Esta mesma divisão é proposta por Lippa (2002). Ambos os artigos destacam, dentre as teorias biológicas, a hipótese de influência hormonal pré-natal sobre o desenvolvimento do sistema nervoso central. Os autores defendem as teorias biológicas em função da relação entre padrões de gênero e orientação sexual,

propondo que haveria uma explicação comum aos dois, como um elemento causal. Contudo, Udry e Chantala (2006) afirmam também que a não conformidade de gênero é preditiva da orientação sexual apenas para homens e não para mulheres – o que eles explicam como havendo mecanismos diferentes para a orientação sexual masculina e feminina. Apesar dos autores classificarem a proposta de Bem (1996) como social, esta hipótese considera que haveria uma origem biológica (possivelmente na influência hormonal pré-natal) para os padrões de gênero, mas que a evolução destes para a orientação sexual seria resultante das relações sociais. Tais relações seriam mais segregacionistas de indivíduos não-conformes de gênero quando estes fossem do sexo masculino, o que ocasionaria uma maior incidência de orientação homossexual nestes (corroborando os dados obtidos por Udry & Chantala, 2006).

Silva (2006) defende o papel do vínculo estabelecido entre os pares na construção de uma cultura própria, a qual seria, inclusive, uma cultura de gênero, com normas e valores específicos pautados nos conceitos de masculino e feminino. Como o grupo tende a ser mais importante para meninos, observa-se que a segregação daqueles que não se ajustam às regras é maior do que no caso de grupos de meninas. A autora destaca ainda a intersubjetividade, como processo de desenvolvimento de sintonia e reciprocidade na relação interpessoal entre dois ou mais membros de um grupo.

Uma vez que as formas de comportar-se não são homogêneas, mas categorizadas, e na maioria das vezes, de forma oposta, (homens e mulheres; adultos e crianças etc.) as crianças precisam então descobrir ou decidir quem são, onde se encaixam, a qual grupo pertencem para a partir daí, trabalhar esta inserção. A criança se compara aos pares e assim, as meninas se tornam mais parecidas com as outras meninas e os meninos com os outros meninos. A maior preocupação de meninos e

meninas é ser como, pertencer, não estar em dissonância seja no jeito de vestir, de falar, de comportar-se etc. (Silva, 2006, p.55).

Geerts (1997) afirma que a convergência interpessoal pode ser um importante fator tanto para a satisfação nas relações interpessoais quanto, inclusive, por ter consequências sobre o desenvolvimento de quadros depressivos no curso da vida. Esta convergência seria, assim, uma importante característica para o desenvolvimento psicossocial saudável e para a criação de vínculo entre pares.

Segundo Bouhuys (2003), o estudo da interação a partir de comportamentos não verbais deve analisar a influência comportamental recíproca, ou seja, de que forma o comportamento de um indivíduo é afetado e afeta o comportamento daquele com quem interage. Para este autor tal interação não verbal pode expressar elementos da personalidade do indivíduo e é importante para o desenvolvimento de atitudes de rejeição ou aproximação (quando há reciprocidade). Assim, a convergência interpessoal seria um fenômeno que ocorreria ao longo da interação, podendo ser definida como a coordenação da interação social a partir da adoção de um mesmo ritmo, de movimentos similares, intensidades e frequências comportamentais parecidas etc. Isto é, as diferenças no modo de se comunicar não verbalmente tendem a diminuir ao longo da interação até um ponto de convergência.

Bouhuys (2003) afirma que a convergência interpessoal tem sido estudada de modo a ter sido identificada a importância da mesma para a atração e para o apego. Desta forma, na infância a convergência teria grande importância na relação mãe-bebê e com o tempo seria fundamental para o bom funcionamento e satisfação nas interações sociais com amigos e parceiros amorosos.

Assim, pode-se refinar a pergunta anterior da seguinte forma: como ocorre tal intersubjetividade quando a convergência desenvolve-se com indivíduos que

pertenceriam a outro grupo, isto é, indivíduos do sexo oposto considerando-se as normas da cultura de gênero? Ou ainda, quais os efeitos da ausência desta convergência na relação entre pares do mesmo sexo?

Bem (1996) propõe que, dependendo de fatores relativos ao processo de socialização, o desenvolvimento de uma identificação com o sexo oposto em detrimento do próprio sexo poderia levar a um sentimento de estranhamento deste, o qual evoluiria para uma atração romântico-erótica. Assim, a identidade de gênero seria fundamental – ainda mais do que simplesmente a adoção de padrões típicos de gênero – para o desenvolvimento da orientação sexual. Isto é, a identificação com o próprio sexo estaria relacionada ao estranhamento do sexo oposto e, por conseguinte, à atratividade por ele (Bem, 1996); da mesma forma que a identificação com o sexo oposto poderia favorecer o estranhamento do mesmo sexo e a decorrente atratividade por ele (para maiores detalhes acerca da base biológica da transformação do estranhamento em atração, ver Bem, 1996).

Assim, pode-se propor que haveria sido selecionada a atração sexual pelo diferente. Contudo, volta-se à questão inicial: indivíduos que se identificam com pessoas do sexo oposto tenderiam a se sentir atraídos pelos “diferentes” anatômica ou comportamentalmente? Ou ainda, o que seria fundamental para a seleção dos parceiros românticos – a diferença em si ou a construção de uma identidade sexual diferente?

Esta seleção da atração pelo diferente, sem determinar quais as diferenças específicas, seria suficiente para garantir uma maior probabilidade de atração por indivíduos do outro sexo a partir de um menor custo biológico, já que prescindiria do desenvolvimento de caracteres anátomo-fisiológicos de identificação de padrões masculinos em mulheres e padrões femininos em homens. Ambos os sexos podem ter

evoluído com um funcionamento comum, mais basilar, que seria a atração pelo diferente.

O papel da identidade sexual no desenvolvimento da orientação sexual pode ser fundamental no sentido de reduzir o determinismo absoluto entre estereotipia de gênero e orientação sexual – o qual, como afirmado anteriormente, não se sustenta a partir das evidências. Isto é, mesmo que um indivíduo apresente características típicas do sexo oposto, sua identidade com indivíduos do mesmo sexo seria uma variável relevante no estabelecimento de sua orientação sexual. Assim, seria um elo a mais na cadeia de eventos, compreendendo em si as inter-influências biológicas e sociais.

Lippa (2008) investigou se as diferenças já encontradas entre homens e mulheres heterossexuais apareceriam em amostras homossexuais. O autor relata que indivíduos bissexuais (em ambos os sexos) tendem a apresentar padrões comportamentais e resultados em testes similares aos heterossexuais. Entre os participantes homossexuais, por sua vez, foram encontrados resultados similares aos heterossexuais do sexo oposto, especialmente em interesses típicos de cada gênero e na identidade de gênero. Apesar desta pesquisa ser restrita a indivíduos britânicos, o que limita a generalidade dos dados, ela se configura como um indício preliminar da relação entre estes padrões, a identidade de gênero e a orientação sexual.

Tendo por base a proposição de Tinbergen (1966) que sugere que um dado comportamento pode ser investigado levando em consideração quatro níveis de análise (as “quatro questões” de Tinbergen), pode-se sintetizar a presente argumentação da seguinte forma, no que diz respeito à orientação sexual:

- A. Causas imediatas: Seriam causas imediatas as alterações fisiológicas resultantes das interações sociais, especialmente na segunda infância. A cada interação, o organismo produziria alterações, especialmente

hormonais, que favoreceriam o desenvolvimento da atratividade sexual por indivíduos do grupo de padrões de gênero típicos da identidade oposta à sua. Desta forma, o principal para eliciar tais alterações hormonais não seria se o outro indivíduo é do mesmo sexo ou do sexo oposto, anatomicamente falando, mas sim a que grupos de gênero tais indivíduos pertencem e com os quais se identificam.

- B. Ontogênese: A construção da identidade seria variável de acordo com cada grupo social específico e com experiências pessoais de integração, identificação e segregação social. A cultura tenderia a organizar os grupos sociais a partir de regras de conduta sexual estritamente definidas e considerando apenas duas classificações centrais – feminino e masculino. Tal dicotomização das relações sociais seria não só fortalecida por diversas práticas culturais como seria grande responsável pela segregação de indivíduos que não se enquadram neste modelo, proporcionando a criação de grupos socialmente excluídos que tenderiam a ter maior interação entre si. Desta forma, não haveria uma simples inversão de gênero, mas, a partir da construção da identidade de gênero de modo não-conforme, a criação de outra identidade específica àquele grupo em particular.
- C. Valor adaptativo: A convergência e a estranheza teriam papel fundamental, do ponto de vista biológico, para o desenvolvimento da identificação e a emissão de comportamentos respondentes de excitação sexual na presença de um determinado indivíduo, a partir da produção de hormônios específicos. O valor adaptativo destes mecanismos consiste, exatamente, na alta probabilidade de formação de grupos a partir do sexo

e no interesse pelo sexo oposto, já que a identificação com indivíduos do mesmo sexo seria mais provável e frequente. Tal interesse pelo sexo oposto é um elemento fundamental para a reprodução e, tendo por base esta proposta, teria baixo custo evolutivo (já que seriam mecanismos mais simples). A emergência de padrões atípicos de gênero seria uma das possibilidades deste princípio, com menor probabilidade de ocorrência e, assim, não afetando consideravelmente o valor adaptativo do mecanismo. Desta forma, considera-se que o valor adaptativo não seria da não conformidade de gênero ou da orientação sexual, mas do mecanismo de atração pelo diferente, de modo que a atração por indivíduos do mesmo sexo seria um subproduto deste processo (Menezes & Brito, 2007).

D. Processo evolutivo: A espécie teria evoluído com diferenças comportamentais, além das anatômicas, entre machos e fêmeas, de acordo com as demandas de especialização de papéis sexuais. Haveria, assim, uma tendência de agrupamento a partir das similaridades e de atratividade sexual por indivíduos que possuíssem papel sexual distinto. Tal produto evolutivo garantiria uma probabilidade elevada de relação entre machos e fêmeas sem custo elevado e sem prejudicar a predisposição à formação de vínculos românticos a partir da suscetibilidade ao prazer. Entretanto, possibilitaria como sub produto a evolução da atração por indivíduos do mesmo sexo, que possuíssem papel sexual distinto (como os padrões decorrentes da não conformidade de gênero).

É importante ressaltar que esta proposta não tem a pretensão de compreender o desenvolvimento da orientação sexual como um todo, já que, conforme mencionado no

princípio do texto, acredita-se que a orientação sexual é um fenômeno muito mais complexo, não possuindo apenas uma linha de desenvolvimento. Contudo, defende-se (tal qual Bem, 1996) que esta forma de analisar contempla grande parte dos dados existentes hoje na literatura e merece, assim, ser ainda melhor explorada e desenvolvida a partir de pesquisas empíricas.

Considerações Finais

A perspectiva evolucionista pode ser um olhar diferenciado para fenômenos já estudados, trazendo como sua maior contribuição a possibilidade de articulação entre a fundamentação biológica e a contextualização sócio-cultural como elementos indissociáveis para a compreensão de todo e qualquer fenômeno psicológico.

No que se refere à orientação sexual em si, este olhar se traduz na apropriação de diversos dados já existentes na literatura e na reanálise dos mesmos, de modo a destacar a influência do dimorfismo sexual (empiricamente observado a partir dos padrões típicos de gênero) na construção da identidade sexual a partir das interações sociais e do desenvolvimento da orientação sexual como decorrência deste processo.

Espera-se, assim, poder contribuir com o estudo de outros problemas de pesquisa, a partir da proposição de novos enfoques e metodologias, em especial a partir da retomada do desafio proposto por Tinbergen em 1966 de utilizar as “quatro questões” como diretrizes epistemológicas no estudo do comportamento.

O presente trabalho visa contribuir com esta discussão mais ampla a partir de um recorte sobre as diferenças de gênero na infância. Acredita-se aqui que a discussão sobre os padrões de gênero em si deve preceder qualquer debate sobre a não conformidade de gênero, ou sua relação com a orientação sexual, de modo a instrumentalizar pesquisas futuras. Há número limitado de pesquisas, especialmente na literatura nacional, voltadas

para a discussão das diferenças de gênero entre crianças e a maioria destas utiliza uma única estratégia metodológica de investigação (a observação de situações de brincadeira). Deste modo, a presente proposta teve por objetivo principal identificar as diferenças de gênero a partir de múltiplas estratégias metodológicas, possibilitando um olhar diversificado sobre estes padrões e, ainda, contribuindo com pesquisas futuras a partir da reflexão sobre as metodologias utilizadas, destacando seus alcances e limitações.

CAPÍTULO 2

COMPREENDENDO AS DIFERENÇAS DE GÊNERO A PARTIR DE
INTERAÇÕES LIVRES NO CONTEXTO ESCOLAR²

As diferenças existentes entre os sexos podem ser observadas em características anatômicas, na fisiologia e no comportamento de diversas espécies. Na humana, a origem do dimorfismo sexual comportamental tem sido alvo de polêmicas reiteradas (ver Buss, 1995; Luxen, 2007, entre outros).

Segundo Hansen *et al.* (2007), o dimorfismo sexual já foi observado em crianças a partir de um dia de vida, medido por meio da atenção (meninos direcionados mais a objetos e meninas a rostos humanos). Apesar da diversidade de padrões sexualmente dimórficos já estudados ser grande, o contexto da brincadeira tem sido privilegiado quando o foco é a infância (Burghardt, 2004). Isto porque no contexto de brincadeira sem a interferência de adultos as crianças constroem sua própria cultura, estabelecendo regras, valores, hierarquias e, conseqüentemente, construindo suas próprias identidades a partir da interação com os pares (Conti & Sperb, 2001).

Silva (2006) relata que as diferenças entre os sexos se consolidam por volta dos cinco aos seis anos de idade. Tais diferenças são percebidas na preferência por brincadeiras, nos estilos de brincar, de interagir e de se comportar em sentido mais amplo.

Silveira (2003) entrevistou crianças de diferentes faixas etárias e encontrou que, principalmente entre cinco e oito anos de idade, a classificação de brincadeiras enquanto masculinas ou femininas tendeu a ser bastante rígida – superior, inclusive, a estudos envolvendo a observação do brincar infantil.

Discutindo estas diferenças, Silva *et al.* (2006) propõem o conceito de

² Uma versão desse capítulo foi publicada como: Menezes, A. B. C., Brito, R., Figueira, R. A., Bentes, T. F., Monteiro, E. F. & Santos, M. C. (2010). Compreendendo as diferenças de gênero a partir de interações livres no contexto escolar. *Estudos de Psicologia*, 15, 79-87.

brincadeiras predominantemente masculinas e predominantemente femininas, já que a presença de crianças de ambos os sexos é frequente na maioria das brincadeiras, havendo, contudo, diferentes papéis e condutas assumidos por meninos e meninas nestas situações.

As diferenças existentes nos padrões típicos de gênero podem decorrer da segregação existente no brincar ou, inversamente, a segregação pode decorrer das diferenças de gênero (Silva, 2006).

O autor destaca ainda que apesar de na espécie humana a influência da cultura e da sociedade não poder ser ignorada, mas afirma que as diferenças existentes entre machos e fêmeas (como forrageio, socialização, reprodução, esquiva de predadores, etc.) possuem predisposições genéticas, hormonais e neurais, de modo que há de se esperar tais diferenças também no brincar.

Segundo Biddulph (2006) em crianças do sexo masculino, aos quatro anos os níveis de testosterona dobram, refletindo em comportamentos mais agitados e brincadeiras movimentadas. Aos cinco anos, a testosterona cai pela metade e a criança tende a se acalmar um pouco, mas mantém as preferências por atividades mais turbulentas. Quanto ao desenvolvimento cerebral, crianças do sexo masculino têm seus cérebros desenvolvidos mais lentamente e com menos conexões entre os hemisférios esquerdo e direito, devido à reduzida ação do estrogênio. Na faixa dos seis aos sete anos, o desenvolvimento mental, especialmente da coordenação motora fina, das crianças do sexo masculino é de seis a 12 meses atrasado relativamente às do sexo feminino (Biddulph, 2006). É nesta faixa etária também que, segundo Ellis (2004), ocorre a adrenarca, isto é, o despertar das glândulas adrenais implicando em mudanças físicas e no desenvolvimento das respostas biocomportamentais sexualmente dimórficas frente ao estresse, com homens adotando o padrão de luta-ou-fuga e mulheres de

proteção-e-aproximação (Taylor *et al.*, 2000).

Van de Beek *et al.* (2009) afirmam que a preferência por brinquedos, sendo bonecas e utensílios domésticos escolhidos pelo sexo feminino e veículos e armas pelo masculino, é um dos padrões de comportamentos no qual se pode observar o dimorfismo mais precocemente. Segundo estes autores, o dimorfismo sexual no comportamento humano seria decorrente de alterações no desenvolvimento cerebral fetal a partir da influência de hormônios pré-natais (especialmente durante o pico de testosterona, entre as semanas 8 e 12 da gravidez). Estes autores encontraram índices significativamente superiores de testosterona no líquido amniótico de fetos do sexo masculino e de estradiol no de fetos do sexo feminino. As crianças deste estudo foram observadas novamente aos 13 meses de idade, demonstrando preferência por brinquedos masculinos por parte dos meninos e por brinquedos femininos pelas meninas. Os autores discutem este dado como evidência da relação entre produção hormonal intra-uterina e preferências infantis.

Não se propõe, todavia, que a cultura seja descartada a partir de evidências da relação entre produção hormonal e dimorfismo sexual (bem como outras evidências existentes na literatura da área, que indicam influências biológicas sobre o comportamento). A cultura e a ontogênese podem “diminuir, exagerar ou ainda inverter as diferenças sexuais”, já que “masculinidade-feminilidade é uma das dimensões culturais fundamentais” (Luxen, 2007, p. 383). Contudo, a Psicologia Evolucionista propõe que os diferentes papéis assumidos ao longo da história evolutiva geraram diferentes pressões seletivas e, conseqüentemente, o desenvolvimento de mecanismos cognitivos especializados para cada sexo (ver Buss, 1995). Desta forma, “papéis sexuais fazem sentido sob o ponto de vista evolucionista” (Luxen, 2007, p. 391) e as hipóteses evolutivas sobre as diferenças sexuais demonstram ter poder heurístico e preditivo

(Buss, 1995).

Vários estudos discutem as diversas formas de brincar observadas em cada espécie. Contudo, a função do brincar para tais indivíduos ainda não é consensual. Hansen *et al.* (2007) apresenta as duas perspectivas mais comuns, a primeira, proposta por Smith (1982 citado por Hansen *et al.*, 2007), foca em benefícios para a vida adulta (como o treino de habilidades) e a segunda, proposta por Bjorklund (1997 citado por Hansen *et al.*, 2007) defende benefícios imediatos (como a interação social e o próprio prazer obtido com o brincar). A perspectiva mais moderna, que tem sido defendida por muitos autores (como Hansen *et al.*, 2007), refere-se à combinação de ambas as perspectivas.

Por exemplo, para Burghardt (2004), nem toda forma de brincar tem a mesma origem neurobiológica ou evolutiva. Ao longo da evolução, o brincar adquiriu diversas funções, favorecendo a complexidade comportamental, emocional e cognitiva. Este autor discute, ainda, que o brincar teria funções imediatas, em especial na infância, e preparatórias (favorecendo o desenvolvimento de habilidades e características necessárias para a vida adulta). As funções imediatas estariam relacionadas, por exemplo, ao desenvolvimento perceptual e motor e de habilidades de comunicação que fossem fundamentais para a sobrevivência ao estágio do desenvolvimento em questão. Pode-se considerar, desta forma, que tanto por suas funções imediatas quanto pelas preparatórias, o brincar seria resultado da história evolutiva.

Este estudo propõe a investigação das diferenças sexuais no comportamento de crianças de aproximadamente sete anos, em contexto de brincadeira livre. Como já apontado pela literatura, espera-se encontrar a distribuição dos comportamentos enquanto predominantemente masculinos, predominantemente femininos ou gerais (Silva *et al.*, 2006). A pergunta aqui proposta é de se estas diferenças observadas no

contexto do brincar seriam compatíveis com o dimorfismo sexual previsto a partir da perspectiva evolucionista. Para tal, propõe-se a observação das diferenças sexuais presentes no brincar livre e a discussão destas diferenças sob o olhar da psicologia evolucionista.

Além disso, pretende-se investigar se as normas sócio-culturais, por sua vez, iriam ao encontro desta tendência evolutivamente selecionada, fortalecendo ou enfraquecendo noções de masculino e feminino. Carvalho, Beraldo, Pedrosa e Coelho (2004) discutem o uso de entrevistas com crianças e afirmam que “seus relatos tentam aproximar suas respostas daquelas que se supõem mais aceitas socialmente” (p. 293). Desta forma, propõe-se que a amplitude da influência social poderá ser investigada através da comparação da segregação sexual explicitada no discurso infantil e daquela observada diretamente no comportamento.

Método

Participantes

Participaram da Fase 1 deste estudo 73 alunos (sendo 41 do sexo masculino e 32 do sexo feminino) pertencentes a duas classes da 2^a/9 e duas classes da 3^a/9 do ensino fundamental, com idades entre 6 e 7 anos, regularmente matriculados em uma escola particular da cidade de Belém, Pará. Na Fase 2, participaram 21 alunos (sendo 10 do sexo masculino e 11 do feminino) do mesmo grupo original.

Foram admitidos como participantes apenas aqueles alunos cujos pais ou responsáveis autorizaram oficialmente a realização da pesquisa, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido³.

Ambiente

³ Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário João de Barros Barreto da Universidade Federal do Pará, Protocolo N° 3708/07.

A pesquisa foi conduzida no ambiente escolar. A escola escolhida possui um projeto pedagógico inclusivo de crianças portadoras de necessidades especiais e de aceitação de padrões comportamentais típicos do sexo oposto (como meninas jogando futebol e meninos brincando de boneca).

As observações ocorreram no recreio, em um espaço de aproximadamente 1.442 m², com revestimento predominantemente de areia (partes em grama e passarelas em concreto). Havia dois acessos à área, ambos localizados nas laterais dos refeitórios existentes (para melhor detalhamento do ambiente de coleta, ver Apêndice I). As crianças circulavam por todo o espaço, concentrando-se na área livre e no parquinho (composto por oca; casinha – simulando uma casa; casa do parque – com escorrega, gangorra, argola, rampa, etc.; gira-gira; balanço; gangorra; escorrega).

Material e Equipamento

Foram utilizados: caneta; folha de registro de observação; questionários de classificação de brincadeiras – adaptados de Beraldo (1993); cinco câmeras de vídeo; 16 fitas de vídeo e quatro mini-dvds.

A folha de registro continha quatro colunas, em uma das quais havia as categorias comportamentais, já preenchidas, e nas demais eram feitos registros de acordo com os pares com quem ocorria a categoria (só, apenas com meninos, apenas com meninas ou misto). O questionário foi adaptado para utilização de brincadeiras que fizessem parte do contexto real das crianças, sendo as mesmas escolhidas a partir das sessões de observação.

Procedimento

Fase 1 – Observação e Registro

Inicialmente foram realizadas três sessões, de aproximadamente 30' cada, de registro cursivo simultaneamente a partir de cinco diferentes pontos, objetivando:

familiarizar as pesquisadoras com o ambiente; reduzir o impacto de suas presenças frente ao comportamento das crianças e possibilitar a elaboração de categorias comportamentais. Após as sessões iniciais, filmaram-se quatro sessões de aproximadamente 30' cada, uma por semana, sempre durante o recreio.

Foi contabilizado, a cada minuto, o número de ocorrências de cada categoria comportamental apenas para participantes do sexo feminino, registrando o grupo com o qual interagiu. Não foi registrada a duração da ocorrência. Repetiu-se, então, o procedimento para os participantes do sexo masculino. Para considerar a criança como parte de um grupo, observava-se tanto a proximidade física quanto o engajamento na mesma atividade que as demais.

As quatro sessões de registro filmado totalizaram 4h:28m:45s de filmagem em condições de análise, considerando os cinco pontos de observação.

Fase 2 – Entrevistas

Na Fase 2, foram realizadas entrevistas individuais com os 21 participantes cujos pais ou responsáveis autorizaram a participação, utilizando o questionário de classificação de brincadeiras, adaptado de Beraldo (1993). O questionário era dividido em duas partes.

A primeira parte do instrumento constava de quatro perguntas: 1. Qual sua brincadeira predileta? 2. Por quê? 3. Onde você costuma brincar disso? 4. Com quem você costuma brincar disso? Todas as questões eram repetidas para as quatro brincadeiras prediletas do participante. No registro da quarta resposta (“com quem...”) era anotado o sexo das pessoas com quem compartilhavam a brincadeira.

A segunda parte constava da lista de nove comportamentos selecionados a partir dos resultados da Fase 1, sendo três mais frequentes entre meninos (Correr, Brincar de luta, Brincar na oca), três mais frequentes entre meninas (Conversar, Gangorrear e

Dançar) e três mais frequentes para ambos (Brincar no gira-gira, Cavar a areia e Brincar de pega-pega). Era lido um comportamento e feitas três perguntas ao participante: 1. Quem faz mais isso é menino, menina ou os dois? 2. Por quê? 3. Você faz isso?

Estando o pesquisador e a criança na brinquedoteca, era feita uma interação informal com o participante explicando que seriam feitas perguntas sobre brincadeiras e que ele podia solicitar a interrupção da entrevista a qualquer momento.

Resultados e Discussão

Na Fase 1, as três sessões de registro cursivo possibilitaram a criação de categorias comportamentais para análise e a familiarização com o ambiente e os participantes. A interferência externa foi minimizada ao longo das sessões.

Foram registradas 65 categorias comportamentais diferentes, sendo analisadas apenas aquelas com frequência superior a 10 ocorrências para qualquer sexo, totalizando 20 categorias (nos Apêndices II e III constam as descrições das categorias utilizadas na Fase 1 deste estudo e de suas subdivisões, respectivamente).

Foi calculado então, para cada categoria, se esta ocorria predominantemente em participantes do sexo feminino (compondo a Macrocategoria “Feminino”), do sexo masculino (compondo a Macrocategoria “Masculino”) ou se não predominava em nenhum dos casos (compondo a Macrocategoria “Geral”). Para ser incluída em cada categoria, era necessário que mais de 70% das ocorrências fossem registradas naquele grupo específico.

A Tabela 1 apresenta as Macrocategorias, com seus respectivos percentuais de ocorrência: 90% (“Feminino”), 78% (“Masculino”) e 82% (“Geral”).

Na Macrocategoria “Feminino”, foram inseridas sete categorias comportamentais. Destas, quatro estão relacionadas diretamente à interação social:

Gangorrear (requer um segundo participante); Sentar um atrás do outro (brincadeira de trezinho, requerendo a participação de outras pessoas); Falar com o observador (interação verbal); Ser girado estando sentado (interação passiva, já que requer a ação de outra pessoa para o brinquedo funcionar). Duas indicam a busca por interação e/ou contato: Sentar no banco das professoras e Balançar no banco das professoras. É importante ressaltar que a escolha daquele banco em particular estava relacionada à presença das professoras, já que na ausência delas, outros bancos e balanços eram escolhidos.

TABELA 1

Macrocategorias definidas a partir da observação

Macrocategoria	Comportamentos	% Concordância	
		Item	Categoria
Feminino	Gangorrear	100%	90%
	Sentar um atrás do outro (Trenzinho)	100%	
	Sentar no alto do gira-gira	98%	
	Balançar no banco das professoras	95%	
	Falar com o observador	93%	
	Ser girado estando sentado	71%	
	Sentar no banco das professoras	70%	
Masculino	Brincar na oca	74%	78%
	Brincar com o observador	82%	
	Brincar de luta	78%	
Geral	Girar por fora do gira-gira	96%	82%
	Falar/Conversar	95%	
	Brincar na areia	86%	
	Dar as mãos	86%	
	Girar estando sentado	84%	
	Jogos de Pega	82%	
	Pendurar-se no gira-gira	77%	
	Observar grupo	74%	
	Observar um colega	73%	
Correr	70%		

Buss (1995) afirma que as mulheres tendem a possuir mais habilidades verbais

que homens. Contudo, o presente dado não reflete apenas as habilidades existentes. Pode-se considerar que a busca por atividades que envolvam a coordenação de ações com um parceiro e que sejam interativas era funcional no ambiente de adaptação evolutiva, já que as mulheres tendiam a criar as crianças e realizar atividades domésticas em conjunto. Percebe-se, assim, funções imediatas e posteriores da busca pela interação, já que a proximidade a outras meninas e a mulheres mais velhas favorecia a aprendizagem de habilidades necessárias à sua sobrevivência, bem como a proteção frente a perigos iminentes.

A categoria Sentar no alto do gira-gira, também inserida na Macrocategoria “Feminino”, implica em habilidade motora e de equilíbrio refinados. Biddulph (2006) dá indícios de que com o desenvolvimento motor mais precoce, as participantes do sexo feminino teriam, nesta idade, maiores condições de desempenhar comportamentos que demandem habilidades como equilíbrio.

Na Macrocategoria “Masculino”, foram inseridas apenas três categorias: Brincar com o observador, Brincar de luta e Brincar na oca. Este resultado reflete dois aspectos do dimorfismo sexual no contexto de brincadeira.

O primeiro é a maior frequência de brincadeiras turbulentas entre os meninos (ver, por exemplo, Cordazzo, Westphal, Tagliari, Vieira & Oliveira, 2008), nas quais se enquadram as duas primeiras categorias aqui inseridas, já que as brincadeiras com o observador ocorriam principalmente quando os participantes do sexo masculino estavam correndo e interagiam a partir de brincadeiras agitadas (como pulos, gritos, caretas, etc.), como foi observado em 87% das interações. Já as meninas tendiam a passar próximo das câmeras andando e, assim, quando buscavam interação tendiam a fazê-lo a partir do diálogo (90% das vezes em que interagiram com o observador).

Apesar de que Brincar na oca não caracterize uma brincadeira turbulenta em si

mesma, esta foi observada como um ambiente para brincadeiras de ação, inseridas no contexto de Brincadeiras de pega e de Super-herói.

Outro aspecto é o número reduzido de categorias. É importante ressaltar ainda que, como já foi observado anteriormente na literatura (ver Silva, 2006 e Hansen *et al.*, 2007, entre outros), a aceitação de meninas em grupos masculinos é superior ao inverso. Em decorrência disto, observa-se um maior número de categorias femininas do que masculinas, pois algumas brincadeiras preferidas pelos meninos não foram enquadradas na Macrocategoria “Masculino” em função da elevada inserção feminina nas mesmas.

Por exemplo, apesar de Correr ser inserida na Macrocategoria “Geral” (por ter 70% de chance de ocorrer tanto com um sexo quanto com outro), em 75% dos registros havia indivíduos do sexo masculino envolvidos no comportamento. Isto se deve ao fato que este era um comportamento frequente entre meninos de um modo geral, enquanto que tendia a ser mais frequente entre as meninas na presença de indivíduos do sexo masculino.

Taylor *et al.* (2000), discutem a inserção de mulheres em grupos masculinos sob outra perspectiva complementar – segundo este autor, a busca por fêmeas em se inserir em grupos masculinos teria muitas vantagens adaptativas, pois aumentaria a sua proteção por machos e, paralelamente, diminuiria a probabilidade de vitimização pelos mesmos. Essa demanda de proteção teria exercido uma pressão seletiva, de modo que a atração feminina por pertencer a grupos masculinos teria sido selecionada, tornando-se um mecanismo cognitivo inconsciente e, logo, podendo se manifestar em diferentes faixas etárias e contextos.

Na Macrocategoria “Geral”, foram inseridas 10 categorias. Este elevado número de categorias demonstra que a maioria das atividades é desempenhada por participantes de ambos os sexos. Deste modo, pode-se hipotetizar que a adoção de muitos padrões de

interação e tipos de brincadeiras é potencialmente similar entre os sexos, mas práticas culturais de segregação intensificam diferenças existentes, como as de cunho biológico já discutidas.

Estes dados corroboram a proposta de Silva *et al.* (2006) da terminologia “predominantemente feminino” e “predominantemente masculino”, indicando que a exclusividade de gênero em uma brincadeira é menos frequente.

Contudo, a análise das ocorrências dentro da Macrocategoria “Geral” indica que há diferenças sexuais mesmo em brincadeiras comuns a ambos os sexos. Por exemplo, as categorias Falar/conversar e Dar as mãos tiveram 95% e 86% de probabilidade, respectivamente, de ocorrer para ambos os sexos. Contudo, apenas 48% e 43% das ocorrências foram no sexo masculino. Pôde-se perceber, ainda, que 79% das ocorrências foram exclusivamente intra-sexuais, indicando que, apesar de ocorrerem em ambos os sexos, estas categorias podem possuir diferentes funções.

A literatura tem sugerido que indivíduos do sexo masculino precisaram ter desenvolvido habilidades relativas à formação de redes sociais que possibilitassem a manutenção/aquisição de status e poder político, além de estarem primordialmente vinculados a partir de uma tarefa específica em desenvolvimento. Por outro lado, a vinculação entre indivíduos do sexo feminino teria o objetivo de criar redes sociais de apoio mútuo e afetividade, favorecendo o auxílio em determinadas tarefas relativas ao cuidado parental e à construção de laços sócio-emocionais. Desta forma, a vinculação estabelecida entre indivíduos do sexo masculino pode ser considerada tão importante quanto entre indivíduos do sexo feminino, mas ainda assim diferente (Taylor *et al.*, 2000).

Com o objetivo de aprofundar a análise das brincadeiras, analisou-se ainda a forma de brincar e os pares mais comuns nas brincadeiras.

A brincadeira mais frequente foi Girar no gira-gira, com 687 registros (39% por meninos e 61% por meninas), demonstrando-se como mista, havendo indivíduos de ambos os sexos presentes em 80% dos registros. Vale ressaltar que a presença de um grupo de meninas no brinquedo não impedia a presença de um único menino, enquanto que o inverso não ocorria, possivelmente porque raramente o gira-gira foi observado sem a presença de meninas (2% das situações), de modo que estar nesse brinquedo implicava quase obrigatoriamente em brincar com as meninas. Essa interpretação foi corroborada posteriormente a partir da entrevista com um menino que relatou que o gira-gira era um brinquedo de ambos os sexos “*porque os meninos não podem expulsar as meninas de lá*” (S.I.C.).

As brincadeiras “Brincar na areia” e “Jogos de pega” foram frequentes para ambos os grupos, contudo, foram registradas em 96% das ocorrências em interações intrasexuais.

Algumas brincadeiras foram registradas apenas por participantes do sexo masculino (Escorregar e Brincar com bonecos de super-herói) e outras apenas por participantes do sexo feminino (Gangorrear, Sentar um atrás do outro (Trenzinho) e Dançar).

Apesar de esses dados contribuírem para o estudo das diferenças de gênero no brincar, buscou-se compreender a segregação sexual em brincadeiras comuns a ambos os sexos. Del Giudice (2009) afirma que em alguns casos as diferenças entre os sexos são qualitativas e não quantitativas, de modo que a forma com que os dados são tratados pode indicar erroneamente uma similaridade comportamental que, sob uma análise mais detalhada, seria reduzida. Assim, buscou-se observar diferenças topográficas em uma mesma brincadeira.

Este foi o caso das formas de brincar no gira-gira. Além da frequência ter sido

superior para o sexo feminino, houve duas topografias exclusivas do grupo feminino (Ser girado estando deitado e Ficar em pé no gira-gira) e duas outras topografias com predominância de 98% e 71% neste sexo (Sentar no alto e Ser girado estando sentado, respectivamente).

Brincar na areia ocorreu 60% das vezes no grupo feminino e 40% das vezes no masculino. Contudo, percebeu-se que apenas no sexo masculino ocorreram brincadeiras como Chutar a areia e Pegar areia e jogar em outra pessoa, ainda que cada representasse apenas 3% das ocorrências. Por outro lado, apenas no grupo feminino foi observada a brincadeira Fazer bolinho (com 18% das ocorrências totais). Apesar de aparentemente Cavar a areia ter sido a forma de interação mais frequente tanto no grupo masculino quanto no feminino (com 32% e 42% das ocorrências totais, respectivamente), ainda assim este padrão ocorria apenas intragrupo. Pôde-se perceber que as meninas tendiam a passar mais tempo nesta atividade, fazendo buracos rasos e espalhando a areia (enfeites) enquanto os meninos faziam buracos mais fundos, “muralhas” e mudavam de brincadeira mais rapidamente. Este resultado indica a riqueza de uma brincadeira particular, especialmente para estudos de gênero. Sugere-se, assim, estudos posteriores focados em diferentes derivações de uma brincadeira mais ampla.

Os Jogos de pega também foram frequentes em ambos os grupos, mas predominantes em interações intra-sexuais (91% dos registros). A forma de brincar mais frequente de cada grupo (Pira-bola⁴ no masculino e Polícia e ladrão⁵ no feminino) não foi registrada como ocorrendo entre os participantes do outro grupo. Essa diferença

⁴ Pira-bola é uma brincadeira caracterizada por uma criança sendo responsável por procurar os demais participantes, que estão escondidos, enquanto protege uma bola em um local demarcado. Ao encontrar um participante, ambos correm até a bola e se o que procura for o primeiro a chegar, o que estava escondido fica fora da brincadeira. Caso algum dos escondidos consiga chutar a bola, todos os que estavam fora da brincadeira, são inseridos novamente.

⁵ Polícia e ladrão é uma brincadeira na qual são formados dois times. O time da polícia deve perseguir os integrantes do time ladrão e, caso os alcance, levá-los a um local definido como cadeia. Os demais membros do time ladrão podem entrar na cadeia e libertar os seus companheiros, caso consigam chegar lá sem serem alcançados pelos membros do time polícia.

corroborar expectativas da literatura de que meninos tenderiam a variações mais turbulentas e as meninas privilegiariam jogos em equipes e com regras mais definidas (ver Burghardt, 2004). Além disso, o Pega-pega, que foi registrado com frequência similar em ambos os grupos, ocorreu apenas em interações intra-sexuais.

Essa distribuição sexual nas variações dos Jogos de pega reflete, além das diferenças nas preferências pelo estilo de brincadeira, a predileção por pares do mesmo sexo. Este dado corrobora os achados com a aplicação da Entrevista Estruturada de Preferências de Parcerias e Estilos de Brincadeiras, desenvolvido por Alexander e Hines (1994). Estes autores encontraram uma forte correlação entre o sexo do participante e o sexo do parceiro escolhido, bem como entre o sexo do participante e os estímulos escolhidos (classificados como estímulos masculinos ou femininos). Em condições em que havia conflito entre a brincadeira e o gênero do parceiro (meninos com brincadeiras tipicamente femininas e vice-versa), foi encontrada uma predominância por escolhas baseadas no estímulo, em detrimento da parceria. Assim, pode-se perceber um padrão similar a este quando as crianças escolhiam prioritariamente brincadeiras típicas do seu sexo e, quando se engajavam na mesma brincadeira, escolhiam parceiros do mesmo sexo.

Na Fase 2, foram analisadas as 21 entrevistas, sendo 11 com participantes do sexo feminino e 10 com o sexo masculino.

Na pergunta sobre as brincadeiras prediletas, foram classificadas como Outros todas as brincadeiras que foram mencionadas por apenas um participante. Das 25 brincadeiras inseridas nesta legenda, apenas duas apareceram tanto para o sexo feminino quanto para o masculino (Cartas e Quebra-cabeça). Quanto à variabilidade, o sexo masculino apresentou um maior número de brincadeiras, sendo 50% das respostas diferentes entre si (Ver televisão; Ben-Dez (relógio); Memória; Luta; Jacaré; Iô-iô;

Garrafão; Galo; Cobra grande; Casinha; Bicicleta; Balanço; Ação (monstro, fantasma)⁶), enquanto o feminino obteve 39% de respostas diferentes (Pular; Patins; Pata Cega; Nadar; Elástico; Dentro e fora; Correr; Comidinha). Pode-se perceber perfis diferentes de preferências, sendo as brincadeiras destacadas pelos meninos mais turbulentas que as das meninas.

As brincadeiras Pega e Desenho foram as únicas mencionadas por ambos os sexos. Pode-se destacar, contudo, a presença das brincadeiras Boneco (com quatro registros no sexo masculino) e Boneca (com três registros no sexo feminino), nas quais o gênero do brinquedo era atribuído espontaneamente pelas crianças, com exemplos de brinquedos muito diferentes por meninos e meninas (como heróis/monstros e bebês, respectivamente).

Outra diferença que pode ser destacada refere-se às formas de brincar de Pega. As participantes do sexo feminino apresentaram oito diferentes variações da brincadeira, enquanto que os do sexo masculino apresentaram cinco – o que corrobora os dados obtidos na Fase 1 (ver Silva, 2006; Hansen *et al.*, 2007 entre outros).

Quando questionados quanto ao porquê de preferirem tais brincadeiras, os participantes demonstraram dificuldade em explicar. Aproximadamente metade das respostas foi descritiva da ação, seguida da resposta “porque gostam” (30% das situações) e por “porque é fácil” ou “porque ganham” (10% das vezes). No sexo masculino observou-se ainda a resposta “porque é coisa de menino” enquanto que no sexo feminino apareceram respostas de competição e estética (referentes a orientações maternas sobre emagrecimento).

Os locais citados pelos participantes como aqueles onde ocorrem as brincadeiras

⁶ Jacaré, garrafão, galo, cobra grande e ação são variações de brincadeiras que envolvem corrida, perseguição e luta.

favoritas foram: casa, escola, rua, casa da avó, fazenda/sítio, caratê e praia. De forma compatível com a amostra – crianças urbanas de classe média – percebeu-se a predominância da casa e da escola.

Quando perguntados com quem costumam brincar das brincadeiras citadas como preferidas, os participantes tenderam a citar pares da mesma faixa etária (95% das respostas) e do mesmo sexo (78% das respostas femininas e 55% das masculinas). Foi mais comum que participantes do sexo masculino citassem pares do sexo oposto do que o contrário, o que corrobora os dados de maior inserção do sexo feminino no universo lúdico masculino (Hansen *et al.*, 2007).

A segunda etapa da entrevista consistiu na classificação das brincadeiras: Conversar; Gangorrear e Dançar (“Femininos”, conforme a Fase 1); Correr, Brincar de Luta e Brincar na Oca (“Masculinos”); e Brincar no Gira-gira; Cavar areia e Brincar de Pega (“Gerais”).

As respostas fornecidas pelas crianças (Figura 1) demonstraram predominância da classificação “Geral” (55% das respostas), sendo 25% do total das respostas atribuindo brincadeiras às meninas e 20% aos meninos. Este dado contraria os dados existentes na literatura de maior estereotipia no relato (Silveira, 2003), o que pode indicar o reflexo da proposta pedagógica da escola sobre as verbalizações das crianças ou mesmo de mudanças nos costumes e normas sociais sobre os papéis sexuais. O uso da entrevista, como já defendido por Carvalho, Beraldo, Pedrosa e Coelho (2004), reflete mais a concepção das crianças, com maior influência cultural, do que o que realmente é vivido por elas.

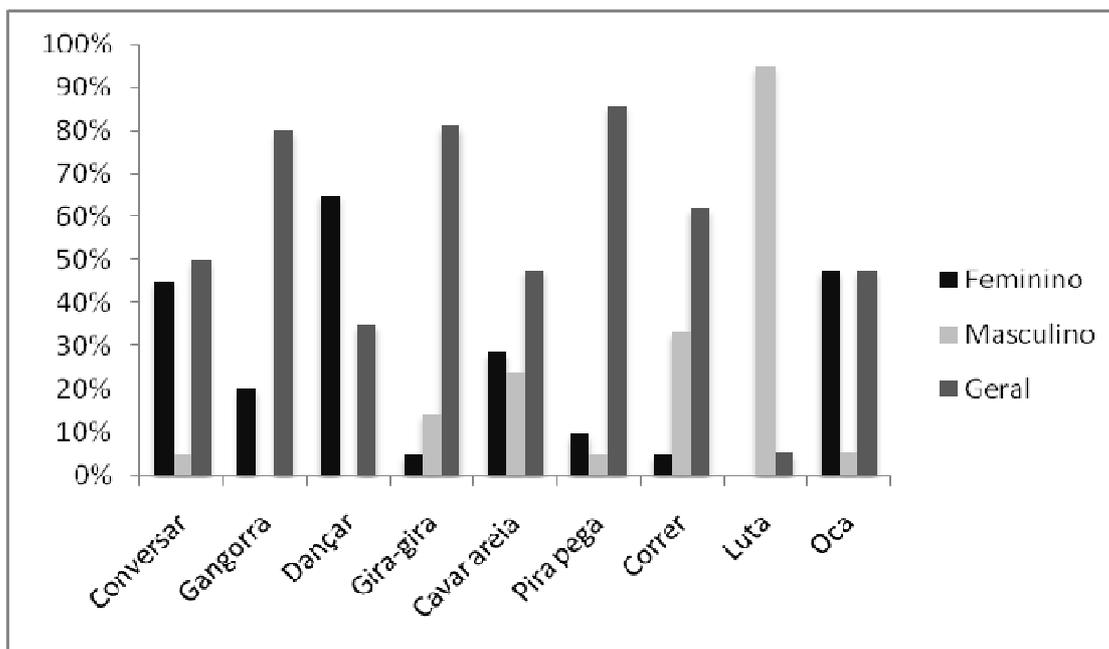


Figura 1 - Classificação das categorias pelos participantes.

As três categorias mais classificadas como “Gerais” foram o Brincar de pega (86% das respostas), o Brincar no Gira-gira (81%) e o Gangorrear (80%). Contudo, pode-se observar a estereotipia sexual também nas respostas da entrevista. A categoria com maior percentual de atribuição ao sexo masculino foi Brincar de luta (95%), sendo que Correr, apesar de ter 62% das respostas como “Geral”, foi mais frequente para o sexo masculino (33%) que o feminino (5%). Brincar na oca havia sido observado como mais frequente entre os meninos, contudo, nas entrevistas, foi classificado predominantemente como “Geral” ou “Feminino” (47% em ambas). Como já havia sido percebido na fase de observação e na literatura, a inserção feminina ocorre em um maior número de brincadeiras. Assim, a única categoria que não obteve nenhuma resposta como sendo uma brincadeira “Feminina” foi Brincar de luta, enquanto Gangorrear e Dançar (com 20% e 65% de respostas como Feminino) não obtiveram nenhuma classificação enquanto “Masculinas”.

Apesar de ambos os grupos tenderem a classificar as categorias predominantemente enquanto “Gerais”, os participantes do sexo masculino

classificaram as demais categorias predominantemente como masculinas (63% das atribuições a apenas um sexo) e as do sexo feminino como femininas (72% das atribuições a apenas um sexo). Esta diferença na forma de classificar pode indicar que estas classificações eram autoreferenciais, como foi percebido nas respostas quanto ao porquê de suas classificações, por exemplo: “porque eu brinco e fulano também, então é dos dois” ou “porque eu olho pro lado e vejo menino e menina”. Estes dados corroboram os achados de Carvalho, Beraldo, Pedrosa e Coelho (2004) que encontraram o uso de categorias autoreferenciais principalmente em respostas que atribuíam uma brincadeira a ambos os sexos, enquanto que quando era relatada a estereotipia, as respostas tendiam a refletir valores e normas sociais.

Considerações Finais

O presente estudo contribuiu com a literatura existente sobre brincadeira ao possibilitar a comparação entre o observado e o falado (na revisão feita por Codazzo, Martins, Macarini & Vieira, 2007, as pesquisas tendiam a optar por um ou outro método). A observação direta demonstrou ser mais precisa, podendo identificar de que forma os padrões acontecem. Contudo, é um método muito mais trabalhoso e complexo de coleta e análise de dados. As entrevistas, por outro lado, são de simples aplicação, mas demonstraram refletir maior influência de normas culturais sobre o que é falado, bem como de experiências pessoais na formação de regras explicativas. Quanto ao uso de entrevistas com crianças, Carvalho, Beraldo, Pedrosa e Coelho (2004) afirmam que “seus relatos tentam aproximar suas respostas daquelas que se supõem mais aceitas socialmente” (p. 293). Desta forma, o uso de entrevistas deve ser feito para apreender a concepção e a compreensão da criança sobre o brincar, enquanto que “os estudos observacionais fundamentam a possibilidade de descrição e compreensão do

funcionamento do espaço natural” (Cordazzo *et al.*, 2008, p.428).

O presente estudo buscou demonstrar, ainda, que as brincadeiras devem ser observadas de modo a distinguir as diferentes topografias de resposta e as parcerias estabelecidas para a realização de cada uma delas, já que a contabilização final de brincadeiras e de parceiros intra e intersexuais (como usualmente se observa na literatura) omite as particularidades das diferenças de gênero nas formas de brincar uma mesma brincadeira. Assim, defende-se a perspectiva de Del Giudice (2009) quanto às diferenças qualitativas entre os sexos e a importância de uma análise mais detalhada, para permitir a identificação de nuances não aparentes em uma análise mais geral.

Pode-se perceber, ainda, que a perspectiva interacionista proposta pela Psicologia Evolucionista (que já vem sendo adotada em estudos sobre brincadeiras – ver Burghardt, 2004, Hansen *et al.*, 2007 entre outros) possibilita não só o registro das brincadeiras mais frequentes, mas a reflexão sobre a origem das diferenças de gênero no brincar, focalizando a relevância adaptativa destas predisposições tanto para a sobrevivência do infante quanto para o desenvolvimento apropriado do adulto no Ambiente de Adaptação Evolutiva. Este *continuum* na forma de se comportar pode ser observado a partir do seguinte paralelo: Lippa (2005) investigou diferenças sexuais na escolha de atividades profissionais em adultos, encontrando resultados similares aos existentes na literatura de brincadeira (ver Cordazzo *et al.*, 2007), isto é, homens optando por atividades mais realistas e materiais, enquanto as mulheres preferiam atividades mais abstratas e sociais.

CAPÍTULO 3

DIFERENÇAS DE GÊNERO NA PREFERÊNCIA DE PARES E BRINCADEIRAS DE CRIANÇAS

O estudo de padrões sexualmente dimórficos na infância tem privilegiado o contexto da brincadeira (Burghardt, 2004), seja diretamente – através da observação (ver, por exemplo, Blanch & Bakeman, 1978) – ou indiretamente – através de entrevistas e instrumentos padronizados (ver, por exemplo, Finnegan, Niccols, Zacher & Hood, 1991). O uso de aspectos relacionados à brincadeira deve-se ao fato de que a brincadeira é atividade central na vida infantil, possibilitando a construção de sua cultura e identidade a partir da interação com os pares (Conti & Sperb, 2001).

Já em 1977, Fagot identificou padrões sexualmente dimórficos nas preferências infantis (entre 3 e 4 anos). Meninas tenderam a preferir brincar de arte, cozinha, boneca e de vestir fantasias, enquanto meninos tenderam a preferir brincar com blocos de construção, brinquedos transportadores e brincadeiras externas na areia. De um modo geral, comportamentos atípicos do sexo tendiam a ser punidos por professores e pares quando emitidos por meninos, mas não quando por meninas. Ainda assim, independentemente do sexo, comportamentos atípicos raramente recebiam qualquer espécie de encorajamento ou reforço social sendo, na melhor das hipóteses, ignorados.

Liss (1981) investigou não só a preferência por tipo de brinquedo, mas também a forma de brincar, expondo crianças de sexos diferentes aos mesmos brinquedos. Meninos tendiam a preferir brinquedos tipicamente masculinos ou neutros, enquanto meninas tendiam a preferir brinquedos femininos. Quando meninas brincavam com brinquedos masculinos, o estilo de brincadeira tendia a ser similar ao de meninos. Contudo, meninos brincando com brinquedos femininos, tendiam a adotar um estilo de brincadeira diferente, favorecendo habilidades espaciais, por exemplo. Com isso, a

autora discute que ao escolher um parceiro para brincar, a criança pode não utilizar o sexo da outra criança em si como critério, mas o estilo de brincadeira que a outra criança possui. O que é corroborado, inclusive, pela maior inserção de meninas nos grupos masculinos do que o inverso (Menezes *et al.*, 2010).

Jacklin, Di Pietro e Maccoby (1984) encontraram que crianças de aproximadamente 3,5 anos tendem a preferir brincar com brinquedos típicos do sexo ou com brinquedos neutros, sendo esta preferência fortalecida pelo comportamento parental, que tende a iniciar brincadeiras congruentes com o sexo da criança. Apesar disso, mães tendiam a iniciar mais brincadeiras femininas do que os pais, e vice-versa, independentemente do sexo da criança.

Mais recentemente, muitos estudos encontraram evidências de que este dimorfismo ocorre muito cedo na vida de seres humanos. Alexander *et al.* (2009) encontraram que crianças entre 4 e 8 meses de idade apresentaram padrões sexualmente dimórficos de atenção a objetos (caminhão e boneca). Apesar de nem todos os resultados obtidos terem sido estatisticamente significativos, este dado é um indicativo de que bebês são atraídos por diferentes aspectos dos objetos, de acordo com o sexo.

Bailey, Bechtold e Berenbaum (2002), estudando meninas com características comportamentais masculinas (*tomboy*), afirmam que padrões comportamentais sexualmente atípicos são mais comuns no sexo feminino que no masculino. As participantes do estudo feito por estes autores apresentavam as principais diferenças em três aspectos: preferência pelo par na brincadeira; interesses e atividades sexualmente dimórficas; e identidade de gênero. Nestes três aspectos foram obtidas correlações significativas comparando resultados obtidos em diversos instrumentos (questionários, entrevistas, observações, etc.) utilizados com meninas masculinas (*tomboy*), suas irmãs femininas e seus irmãos.

Em um estudo realizado com crianças gêmeas holandesas entre 7 e 10 anos de idade, Beijsterveldt, Hudziak e Boomsma (2006) observaram que a não conformidade de gênero é mais comum do que o transtorno de identidade de gênero. Isto é, comportamentos atípicos do sexo não significam necessariamente a presença de um transtorno de identidade de gênero, podendo o indivíduo sentir-se à vontade com o próprio sexo, mesmo comportando-se de forma diferente da média de seus pares. Os autores encontraram, ainda, que a não conformidade de gênero é mais comum entre crianças do sexo feminino e que fatores genéticos exercem importante papel nas preferências infantis.

Na escolha de pares de brincadeiras, as crianças tendem não só a preferir pares do mesmo sexo, como a evitar aqueles do sexo oposto (Golombok *et al.*, 2008). A estereotipia comportamental de acordo com o sexo foi medida longitudinalmente por Golombok *et al.* (2008), mantendo-se estável e ainda se intensificando com o tempo. Os autores interpretam os resultados como evidência de influências biológicas sobre as preferências precocemente identificadas (aos 2,5 anos de idade) e do fortalecimento das mesmas a partir da interação com pares do mesmo sexo e da influência cultural ao longo do tempo. Este mesmo resultado foi obtido com crianças com comportamentos sexualmente atípicos, apresentando fortalecimento desses padrões ao longo do tempo.

De modo similar Jadva, Hines e Golombok (2010) defendem que a socialização ou o desenvolvimento cognitivo podem atuar sobre estas preferências, fortalecendo as diferenças ao longo da vida da criança. Estes autores encontraram que crianças entre 1 e 2 anos tendem a preferir brincadeiras sexualmente dimórficas, com meninos preferindo carros e meninas bonecas.

Pode-se perceber, por esta breve revisão, que há evidências consolidadas na literatura sobre o dimorfismo sexual na preferência de pares e brincadeiras infantis,

desde idades precoces. Contudo, surge aqui a questão de como explicar a origem destas diferenças.

Há três correntes principais que buscam a explicação destas diferenças: aprendizagem social; desenvolvimento cognitivo; aspectos biológicos e evolucionistas.

A proposta dos teóricos da aprendizagem social, como Bussey e Bandura (1999), é de que a criança já nasce em um mundo sexualmente dividido e é estimulada diferencialmente, sendo reforçados padrões comportamentais típicos do sexo e punidos ou ignorados os comportamento atípicos. Desta forma, as diferenças de gênero seriam socialmente construídas a partir da interação com os outros, especialmente adultos (Jadva, Hines & Golombok, 2010).

A perspectiva cognitiva parte do pressuposto de que a criança forma categorias mentais de feminino e masculino, de modo que ao se identificar como membro de uma destas categorias, tende a procurar atividades e pares compatíveis com sua própria identificação (Jadva *et al.* 2010). O maior desafio desta perspectiva é explicar como tais constructos de masculinidade e feminilidade se desenvolveriam e a partir de que idade poder-se-ia dizer que a criança já os possui.

A perspectiva biológica predominante refere-se à ação de hormônios pré-natais que influenciariam a suscetibilidade individual a determinadas estimulações. Assim, a partir desta ação, crianças do sexo masculino teriam, por exemplo, maior agressividade e maior habilidade espacial, enquanto as do sexo feminino processariam melhor a imagem de rostos e teriam melhor coordenação motora fina (Alexander, 2003).

Alexander (2003) discute a perspectiva evolucionista de compreensão do padrão sexualmente dimórfico de preferência de brincadeiras infantis. Segundo esta autora, tais preferências são manifestações precoces do papel de gênero a ser desenvolvido na vida

adulta. No Ambiente de Adaptação Evolutiva (AAE) as pressões exercidas sobre machos e fêmeas eram diferentes entre si. Assim, houve a seleção de diferentes mecanismos, relacionados a padrões comportamentais distintos observados até hoje na espécie humana. Por exemplo, parcerias masculinas eram importantes para momentos como a caça e a proteção de recursos, enquanto que parcerias femininas estavam relacionadas à coleta de alimentos e ao cuidado parental.

Nesta perspectiva, as habilidades espaciais masculinas seriam importantes para a caça e captura de animais, bem como para a própria localização espacial. Já mulheres teriam habilidades ligadas à identificação de formas e cores e memória da localização de objetos, o que favoreceria o forrageio. Tais diferenças implicariam em crianças do sexo masculino terem preferência por brinquedos como bolas e carros, os quais estão relacionados ao movimento. Por outro lado, crianças do sexo feminino teriam preferência por cores quentes e bonecas, o que estaria ligado ao forrageio e ao cuidado parental (Alexander, 2003).

Evidências que corroboram esta perspectiva podem ser obtidas através de pesquisas que identificaram o dimorfismo sexual precoce, indicando que a criança ainda não possui uma concepção sobre a sua classificação sexual, contudo já apresenta padrões de preferência distintos. Assim, a ação de hormônios pré-natais pode afetar o desenvolvimento do sistema nervoso central de modo que haveria um padrão sexualmente dimórfico, selecionado ao longo da evolução da espécie, para a suscetibilidade a formas e estimulações específicas.

Concordando com esta perspectiva, Van de Beek, van Goozen, Buitelaar e Cohen-Kettenis (2009) afirmam que a preferência por brinquedos é um dos padrões de comportamentos no qual se pode observar o dimorfismo mais precocemente, o que decorreria de alterações no desenvolvimento cerebral fetal a partir da influência de

hormônios pré-natais (índices significativamente superiores de testosterona no líquido amniótico de fetos do sexo masculino e de estradiol no de fetos do sexo feminino). Estes autores encontraram padrões sexualmente dimórficos de preferência por brinquedos em crianças com 13 meses de idade.

Shirley e Campbell (2000) encontraram diferenças nas preferências infantis aos 3 meses de idade e destacam que o brincar possui motivadores intrínsecos que podem diferir de acordo com o sexo da criança. Concluem assim que “a criança traz tanto ao ambiente quanto o ambiente traz à criança” (p. 17), isto é, a criança tanto aprende as diferenças de gênero a partir de um ambiente assim dividido e estruturado quanto traz para esse ambiente já suas predisposições e predileções.

Desta forma, como afirma Alexander *et al.* (2009), compreender a existência de características biologicamente definidas não significa que o meio não exerça um importante papel reforçando estas diferenças. Processos sociais e cognitivos se estabeleceriam sobre uma base de preferências pré-existentes por categorias de brinquedos e brincadeiras (ver Alexander *et al.*, 2009 e Luxen 2007, por exemplo).

Uma evidência do papel do ambiente é encontrada no estudo de Bianchi e Bakeman (1978). Estes autores relatam que evidências dos padrões sexualmente dimórficos remontam a década de 1930, sendo reiteradamente estudados e corroborados por diferentes pesquisadores, com múltiplas metodologias e em diversas culturas, mas que encontraram uma significativa diminuição da estereotipia sexual em padrões de brincadeira infantil quando a escola era planejada de forma a não enfatizar as diferenças sexuais, mas sim estimular a interação entre meninos e meninas.

Esta visão interacionista foi corroborada 30 anos depois por Golombok *et al.* (2008), ao identificar que a estereotipia dos padrões sexualmente dimórficos tende a crescer com a interação restrita a indivíduos do mesmo sexo.

De acordo com Iervolino *et al.* (2005), hoje há um consenso de que a socialização, o desenvolvimento cognitivo e fatores biológicos contribuem interativamente com o desenvolvimento do comportamento sexualmente dimórfico. Investigando mais de 8 mil indivíduos, estes autores encontraram que há contribuições tanto genéticas quanto ambientais, sendo as primeiras mais fortes sobre características pessoais e as segundas sobre tipos de atividades e interesses.

Outro estudo que identifica o papel ambiental no fortalecimento do dimorfismo sexual é o de Pomerleau, Bolduc, Malcuit e Cossete (1990). Estes autores observaram que o ambiente planejado pelos pais para recém-nascidos é bastante diferente de acordo com o sexo da criança, de modo que desde os 5 meses de idade, as crianças são expostas a diferentes cores, objetos, sons, etc.

O estudo das diferenças de gênero na infância é de grande relevância por diversos motivos. Busey e Bandura (1999) afirmam que a maior parte da vida social é estruturada a partir da divisão de gênero, com expectativas sociais referentes a padrões comportamentais tipicamente masculinos ou femininos. Pode-se destacar aqui o fato de que crianças com padrões atípicos do seu sexo, consideradas não conformes de gênero, tendem a apresentar uma série de dificuldades de socialização e integração com seus pares.

Fridell *et al.* (2006) encontraram que meninos identificados como não-conformes de gênero possuíam maior dificuldade em se inserir socialmente do que os demais meninos, limitando as interações desenvolvidas com outras crianças, principalmente as do sexo masculino.

Cohen-Kettenis *et al.* (2003) também estudaram o impacto da não conformidade de gênero sobre a socialização e o desenvolvimento infantil, encontrando que crianças diagnosticadas com Transtorno de Identidade de Gênero (GID) apresentaram maior

número de problemas comportamentais gerais e menor competência social, com elevadas alterações emocionais e déficits comportamentais. Segundo os autores, o ostracismo social foi correlacionado com maior número de problemas comportamentais, especialmente entre crianças do sexo masculino devido às relações sociais mais empobrecidas que as do sexo feminino (o que reflete a rejeição social de meninos femininos já mencionada anteriormente). Resumidamente, os autores concluíram que tanto para as crianças do sexo masculino quanto as do feminino, as relações com os pares foram o mais forte preditor de problemas comportamentais.

Van Beek, Van Dolderen e Dubas (2006) identificaram uma relação entre problemas nas relações sociais e a origem da depressão. Para estes autores, a falta de habilidades sociais pode levar à rejeição pelos pares e, conseqüentemente à depressão. Assim, fatores que, como a não conformidade de gênero, afetam o estabelecimento de relações sociais e a inserção em grupos e podem contribuir com uma queda na qualidade de vida destas crianças.

Focando em crianças não conformes de gênero, Beijsterveldt, Hudziak e Boosma (2006) mediram o risco destas apresentarem problemas emocionais e comportamentais. Estes autores encontraram que estas crianças apresentaram mais risco de problemas emocionais, como ansiedade, e comportamentais, como agressividade e quebra de regras, que as crianças com comportamento típico de gênero. Apesar de mais meninas apresentarem não conformidade de gênero, tais problemas emocionais e comportamentais pareceram mais frequentes entre os meninos, o que pode indicar uma maior tolerância ao comportamento atípico feminino do que ao masculino (o que é corroborado pelos dados de Fagot, 1977, quanto às críticas de pais, professores e pares ao comportamento não conforme de gênero, especialmente de meninos).

Zucker, Wilson-Smith, Kurita e Stern (1995) utilizando histórias de crianças fictícias e a classificação de quanto cada criança participante desejaria ser amiga das crianças da história, identificaram que as crianças do sexo masculino tendem a preferir como amigos aqueles com maior índice de masculinidade. A presença de um único comportamento tipicamente feminino já influenciava a valorização desta criança pelo grupo, de modo que quanto mais feminino, menos era desejado como amigo. Inversamente, quanto mais masculina fosse uma criança do sexo feminino, mais ela era preferida pelos participantes do sexo masculino.

Resultados inversamente similares foram obtidos com participantes do sexo feminino. Isto é, independentemente do sexo da outra criança, havia uma predileção por crianças com comportamento mais feminino. Contudo, a rejeição de meninas masculinas foi muito menor entre as participantes do sexo feminino do que a rejeição de meninos femininos por participantes do sexo masculino – o que corrobora os estudos descritos anteriormente sobre impactos emocionais e inserção social de meninos não conformes de gênero.

Pode-se perceber, portanto, que estudos sobre como se configuram tais diferenças de gênero e seus impactos são de grande relevância tanto para a compreensão do desenvolvimento destes padrões quanto para a intervenção favorecendo a qualidade de vida destas crianças.

Finnegan, Niccols, Zacher e Hood (1991) destacam a importância de haver instrumentos adequados para a medida de padrões típicos de gênero (mesmo que nunca possam substituir a entrevista clínica). Segundo estes autores, os instrumentos deveriam ser de fácil aplicação, mas provendo informações suficientes para contribuir com o trabalho clínico. Da mesma forma, o ideal seria que os resultados obtidos permitissem a

visualização de uma distribuição contínua entre níveis de feminilidade e masculinidade, ao invés de valores dicotômicos.

Para tal, estes autores propõem o uso de um instrumento de medida parental, isto é, um questionário sobre comportamentos e preferências da criança que deveria ser respondido pelos pais. Apesar dos atributos estatísticos do instrumento proposto, pode-se questionar se a medida parental não pode mascarar dados de não conformidade de gênero, seja porque a criança omite certos padrões de seus pais, seja porque os mesmos não queiram reconhecer padrões que são socialmente condenados.

Fridell *et al.* (2006) testaram a validade de um instrumento de fácil aplicação direta a crianças, a Entrevista Estruturada de Preferências de Parcerias e Estilos de Brincadeiras (PPPSI). Este instrumento foi desenvolvido por Alexander e Hines (1994) e utilizado por outros autores (Fridell *et al.*, 2006; Pasterski, 2002; Zucker, 2005) apresentando elevada correlação entre o gênero (masculinidade/feminilidade) e as respostas obtidas, independentemente do sexo dos participantes.

A entrevista consiste na apresentação de 40 situações de escolha, nas quais são dispostas duas figuras bidimensionais e em preto-e-branco. Em uma primeira condição, há 14 pares com o desenho de um menino e de uma menina, ambos com o mesmo brinquedo. Na segunda condição, há 13 pares com o desenho de crianças sexualmente ambíguas, sendo que em uma figura há um estímulo tipicamente masculino e na outra, um feminino. Destes 13 pares, quatro estímulos são brinquedos; quatro são tipos de brincadeiras; quatro são níveis de atividade; e no último par há a figura de um grupo de quatro crianças, sendo em um desenho todas do sexo masculino e no outro do sexo feminino. Na terceira condição, há 13 pares de figuras conflitantes, isto é, com o desenho de uma figura feminina junto a um estímulo masculino e o outro com uma figura masculina junto a um estímulo feminino. Tem sido encontrada uma forte

correlação entre o gênero do participante e o parceiro, bem como entre o gênero e o estímulo escolhidos. Na condição conflitante, os resultados obtidos na literatura até o momento indicam que há uma predominância por escolhas baseadas no estímulo, em detrimento da parceria.

Outra medida de fácil aplicação consiste no teste “Desenho da Figura Humana” (Zucker, Finegan, Doering, & Bradley, 1983), que já foi utilizado previamente por diversos autores (Franco, Karp & Schottenbauer, 2005; Fridell *et al.*, 2006) para identificação de conformidade de gênero, apresentando elevada correlação com preferências de brincadeiras e vestuário. Para tal, é aplicada apenas a primeira parte do teste, ou seja, é solicitado o desenho de “uma pessoa”. É entregue uma folha de papel A4 em branco e um lápis de grafite. A literatura indica que o sexo da primeira pessoa desenhada tende a ser aquele com quem o participante mais se identifica.

O presente estudo teve por objetivo avaliar se o PPPSI e o Desenho da Figura Humana seriam instrumentos válidos para investigação de padrões típicos de gênero também no Brasil, discutindo se os mesmos itens elaborados e aplicados em outras culturas também indicariam uma correlação entre padrões e o sexo de crianças de Belém-Pará-Brasil.

Método

Participantes

A pesquisa foi realizada com 234 crianças, entre 09 e 11 anos de idade. Destas, 120 eram do sexo feminino e 114 do sexo masculino, todas com padrão típico de gênero.

Todos os participantes foram selecionados a partir da listagem de alunos de salas de aula de 4^a/9 e 5^a/9 séries do ensino fundamental de escolas particulares, nas quais foi

obtida autorização da instituição e dos pais mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Ambiente

A aplicação dos instrumentos foi feita simultaneamente a um grupo de alunos, com média de 30 alunos, na sala de aula usual dos mesmos. As carteiras eram dispostas de forma que possibilitasse o sigilo das informações.

Material e Equipamentos

Foi utilizada uma encadernação padronizada para esta pesquisa, contendo dois instrumentos.

Os instrumentos utilizados foram: o teste “Desenho da Figura Humana” (adaptado) e a Entrevista Estruturada de Preferências de Parcerias e Estilos de Brincadeiras (PPPSI – sigla em inglês).

O teste “Desenho da Figura Humana” consistia na primeira folha de papel da encadernação (após a capa). Esta folha continha um comando digitado no topo, onde se lia “Desenhe uma pessoa. Pode ser **qualquer** pessoa que você quiser!”.

A Entrevista Estruturada de Preferências de Parcerias e Estilos de Brincadeiras (PPPSI) iniciava logo em seguida, consistindo em 40 folhas com situações de escolha das três condições que compõem o instrumento.

Procedimento

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa⁷, foi obtida a autorização das escolas para a realização da pesquisa. Foi enviada, então, uma carta explicativa do projeto, junto ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a todos os pais ou responsáveis de alunos das séries estudadas. Após o recebimento dos termos assinados, foi agendada uma visita à escola para aplicação dos instrumentos.

⁷ Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará, sob Protocolo N°039/09 CEP-ICS/UFPA.

No dia programado, cada aluno recebeu uma encadernação. Para cada encadernação foi atribuído um código, de modo a possibilitar a análise anônima dos instrumentos.

Após a apresentação das pesquisadoras, os participantes eram informados que iriam contribuir respondendo sobre suas preferências de brincadeiras. Foram informados, ainda, que todos iriam preencher o instrumento juntos, avançando página por página de acordo com a orientação das pesquisadoras.

Primeiramente, os participantes foram convidados a fazer o desenho de uma pessoa em uma folha de papel com lápis disponibilizado para eles. Eram orientados, ainda, a atribuir um nome ao desenho de modo a favorecer a identificação do sexo do mesmo. Quando a criança solicitava por desenhar mais pessoas, ela era autorizada, mas uma marcação era feita sinalizando qual havia sido o primeiro desenho realizado.

Em seguida, as crianças eram orientadas a virar a página. Era lido comando da primeira situação de escolha do PPPSI (por exemplo, “*Tip gosta de brincar de luta. Top gosta de jogar jogos de tabuleiro. Com quem você prefere brincar, Tip ou Top?*”) e as crianças marcavam a resposta no instrumento.

Após o encerramento, todas as crianças devolviam os instrumentos para as pesquisadoras e retornavam à aula normalmente.

Análise de Resultados

Para a análise dos dados, foi atribuído o número “1,00” para o sexo feminino e o número “2,00” para o masculino, para as variáveis “Sexo do Participante”, “Sexo do Desenho” e “Sexo da Escolha”. Foram realizados testes estatísticos descritivos e de significância (foi escolhido o χ^2 em função da natureza dos dados).

A partir das escolhas individuais em cada par de figuras do instrumento, agrupou-se os resultados a partir do cálculo da média das respostas obtidas nos pares de

cada condição, obtendo-se assim resultados para a Condição 1, Condição 2 e Condição 3, com amplitude entre 1 e 2 (sendo 1 a pontuação mais feminina e 2 a mais masculina, conforme o que era esperado pela estrutura do instrumento). A média dos resultados obtidos nas três condições foi considerada como o Índice de Feminilidade-Masculinidade de cada participante (IFM).

Resultados e Discussão

Com relação aos desenhos feitos pelas crianças, 82,5% das meninas desenharam primeiro uma pessoa do sexo feminino, 13,3% do sexo masculino e em 4,2% dos desenhos não foi possível identificar o sexo da figura (personagens andróginos de desenhos animados, por exemplo). Entre os meninos, 76,3% desenharam uma pessoa do sexo masculino e 21,1% do sexo feminino (com 2,6% das respostas sem ser identificado o sexo do desenho). Desta forma, observou-se que o sexo do participante e o sexo do primeiro desenho feito estão significativamente correlacionados ($\chi^2_1=94,632$, $p<0,001$, $V=0,647$).

Quanto à Condição 1, na qual ambas as opções apresentavam a mesma brincadeira, mas com bonecos de sexos opostos, participantes do sexo masculino tenderam a optar por figuras que continham bonecos do sexo masculino, enquanto as participantes do sexo feminino tenderam a optar por figuras que continham bonecos do sexo feminino (Figura 2). Este resultado foi obtido tanto com a média da Condição 1 ($\chi^2_{37}=192,664$, $p<0,001$, $V=0,909$) quanto com cada uma das 14 situações de escolha que compõem esta Condição. Obteve-se como resultado uma distribuição bimodal, onde 43 das 120 meninas escolheram figuras do sexo feminino em todas as situações e 41 dos 114 meninos escolheram figuras do sexo masculino em todas as situações.

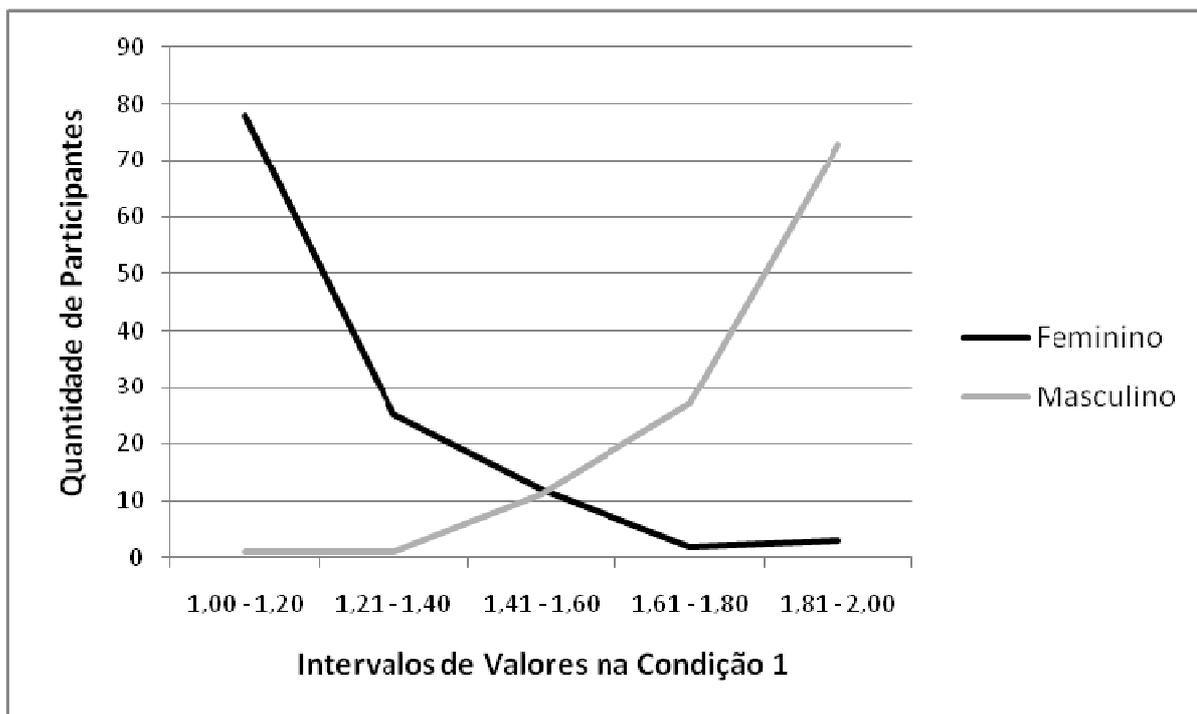


Figura 2 – Quantidade de indivíduos em cada intervalo de valores da Condição 1 (variando de 1,00 – mais feminino a 2,00 – mais masculino), de acordo com o sexo dos participantes.

Da mesma forma, o sexo do desenho feito pela criança estava significativamente correlacionado ao sexo do boneco escolhido pela criança nas figuras da Condição 1 ($\chi^2_{37}=102,935$, $p<0,001$, $V=0,675$).

Na Condição 2, na qual a figura não permitia a identificação do sexo do par da brincadeira mas contrapunha como opções uma brincadeira tipicamente masculina e outra tipicamente feminina, também foi obtida correlação entre os escores das escolhas e o sexo do participante ($\chi^2_{35}=178,166$, $p<0,001$, $V=0,873$) e entre os escores das escolhas e o sexo do desenho feito pelo participante ($\chi^2_{35}=100,812$, $p<0,001$, $V=0,668$). Apesar da correlação ter sido significativa também na Condição 2, pode-se perceber que houve maior variação entre as respostas dos participantes, relativamente à Condição 1 (Figura 3).

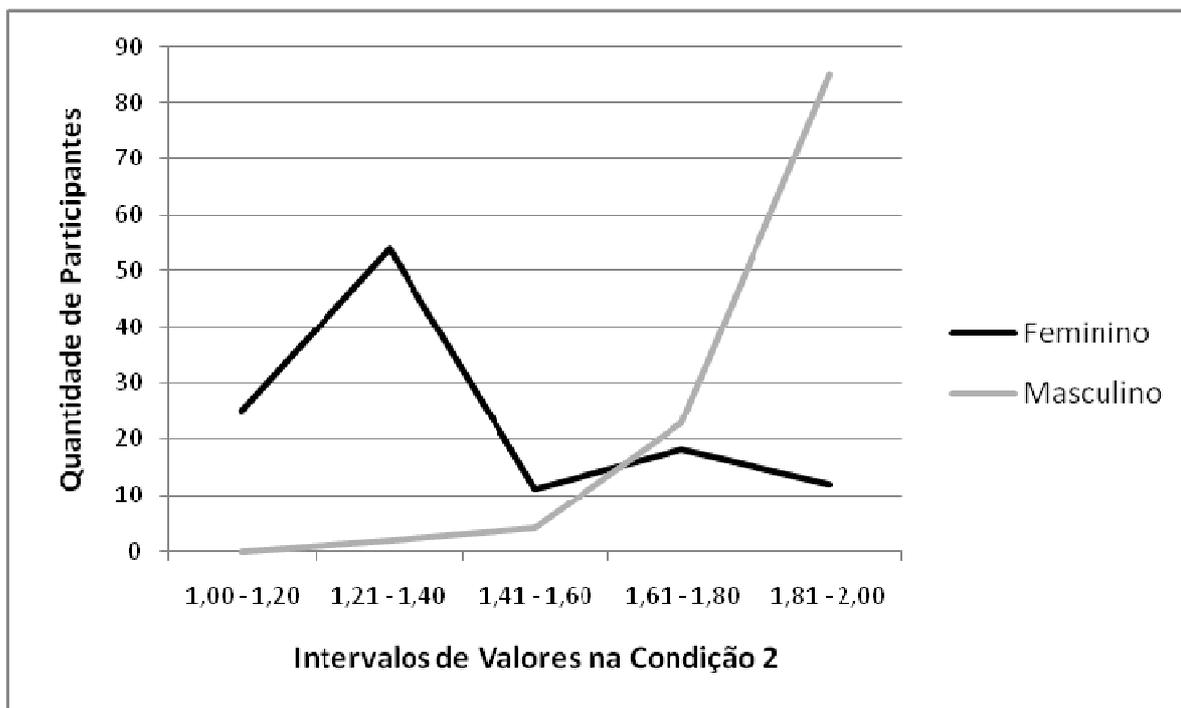


Figura 3 – Quantidade de indivíduos em cada intervalo de valores da Condição 2 (variando de 1,00 – mais feminino a 2,00 – mais masculino), de acordo com o sexo dos participantes.

Analisando cada uma das 13 situações de escolha, não foi obtida correlação em apenas uma das situações, a que contrapunha “Andar calmamente pelo quintal e explorar o espaço” a “Correr pelo quintal” ($\chi^2_1=2,533$, $p=0,111$, $V=104$). Nesta situação, 52,5% das respostas das meninas foram “Andar calmamente pelo quintal e explorar o espaço” (resposta tida como tipicamente feminina - TF) e 47,5% escolheram “Correr pelo quintal” (resposta tida como tipicamente masculina - TM). Ainda, nesta situação, 57,9% dos meninos realizaram a escolha tipicamente masculina, enquanto 42,1% destes optaram pela atividade tipicamente feminina. Pode-se questionar que a expressão “explorar o espaço” pode ter tido múltiplas interpretações de que atividades estariam envolvidas, de modo a gerar padrões tão diversos de respostas, tanto entre meninos quanto entre meninas.

Na Condição 3, na qual uma atividade tipicamente masculina desempenhada por uma figura feminina era contraposta a uma atividade tipicamente feminina

desempenhada por uma figura masculina, também foi obtida correlação entre os escores das escolhas e o sexo do participante ($\chi^2_{33}=145,284$, $p<0,001$, $V=0,788$) e entre os escores das escolhas e o sexo do desenho feito pelo participante ($\chi^2_{33}=82,763$, $p<0,001$, $V=0,605$) (Figura 4). Para esta condição, foi utilizado para o cálculo da correlação o sexo relativo à atividade e não ao par presente na figura (conforme descrito na literatura, por exemplo Fridell *et al.*, 2006; Pasterski, 2002; Zucker, 2005). Assim, pode-se entender que os participantes tenderam a responder de acordo com as atividades apresentadas e não com os parceiros presentes nas respectivas atividades.

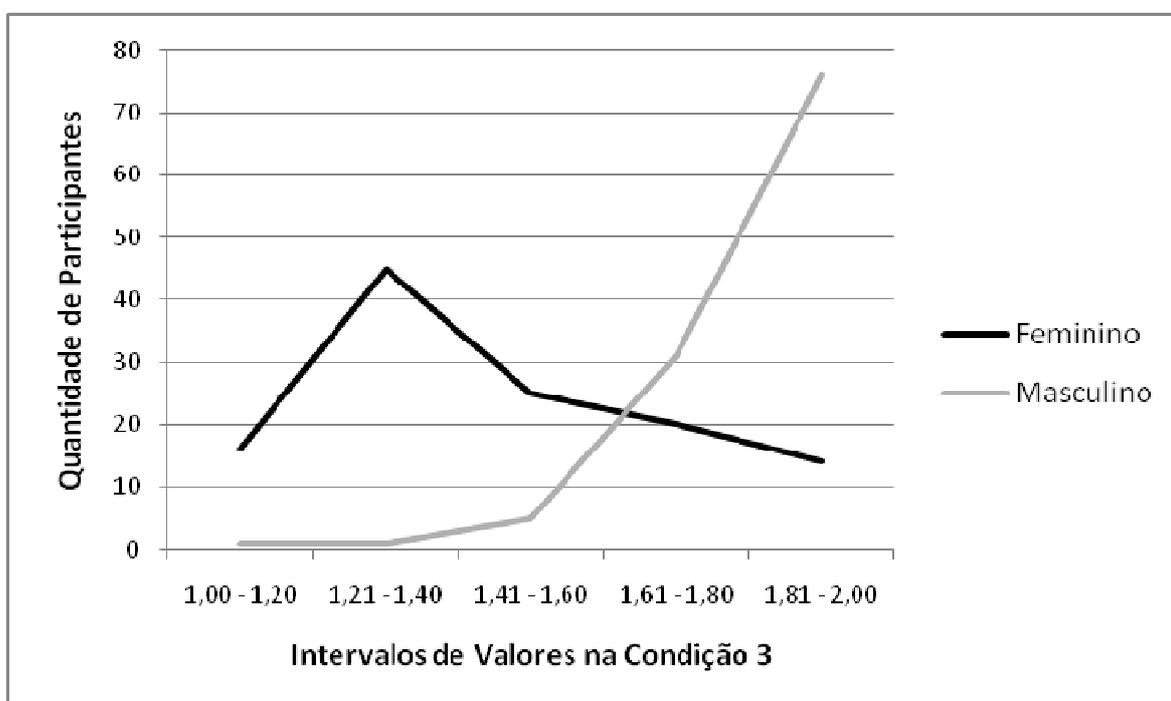


Figura 4 – Quantidade de indivíduos em cada intervalo de valores da Condição 3 (variando de 1,00 – mais feminino a 2,00 – mais masculino), de acordo com o sexo dos participantes.

A preferência pela atividade e não pelo sexo do parceiro corrobora a hipótese evolucionista, segundo a qual a formação de grupos seria uma consequência de padrões comportamentais comuns e não da formação de uma identidade sexual prévia, como defende a perspectiva cognitivista. Este dado corrobora, assim, estudos anteriores, demonstrando que crianças preferem brincar com outras crianças que adotam estilos de

brincadeira similares aos seus, independentemente do sexo (Fridell *et al.*, 2006; Pasterski, 2002; Zucker, 2005).

Contudo, analisando individualmente cada uma das 13 situações de escolha, não foi obtida correlação em duas delas. Quando contraposto “Jogos de correr e pegar” (TM) e “Resolver quebra-cabeças” (TF) não houve correlação com o sexo do participante ($\chi^2_1=1,202$, $p=0,273$, $V=0,72$). Apenas 23,3% das meninas escolheram a opção TF, enquanto as demais 76,7% optaram pela atividade TM. De forma similar, 82,5% dos meninos optaram pela atividade TM, tendo apenas 17,5% das escolhas sido TF. Percebeu-se então que crianças de ambos os sexos tenderam a preferir “Jogos de correr e pegar” a “Resolver quebra-cabeças”. Isto pode ser resultado de um padrão cultural, já que quebra-cabeças não são brinquedos muito comuns para as crianças brasileiras, independentemente do sexo. Para confirmar esta hipótese, outras investigações teriam que ser feitas. Contudo, caso a hipótese esteja correta, corroboraria as discussões contemporâneas de que as preferências infantis seriam influenciadas (podendo ser fortalecidas ou enfraquecidas) por características sócio-culturais.

Quando contraposto “Andar pelo quintal e explorar o espaço” (TF) e “Correr pelo quintal” (TM) também não foi obtida correlação com o sexo do participante ($\chi^2_3=2,5888$, $p=0,46$, $V=0,105$), de modo que 46,7% das meninas optaram pela atividade TF e 51,7% pela TM, enquanto que 42,1% dos meninos optaram pela atividade TF e 57,9% pela TM. Neste caso, percebeu-se que crianças de ambos os sexos não apresentaram preferência clara entre as atividades “Andar pelo quintal e explorar o espaço” e “Correr pelo quintal”. Novamente, percebeu-se a ausência de correlação quando estes dois itens são contrapostos. Como isto ocorreu tanto na Condição 2 quanto na Condição 3, pode-se interpretar que isto indica variabilidade na preferência das atividades, independentemente da explicitação do sexo do par.

Conforme esperado, tendo por base as correlações obtidas independentemente com as Condições, o sexo do participante e o sexo do desenho feito também estavam correlacionados significativamente com o Índice de Feminilidade e Masculinidade – IFM ($\chi^2_{167}=230,998$, $p=0,001$, $V=0,996$) (ver Figura 5). O IFM obtido entre as participantes do sexo feminino foi em média 1,33 (Desvio Padrão 0,195), com moda de 1,2. Entre os participantes do sexo masculino, a média do IFM foi igual a 1,84 (Desvio Padrão 0,115), com moda de 1,9.

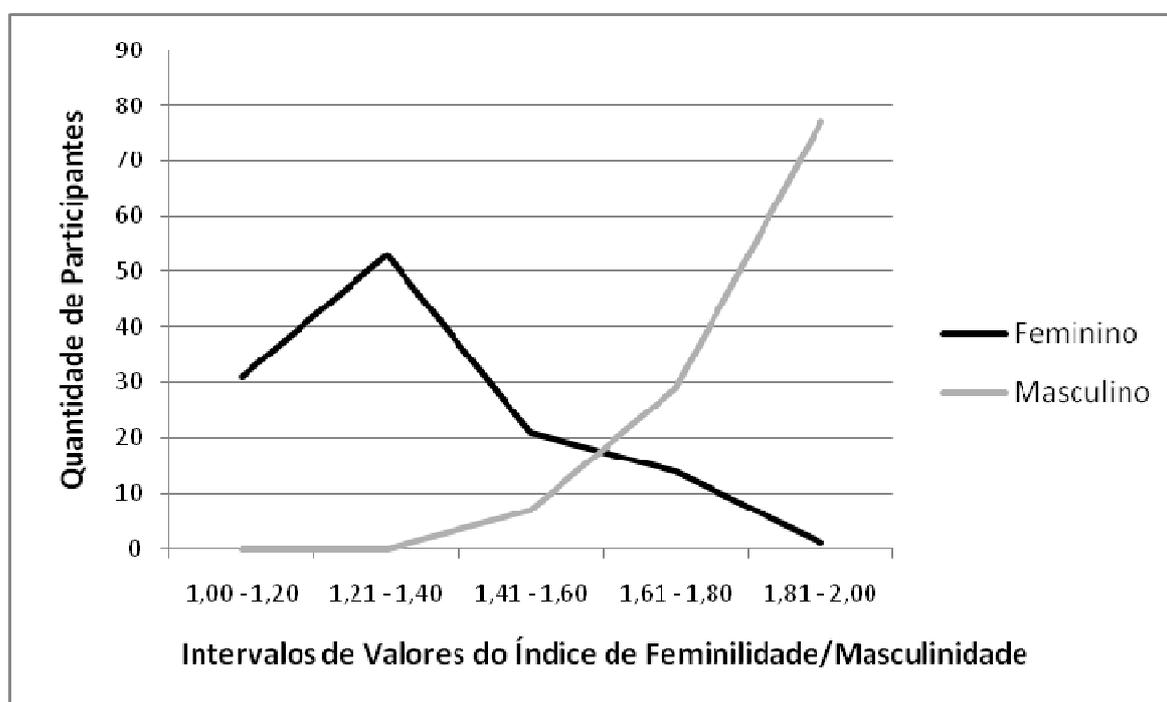


Figura 5 – Quantidade de indivíduos em cada intervalo de valores do Índice de Feminilidade/Masculinidade (variando de 1,00 – mais feminino a 2,00 – mais masculino), de acordo com o sexo dos participantes.

Vale ressaltar que 25 das participantes do sexo feminino apresentaram IFM superior a 1,5 – isto é, mais próximo da extremidade masculina que da feminina. Por sua vez, apenas dois participantes do sexo masculino apresentaram IFM inferior a 1,5. Este dado corrobora os dados da literatura de que a frequência de indivíduos não-conformes de gênero é baixa em geral, sendo mais comum crianças do sexo feminino

engajadas em atividades tipicamente masculinas do que o inverso. Não foram investigados, no presente estudo, os impactos sociais destes padrões.

Considerações Finais

Os instrumentos utilizados na presente pesquisa demonstraram-se de fácil aplicação e análise, possuindo correlações significativas com o sexo do participante. As diferenças culturais entre o país em que o instrumento foi elaborado (Estados Unidos da América) e o Brasil não foram relevantes nos dados obtidos a partir da presente amostra, de modo a não interferir nas correlações obtidas. Contudo, faz-se necessário a replicação do estudo com objetivo de validação nacional do instrumento.

Uma limitação deste estudo se refere ao fato que o instrumento foi aplicado de forma coletiva. Apesar de terem sido tomadas precauções para garantir que cada criança visualizasse apenas o seu instrumento e que tivesse certeza do sigilo e anonimato das informações, é possível que algumas crianças não tenham respondido com padrões não conformes de gênero por receio de implicações sociais.

Pesquisas posteriores, com um viés clínico, podem envolver a aplicação individual do PPPSI e, juntamente a este, a avaliação de outros instrumentos voltados a aspectos relativos à qualidade de vida, auto estima, identidade e socialização da criança. A correlação entre este tipo de aspecto do comportamento infantil e da reação social a este pode servir de subsídio para estratégias intervencionistas que favoreçam maior inserção social e aceitação da diversidade de padrões comportamentais.

Ainda assim, este trabalho contribui com o conhecimento da área ao verificar a aplicabilidade local de mais um instrumento investigativo de padrões de gênero. Além disso, considera-se que os dados obtidos corroboram a literatura ao indicar que há uma preferência por estilos de brincar dependente do sexo da criança e que esta preferência

antecede a formação grupal; conseqüentemente o segregacionismo sexual decorreria do agrupamento por afinidade e não o inverso.

Compreender aspectos evolutivos e biológicos que precedem o dimorfismo sexual comportamental é fundamental para que os dados obtidos neste tipo de investigação possam ser plenamente discutidos. A escolha por atividades mais turbulentas por meninos e por atividades domésticas por meninas não é uma simples imposição cultural, mas remonta a toda estrutura orgânica dos sexos (especialmente o funcionamento hormonal) e possuía uma função de sobrevivência da espécie, quando no AAE. Da mesma forma, não se pode defender que estes padrões estejam pré-definidos de forma estanque, pois a suscetibilidade à influência ontogenética e cultural é fundamental para a adaptação constante de cada organismo ao seu ambiente presente. Assim, o dimorfismo sexual comportamental precisa continuar sendo estudado a partir de uma perspectiva interacionista que permita a identificação dos múltiplos elementos relacionados à sua expressão.

CAPÍTULO 4

DIFERENÇAS DE GÊNERO NO ESTABELECIMENTO DO *RAPPORT* EM CRIANÇAS

As interações infantis têm sido estudadas especialmente a partir da análise de brincadeiras. Contudo, não foram encontradas discussões existentes acerca de que fatores interferem na atração/rejeição mútua entre crianças.

Van Beek, Van Dolderen e Dubas (2006) afirmam que crianças (bem como outras amostras) indicam problemas nas relações sociais como relacionados à origem da depressão. Hipotetizam, assim, que a falta de habilidades sociais pode levar à rejeição pelos pares e, conseqüentemente à depressão. Em crianças, os índices de depressão tendem a ser superiores no sexo masculino, o que pode indicar uma maior dificuldade neste sexo para o estabelecimento de relações sociais.

O estabelecimento e a manutenção de relações sociais têm sido discutidos a partir de elementos não verbais que compõem tais interações. Segundo Grahe e Bernieri (1999), a observação de uma interação sem acesso ao áudio da mesma é mais importante do que o acesso ao conteúdo verbal desprovido do não verbal para a identificação do grau de *Rapport* estabelecido em uma relação. Isto significa dizer que os elementos não verbais são mais importantes para este fenômeno.

Desta forma, comportamentos não verbais têm sido estudados como importantes componentes para o estabelecimento de relações sociais. Há muitas formas de investigar o papel social dos comportamentos não verbais. Um deles é a análise de suas mudanças e influências sobre as interações humanas. Burgoon, Dillman e Stern (1993) dizem que “unindo numerosas teorias e programas de pesquisa em interação interpessoal está o foco nos modos não verbais e verbais pelos quais os interlocutores ajustam seus estilos

comunicativos um ao outro durante uma interlocução”⁸ (p.295). Apesar de terem sido feitas diferentes abordagens, com diversas terminologias e metodologias, tem sido repetidamente demonstrado que a qualidade de uma relação está associada à coordenação interpessoal ou sincronia (Cappella, 1981; Bernieri & Rosenthal, 1991; Bouhouys, 2003; Tickle-Degnen & Rosenthal, 1990).

Há diversos termos utilizados pelos autores para se referirem aos elementos relativos ao comportamento não verbal em interações, tais como *Rapport*, coordenação, sincronia, convergência, correção, coordenação do tempo interpessoal etc. (Cappella, 1981, Bernieri & Rosenthal, 1991, Bouhouys, 2003). Lindsey *et al.* (2008) discute a dificuldade de interpretar resultados devido à diversidade terminológica e “a falta de consistência entre estudos na definição operacional de sincronia, com vários autores usando um ou mais construtos”⁹ (p. 292).

Há cinco elementos presentes na maioria das definições apresentadas pelos autores (tais como Evans & Portman, 2009; Grahe & Sherman, 2007; Lindsey *et al.*, 2008). Esses elementos são: sincronia, equivalência comportamental, atenção mútua, positividade e coordenação.

Sincronia pode ser compreendida como “um complexo processo emergente que reflete o grau com que os parceiros em uma interação se adaptam ao comportamento um do outro”¹⁰ (Lindsey *et al.*, 2008, p. 290). Esse processo pode ser relacionado ao comportamento não verbal (Bernieri & Rosenthal, 1991) ou verbal (Crown *et al.*, 2002). O resultado deste processo é um tempo equivalente dos elementos da interação. Níveis

⁸ No original: “uniting numerous theories and research programs on interpersonal interaction is a focus on the nonverbal and verbal means by which interactants adjust their communication style to one another during an interchange”.

⁹ No original: “the lack of consistency across studies in the operational definition of dyadic synchrony, with various authors using one or more constructs”.

¹⁰ No original: “a complex emergent process that reflects the degree to which interacting partners adapt to one another’s behaviour”.

elevados de sincronia são considerados como fundamentos de uma relação interpessoal coerente e mutuamente recompensadora (Lindsey *et al.*, 2008).

Equivalência comportamental se refere à similaridade postural e de movimentos realizados (inconscientemente) por ambos os membros de uma interação. Apesar deste conceito se referir à forma, ele também está vinculado ao tempo, como Tronick e Cohn (1989) definem: “estar no mesmo estado comportamental ao mesmo tempo”¹¹ (p. 85).

Atenção mútua é um aspecto relacionado com contato visual e foco no parceiro ou no mesmo objeto que o parceiro estiver focando. Pode ser considerada um exemplo de equivalência comportamental e tem sido relacionada a outros elementos, como a positividade (Grahe & Sherman, 2007, Lindsey *et al.*, 2008). A atenção mútua também tem sido considerada um importante elemento do *Rapport* (Tickel-Degnen & Rosenthal, 1990).

Positividade é o mais subjetivo dos elementos, pois se refere a emoções e afetos. Compartilhar sentimentos positivos (normalmente medidos a partir de indicadores não verbais, como o sorriso), é considerado crucial por alguns autores (Grahe & Sherman, 2007, Criss, Shaw & Ingoldsby, 2003) para alcançar a coordenação interpessoal. Lindsey *et al.* (2008) considera a possibilidade de alcançar coordenação interpessoal sem positividade, mas afirma que a similaridade em afetos negativos pode ter um impacto oposto sobre a interação diádica, em comparação com interações que compartilham positividade.

Finalmente, coordenação é um conceito amplo que se refere à estrutura da interação enquanto padronizada e não-aleatória (Bernieri & Rosenthal, 1991). Apesar da coordenação ser incluída em outras definições, como Grahe e Sherman (2007) definindo *Rapport*, usualmente este conceito inclui tanto a sincronia quanto a equivalência

¹¹ No original: “are in the same behavioural state at the same time”.

comportamental como elementos definidores (Cappella, 1981; Bernieri & Rosenthal, 1991).

Bernieri e Rosenthal (1991) afirmam que as pessoas tendem a coordenar seu comportamento não verbal com o daquela com quem interagem, favorecendo a manutenção do contato. Mais ainda, há evidências de que esta coordenação é diretamente proporcional ao vínculo existente entre os indivíduos. Assim, quanto mais coordenados estão os comportamentos de dois indivíduos, maior a sensação de satisfação com a interação (Geerts, 1997). Tickel-Degnen e Rosenthal (1990) destacam três elementos do comportamento não verbal que são essenciais na constituição do *Rapport*: atenção mútua, positividade (enquanto mútuos sentimentos agradáveis), e coordenação.

A capacidade de sincronizar seu comportamento não verbal com o de outra pessoa é desenvolvida precocemente e pode ser observada já desde o nascimento, o que pode ser interpretado como um indício da importância evolutiva deste padrão (Cappella, 1981). Enquanto para adultos o desenvolvimento desta sincronia indica interesse e aprovação, em bebês é a estratégia adotada para o envolvimento em relações sociais (Bernieri & Rosenthal, 1991).

De acordo com Bouhouys (2003), a interação não verbal é um importante fator para atitudes de rejeição ou de conexão entre os indivíduos. Bouhouys (2003) caracteriza esta conexão como *convergência interpessoal*, que seria quando dois indivíduos coordenam sua interação social adotando o mesmo ritmo e apresentam similaridade em movimentos e na intensidade e frequência do comportamento (entre outros). Assim, este fenômeno seria observado a partir da redução das diferenças não verbais até um ponto de convergência ao longo da interação.

Apesar da coordenação interpessoal ser um fenômeno que pode ser observado em qualquer tipo de interação, o sexo dos interlocutores afeta alguns dos comportamentos emitidos. Por exemplo, Van Beek, Van Dolderen e Dubas (2006) afirmam que mulheres costumam ser mais atentas, amigáveis e orientadas-ao-outro, tendendo a olhar fixamente quando ouvindo (o que indica interesse) com maior frequência do que quando falando (o que indica dominação). Também é mais frequente a emissão de comportamentos reativos (como balançar a cabeça, confirmando compreensão sem interromper o falante) e de sorrisos (ainda que mascarando emoções negativas). Curiosamente, esse padrão de olhar fixamente tende a ser invertido na infância. Nesta faixa etária também não há diferenças de gênero na frequência de sorrisos. A emissão de comportamentos reativos, por sua vez, tende a aparecer apenas após os oito anos de idade (Van Beek, Van Dolderen & Dubas, 2006).

A maioria dos estudos existentes tem díades compostas por indivíduos adultos como unidade de análise ou, em menor quantidade, díades adulto-bebê. Neste último caso, há diversas evidências de que o desenvolvimento de coordenação interpessoal na relação mãe-bebê é um importante preditor do desenvolvimento de apego fortalecido (Cappella, 1997; Isabella & Belsky, 1991; Isabella, Belsky & Von Eye, 1989). Assim, há indícios de que a coordenação interpessoal seja relevante na interação entre crianças, mas o desenvolvimento da mesma ainda permanece como algo a ser investigado (ver Bernieri, 1988; Bernieri, Reznick & Rosenthal, 1988; Cappella, 1981; Van Beek, Van Dolderen & Dubas, 2006). Isto porque interações com crianças têm sido negligenciadas, já que os poucos estudos com este grupo etário são em geral no contexto de interações com adultos e não investigam a interação entre as crianças em si (Harrist & Waugh, 2002).

Considera-se, no presente estudo, que as relações sociais estabelecidas na infância desempenham importante papel no desenvolvimento de padrões comportamentais típicos de gênero e que tais relações sociais são favorecidas pela coordenação interpessoal. Desta forma, faz-se relevante investigar de que forma se desenvolve a coordenação interpessoal entre crianças de sexos opostos em interações sociais diádicas.

Teve-se como objetivo, neste estudo, analisar como ocorre o desenvolvimento do *rapport*, a partir do comportamento não verbal, em crianças de 9 a 11 anos de idade, identificando, ainda, as diferenças no comportamento não verbal de acordo com o sexo de cada participante.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 12 crianças entre 9 e 11 anos, sendo 6 do sexo feminino e 6 do sexo masculino. Os critérios de inclusão na amostra foram: (A) pertencer à faixa etária de 9 a 11 anos de idade; e (B) obter autorização dos pais mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹². O único critério de exclusão era de conhecer previamente a outra criança selecionada para a composição da díade.

Ambiente

A coleta foi realizada no próprio ambiente escolar, na sala de acompanhamento pedagógico. A sala possuía uma mesa, na qual estavam dispostas duas cadeiras. Em frente a esta mesa, a aproximadamente dois metros de distância, havia outra mesa, onde era disposta a câmera de vídeo, dentro de uma caixa de brinquedos. Nesta segunda mesa

¹² Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará, sob Protocolo N°039/09 CEP-ICS/UFPA.

havia jogos, balas de iogurte e materiais utilizados na coleta, bem como materiais regulares do funcionamento da sala.

Material e Equipamentos

Foram utilizados papel, lápis, 10 cartelas de perguntas, balas de iogurte e chiclete, uma câmera de vídeo, fitas de vídeo, questionário de satisfação.

As perguntas foram elaboradas tendo por base jogos infantis e visando propiciar o diálogo entre as crianças. Cada pergunta estava escrita em uma cartela de papel e todas ficavam dispostas em uma caixa colocada no centro da mesa de coleta (a lista de perguntas pode ser observada no Apêndice IV).

As balas eram entregues às crianças ao final da sessão em agradecimento à participação na pesquisa.

Por fim, foi aplicado um questionário de satisfação composto por apenas três perguntas feitas diretamente aos participantes, em particular, após a interação (com base na proposta de Bernieri & Rosenthal, 1991):

1. Você gostou de participar dessa atividade?
2. Você acha que a outra criança foi legal?
3. Você acha que vocês se deram bem?

Para cada pergunta, havia três opções de resposta para ser assinalada: Não; Mais ou menos; e Muito.

Procedimento

Após a obtenção das autorizações da escola e dos pais ou responsáveis dos alunos, foi feita uma lista com o nome daqueles aptos a participarem e lhes foi atribuído um código.

Foram organizadas 6 díades mistas, convidadas para a sala de coleta durante o horário escolar mas em momentos avaliados pelo professor como sem prejuízo para a

aprendizagem. Inicialmente, as crianças eram entrevistadas separadamente por dois pesquisadores, de forma a verificar se havia qualquer histórico relacional entre elas. A sessão só seria conduzida se fosse verificado que tal histórico inexistia. Nesta entrevista era explicado o que aconteceria ao longo da pesquisa e, caso ela concordasse em participar, a criança era conduzida à sala de coleta.

Na sala de coleta, a câmera de vídeo estava ligada desde antes da chegada das crianças, de modo a não sinalizar a presença da mesma. As crianças sentavam nas cadeiras dispostas frontalmente na mesa de coleta e eram orientadas a sortear cartelas da caixa sobre a mesa e perguntar à outra criança o conteúdo da cartela. A orientação era de que elas deveriam se alternar nesta atividade até que fossem interrompidas. As crianças permaneciam sozinhas no ambiente durante a atividade. Após 5 minutos, caso as crianças ainda não houvessem sinalizado o fim das questões, a sessão era interrompida pela pesquisadora.

Ao final da interação, as crianças eram separadas. Neste momento, foram feitas as questões de satisfação e entregue cinco balas para cada uma em agradecimento.

Cada díade participou de apenas uma sessão.

Análise dos resultados

A análise dos resultados inicialmente foi feita em parceria com a Gronigen University, na Holanda, com a colaboração do Prof. PhD Erwin Geerts¹³.

A proposta de análise dos dados obtidos neste estudo tem como parâmetro as discussões apresentadas nas revisões de literatura sobre coordenação interpessoal não verbal (Bernieri, Reznick & Rosenthal, 1988; Bernieri & Rosenthal, 1991; Bouhuys, 2003). Considerando que em nenhum dos estudos relatados a interação criança-criança

¹³ Esta parceria precisou ser encerrada em agosto de 2010, em função de seu trágico falecimento.

foi estudada, foi necessária a adaptação dos etogramas existentes para o repertório comportamental observado.

Foram utilizadas três diferentes estratégias de análise dos resultados:

- 1) Etograma de Bouhuys e colaboradores (Bouhuys & Hoofdakker, 1991; Bouhuys, Jansen & Hoofdakker, 1991) - adaptado.

Este etograma já foi utilizado em diversos estudos, com enfoque na relação médico-paciente. Houve a necessidade de adaptação deste etograma considerando que o presente estudo difere daqueles nos quais o etograma foi criado tanto no que se refere à idade dos participantes quanto ao contexto interacional, já que neste estudo não há diferença de papéis e o único objetivo da interação é o conhecimento da outra pessoa.

Assim, foram utilizadas apenas as 07 variáveis comportamentais do paciente, desconsiderando as 04 variáveis comportamentais do entrevistador (vale destacar que esse etograma foi desenvolvido para estudo de interações paciente/entrevistador). Estas 07 variáveis compõem o fator denominado “Esforço Comunicativo” (EC) e foram avaliadas com relação à frequência e duração durante os contextos de fala e de escuta e consistem em: duração do contato ocular durante a fala (d_o_f); duração de movimentos de cabeça durante a fala (d_c_f); duração de gestos ilustradores durante a fala (d_g_f); frequência de contato ocular durante a fala (f_o_f); frequência de movimentos de cabeça durante a fala (f_c_f); frequência de gestos ilustradores durante a fala (f_g_f); e duração de contato ocular durante a escuta (d_o_e).

O cálculo do EC foi realizado a partir do método de Bouhuys e Hoofdakker (1991) e Bouhuys *et al.* (1991) no qual os dados referentes aos comportamentos que compõem o etograma são utilizados na fórmula do fator EC: $(1/3*(d_o_f+d_c_f+d_g_f)+ 1/2*(f_o_f+f_c_f)+(f_g_f+ d_o_e))/4^{14}$.

¹⁴ Na fórmula original, os valores utilizados são padronizados a partir da subtração de suas médias e divisão pelo desvio padrão. Essa padronização objetiva encontrar valores comuns em amostras grandes e

Foi calculado, ainda, o índice para avaliação de sincronia comportamental (Índice de Assincronia, IAS), a partir da diferença absoluta entre EC de cada membro da díade, sendo baixos escores de IAS indicadores de elevada sincronia.

Foi calculado o índice de convergência entre EC dos membros da díade ao longo da interação (ICONV), a partir da divisão da sessão em fragmentos de 1 minuto. ICONV foi obtido, assim, como resultado da diferença entre o IAS obtido no primeiro fragmento de tempo e o IAS final (obtido no último fragmento de tempo), sendo elevados escores de ICONV indicadores de maior convergência entre os EC dos participantes ao longo da interação (ver Fiquer, 2010).

2) Categorias componentes do *Rapport* propostas por Tickel-Degnen e Rosenthal (1990).

Tickel-Degnen e Rosenthal (1990) propõem a contabilização de comportamentos a partir de critérios objetivos (Tabela 2). Cada componente foi contabilizado em sua frequência de emissão para cada participante da interação, sendo somados os dois valores para a obtenção de um valor total equivalente da interação como um todo. Os elementos de valor negativo foram somados entre si e subtraídos do valor total. Como “Latência de reação” é o único componente de medida de tempo, para que este se tornasse uma medida de frequência foi considerado o intervalo até 3 segundos como tempo reativo imediato e a partir de 3 segundos como tempo reativo com latência. Para cada episódio de fala com início após 3 ou mais segundos do término da fala do par, foi contabilizada uma frequência de “Latência de reação”.

obter um valor passível de comparação com o valor de outros fatores, derivados de outras variáveis. Como não é o caso do presente estudo, optou-se pela utilização dos valores absolutos.

TABELA 2

Componentes do *Rapport*, as Características Inclusas nestes e suas Respectivas Valências.

Componente do <i>Rapport</i>^a	Característica	Valência
Atenção	Aproximação corporal	+
	Olhar direcionado à face	+
	Orientação corporal	+
	Contato visual quando ouvindo	+
Coordenação	Interrupção	-
	Fala intercalada	+
	Equivalência postural	+
	Postura reflexa	+
Positividade	Latência de reação	-
	Sorriso	+
	Toque	+
	Gesticulação ilustrativa	+

^a Conforme proposto por Tickel-Degnen e Rosenthal (1990).

- 3) Análise por juízes leigos nos objetivos da pesquisa (ver Bernieri & Rosenthal, 1991).

Fragmentos de 1 minuto de duração, extraídos a partir do segundo minuto da sessão, foram exibidos, sem áudio, para uma audiência de 24 alunos do primeiro ano do curso de Psicologia de uma universidade pública.

Os alunos não foram informados sobre os objetivos da pesquisa, podendo se cadastrar para recebimento dos resultados após a análise. Todos aceitaram participar e receberam uma folha de registro (Apêndice V). A instrução presente na folha de registro apresentava uma definição genérica de *Rapport* e orientava a marcação das respostas.

Cada fragmento foi exibido separadamente, havendo um intervalo de 2 minutos para que cada juiz pudesse preencher em uma folha de respostas, a sua avaliação da

interação a partir de 3 questões: 1) As crianças gostam uma da outra? 2) As crianças gostam do que estão fazendo? 3) Esta relação teve *Rapport* elevado?

A avaliação era feita através de uma escala *likert* variando de 1 a 5.

Os resultados obtidos a partir destas estratégias de análise foram comparados entre si e com o grau de satisfação declarado pelos participantes ao final de cada sessão.

As filmagens foram transcritas com o uso do programa Transana 2.30[®], de modo a favorecer o registro dos dados e análise dos mesmos considerando tanto a frequência quanto o momento de ocorrência dos comportamentos. Os dados foram, então, analisados com o auxílio dos programas Microsoft Excell 2007[®] e SPSS for Windows[®].

Resultados e Discussão

Foram realizadas 6 sessões. Cada díade era formada por uma criança do sexo masculino e outra do feminino, sem qualquer histórico de relacionamento prévio. As interações foram filmadas desde o princípio. Para a análise das imagens, foi considerado como ponto inicial da interação o momento em que eram deixadas sozinhas na sala e iniciavam o jogo de perguntas. O fim da sessão ocorria após 5 minutos ou quando uma das crianças se retirava da sala (comunicando o fim do jogo) – o que ocorresse primeiro. Como duas das sessões foram interrompidas antes dos 5 minutos (Sessões 5 e 6), foram utilizados para a análise comparativa entre sessões apenas os 3 minutos iniciais, garantindo a mesma duração para todas as sessões. Cada díade participou de apenas uma sessão.

Os dados obtidos a partir dos questionários de satisfação não apresentaram variação entre os participantes. Com exceção de uma participante, todos marcaram as opções indicativas do grau mais elevado de satisfação. Este resultado pode indicar que este tipo de avaliação não é tão pertinente entre crianças quanto entre adultos, seja pelas

crianças não avaliarem criteriosamente a interação, seja pelas diferenças comportamentais ao longo da interação não exercerem influência sobre a satisfação geral com o encontro. Acredita-se que a primeira hipótese é mais viável, já que os efeitos da convergência do comportamento não verbal e do *Rapport* têm sido identificados em idades ainda inferiores às presentes neste estudo (Evans & Porter, 2009).

Os dados serão apresentados abaixo inicialmente de forma geral. Em seguida, serão descritos a partir dos 3 protocolos de análise, comparando, em cada um deles, as diferentes díades e os padrões femininos e masculinos de comportamento não verbal. Por fim, será feita uma comparação geral entre os protocolos de análise.

Na descrição dos resultados, as participantes do sexo feminino serão representadas pela letra A e os do sexo masculino pela letra O, seguidos do número da sessão (por exemplo: A1 e O1 como os membros feminino e masculino, respectivamente, da primeira sessão).

1) Descrição Geral

Inicialmente, foram transcritas 19 categorias comportamentais, as quais foram agrupadas e reduzidas a 8 categorias que representavam os comportamentos mais frequentes nas sessões (ver Apêndice VI). A frequência de cada categoria, tanto total quanto de acordo com o sexo, pode ser observada na Figura 6.

De um modo geral, pode-se perceber que são poucas as diferenças de acordo com o sexo. Os participantes do sexo masculino tenderam a olhar mais diretamente na face de seu par, enquanto que as participantes do sexo feminino falaram mais e apresentaram mais gestos interativos. Estes dados corroboram aqueles relatados por Van Beek, Van Dolderen e Dubas (2006) quanto às diferenças de sexo entre crianças.

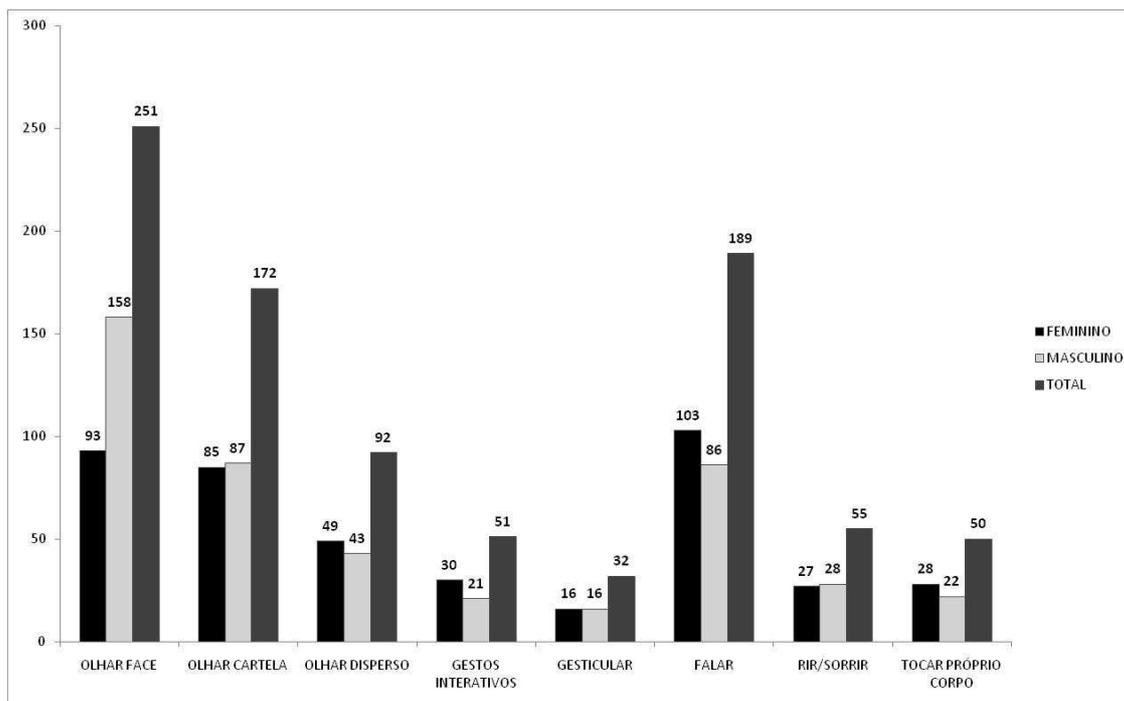


Figura 6 – Gráfico das frequências das categorias comportamentais totais e por sexo.

As estatísticas descritivas referentes à frequência total destas categorias podem ser observadas na Tabela 3.

A partir destes dados, pode-se perceber que apesar da variação entre os participantes do sexo masculino, de um modo geral, a frequência do “olhar a face” foi superior aquela entre os participantes do sexo feminino, já que as frequências mínima masculina e máxima feminina são muito próximas. Contudo, os comportamentos de “falar” e de “gestos interativos”, mais frequentes para o sexo feminino, apresentam uma variação muito similar entre os dois sexos. “Tocar o próprio corpo” refere-se a qualquer tipo de contato corporal consigo mesmo, como coçar o braço ou passar a mão no rosto, e tem sido indicado na literatura como indício de ansiedade e foi encontrado em ambos os sexos. Contudo, a variação entre participantes foi grande, especialmente no sexo feminino, onde houve participantes que não demonstraram o comportamento e outras com incidência relativamente elevada (9 ocorrências). Este dado indica que as

diferenças no que se refere a “Tocar o próprio corpo” podem não ser características de sexo, mas sim do indivíduo e/ou da relação específica.

TABELA 3

Valores de Média, Desvio Padrão, Mínimo e Máximo da frequência de cada categoria comportamental.

Categoria	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Olhar Face	20,92	11,90	12,00	57,00
Feminino	15,5	3,14	12,00	21,00
Masculino	26,3	15,21	18,00	57,00
Olhar Cartela	14,33	3,08	9,00	19,00
Feminino	14,17	2,79	9,00	17,00
Masculino	14,50	3,72	10,00	19,00
Olhar Disperso	7,67	4,052	1,00	14,00
Feminino	8,17	4,17	3,00	14,00
Masculino	7,17	4,26	1,00	12,00
Gestos Interativos	4,25	2,30	2,00	9,00
Feminino	5,00	1,67	3,00	7,00
Masculino	3,50	2,73	2,00	9,00
Gesticular	2,67	2,57	0,00	8,00
Feminino	2,67	2,66	0,00	6,00
Masculino	2,67	2,73	1,00	8,00
Falar	15,75	3,86	11,00	24,00
Feminino	17,17	4,35	12,00	24,00
Masculino	14,33	3,01	11,00	20,00
Rir/Sorrir	4,58	2,74	0,00	10,00
Feminino	4,50	3,33	0,00	10,00
Masculino	4,67	2,33	2,00	09,00
Tocar Próprio Corpo	4,17	2,66	0,00	9,00
Feminino	4,67	3,67	0,00	9,00
Masculino	3,67	1,21	2,00	5,00

A Figura 7 apresenta as frequências das categorias comportamentais em cada uma das sessões, incluindo a média das sessões. Desta forma, pode-se perceber a variação na emissão de comportamentos de acordo com a relação. Esta figura propicia a visualização das diferenças existentes entre cada relação, isto é, a identificação de características específicas de cada interação. Esta é uma análise preliminar de caráter

descritivo, destacando elementos que irão compor a avaliação do *Rapport* e da sincronia em cada relação.

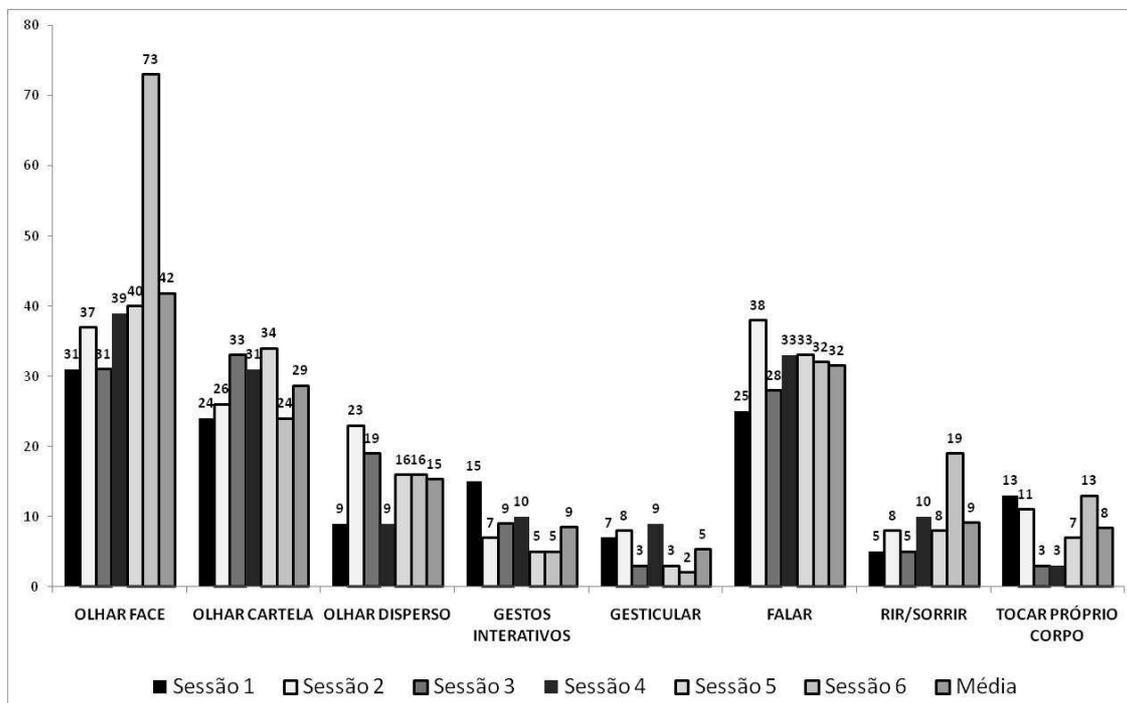


Figura 7 – Frequências das categorias comportamentais por sessão.

No que se refere ao comportamento “Olhar a face”, a Sessão 6 apresentou frequência muito superior à média, enquanto que as Sessões 1 e 3 apresentaram os menores índices. “Olhar a cartela” apresentou uma variação entre sessões próxima à média, o que pode indicar que o tempo de olhar à cartela tendeu a ser correspondente a leitura da mesma. “Olhar disperso” pode ser interpretado como um comportamento não-interativo, esquivo, tendo sido superior nas Sessões 2 e 3 e inferior nas Sessões 1 e 4. “Gestos interativos” foram mais frequentes nas Sessões 1 e 4 e menos nas 5 e 6, de modo similar a “Gesticular”, que foi mais frequente nas Sessões 1, 2 e 4 e menos nas 3, 5 e 6. A frequência de “Falar” foi similar entre as sessões, sendo inferior nas Sessões 1 e 3. “Rir/Sorrir” teve a frequência mais elevada na Sessão 6, sendo inferior nas Sessões 1 e 3. Por fim, “Tocar o próprio corpo” foi mais frequente nas Sessões 1, 2 e 6, sendo inferior nas Sessões 3 e 4.

Estes dados podem ser interpretados como indícios iniciais de que a Sessão 3 apresentou a menor conexão interpessoal, com menores frequências de comportamentos interativos e maiores de comportamentos indicativos de dispersão. Por outro lado, a interação ocorrida na Sessão 4 parece ter sido a com maior conexão interpessoal, com frequências elevadas de comportamentos considerados positivos para a interação e baixas para comportamentos representativos de dispersão e ansiedade.

Para uma interpretação mais precisa destes dados, serão apresentadas abaixo as análises decorrentes dos 3 protocolos previamente especificados.

- 2) Etograma de Bouhuys e colaboradores (Bouhuys & Hoofdakker, 1991; Bouhuys *et al.* 1991) - adaptado.

O etograma proposto por Bouhuys e colaboradores (Bouhuys & Hoofdakker, 1991; Bouhuys *et al.* 1991) precisou ser adaptado, conforme descrito no método, em função da necessidade de utilização de apenas um dos dois fatores propostos. O etograma original utilizava o Esforço Comunicativo (EC) e Encorajamento (EN). Neste estudo, o fator EN foi descartado. Além do fato de que este fator tem sido utilizado na literatura da área (ver Geerts, Bouhuys & Bloem, 1997) para análise do comportamento do entrevistador em contexto clínico (o que não se aplica ao contexto específico desta pesquisa), este fator é composto basicamente do comportamento denominado “*verbal backchannel*” (o que consiste em vocalizações que estimulam o prosseguimento da fala e indicam atenção, como “hum, hum”) e de movimentos de cabeça indicando concordância, também com a mesma função. No presente estudo, tais comportamentos apresentaram uma frequência muito baixa para todos os participantes, especialmente o *verbal backchannel* que foi inexistente para 8 dos 12 participantes, inviabilizando, assim, o cálculo do fator. Esta baixa frequência dos dois componentes do fator EN já era prevista com base na literatura que indica o aparecimento destes comportamentos a

partir dos 8 anos de idade, logo, pode-se esperar que os mesmos ainda estejam se estabilizando na faixa etária aqui estudada (Van Beek, Van Dolderen & Dubas, 2006).

Desta forma, foi contabilizada a média de cada comportamento que compõe o fator Esforço Comunicativo (EC) (Figura 8).

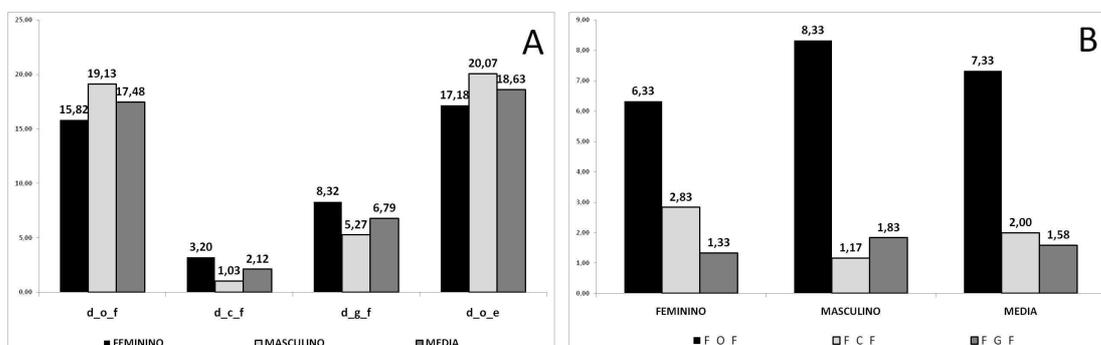


Figura 8 – Valores dos componentes do fator Esforço Comunicativo (EC) de acordo com o sexo dos participantes e a média geral. O gráfico A refere-se aos componentes medidos em unidade de tempo (duração) e o gráfico B aos componentes medidos em número de emissões (frequência). Onde: d_o_f - duração do contato ocular durante a fala; d_c_f - duração de movimentos de cabeça durante a fala; d_g_f - duração de gestos ilustradores durante a fala; f_o_f - frequência de contato ocular durante a fala; f_c_f - frequência de movimentos de cabeça durante a fala; f_g_f - frequência de gestos ilustradores durante a fala; e d_o_e - duração de contato ocular durante a escuta.

O “Contato ocular durante a fala” tem sido interpretado como dominância enquanto que o “Contato ocular durante a escuta” tem sido interpretado como demonstração de interesse (Van Beek, Van Dolderen & Dubas, 2006). Conforme pode ser observado na Figura 8, os presentes dados corroboram a literatura de que o contato ocular seria mais presente durante a fala entre participantes do sexo masculino, mas não de que seria mais frequente durante a escuta entre participantes do sexo feminino. Neste estudo, o contato ocular foi mais frequente e duradouro para os participantes do sexo masculino independentemente do contexto. Por outro lado, a medida de duração dos “Movimentos de cabeça” e dos “Gestos ilustradores” durante a fala indicou que, apesar de serem mais frequentes entre participantes do sexo masculino (medida absoluta de frequência), eram emitidos por mais tempo pelas participantes do sexo feminino. Este

dado pode indicar que as estratégias de interação e envolvimento com o par são diferentes de acordo com o sexo.

O EC também foi calculado para cada participante (Figura 9). Observa-se que o EC tende a ser similar entre os membros da díade, por exemplo, os dois indivíduos da primeira díade (A1 e O1) são os que apresentam maiores índices de EC, enquanto que os membros das díades 3 e 6 são os que apresentam os menores. Considerando que a seleção dos participantes foi arbitrária e que em todas as díades os indivíduos eram desconhecidos entre si, pode-se interpretar este dado como evidência preliminar de que a interação afeta os comportamentos individuais. Este dado corrobora, ainda, a hipótese descrita previamente de que a avaliação da satisfação feita pelas crianças ao final das sessões não reflete de forma adequada os eventos ocorridos na mesma.

Ainda assim, há diferenças interpessoais que não podem ser ignoradas. A Sessão 5 torna isto evidente, com o participante do sexo masculino (O5) apresentando o terceiro mais elevado índice de EC dentre todos os participantes, enquanto a participante do sexo feminino (A5) apresentou um índice com valor próximo à metade do índice de seu par. Quando se estabelece o *Rapport*, a previsão da literatura seria que os padrões comportamentais dos membros da díade se tornariam similares, em frequência e duração. Assim, o descompasso entre os membros da díade pode ser compreendido como um indício de que ambos os participantes estavam se comportando independentemente, ou seja, não estavam ajustando mutuamente a sua forma de interagir.

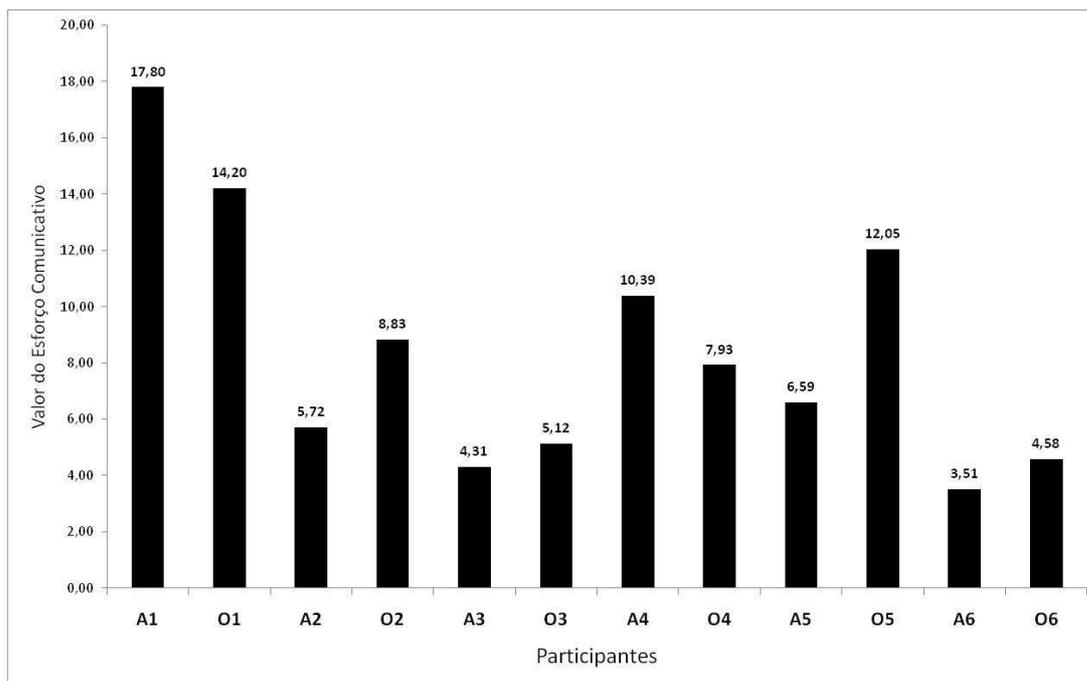


Figura 9 – Valores do fator Esforço Comunicativo por participante.

A partir do valor do EC de cada participante, foi calculada a média de acordo com o sexo, sendo obtido o valor 8,05 para o sexo feminino e 8,78 para o masculino. Apesar do valor obtido para o sexo masculino ter sido superior, a diferença não é suficiente para afirmar que o EC difere de acordo com o sexo. Considerando a análise feita dos componentes do fator, pode-se interpretar que cada sexo tende a se comportar de forma diferente, mas que o resultado para a interação (no caso, o EC) é equivalente.

Foi calculado o EC a cada fragmento de 1 minuto de cada sessão, de modo a possibilitar a análise da evolução de EC (Figura 10). Verifica-se que não houve um padrão de evolução comum a todas as sessões. Nas Sessões 1 e 4, houve um crescimento de EC ao longo da sessão (apesar da queda no segundo minuto da Sessão 1). Na Sessão 2, houve um ápice no segundo minuto, seguido de uma queda no minuto final. Nas Sessões 3, 5 e 6 observou-se uma queda de EC ao longo da sessão. Esta queda pode ser interpretada como um indicativo de redução do envolvimento na interação.

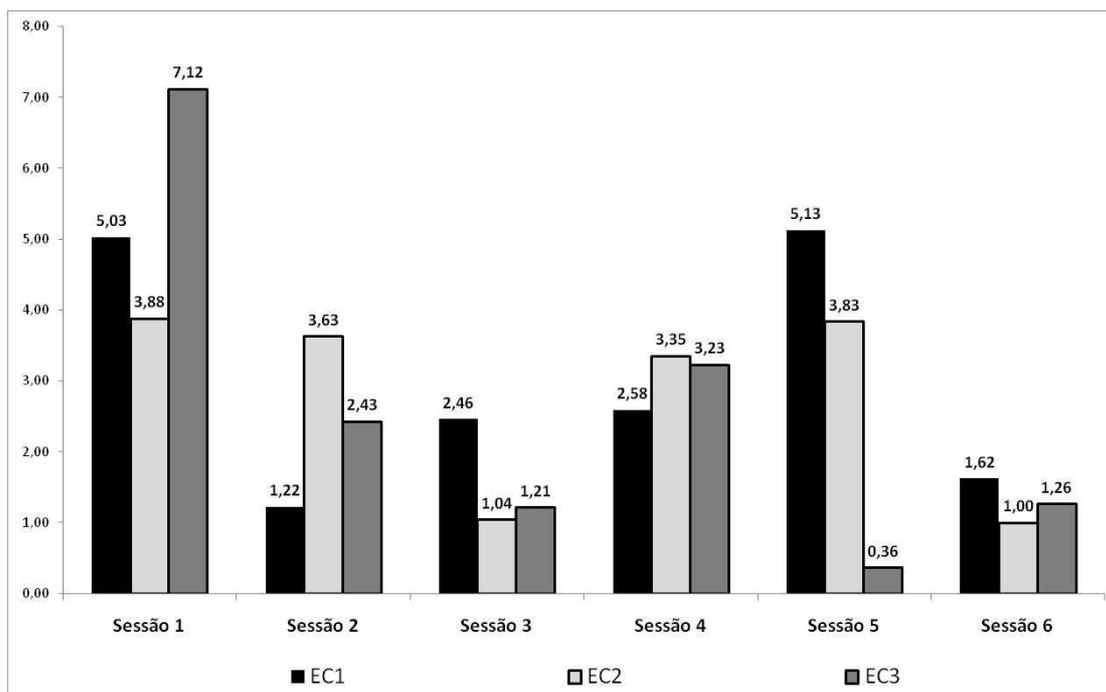


Figura 10 – Evolução do Esforço Comunicativo a cada minuto, por sessão.

Além do EC, foi calculado ainda o Índice de Assincronia (IAS) e o Índice de Convergência (ICONV) de cada sessão. Estes dados estão dispostos na Figura 11.

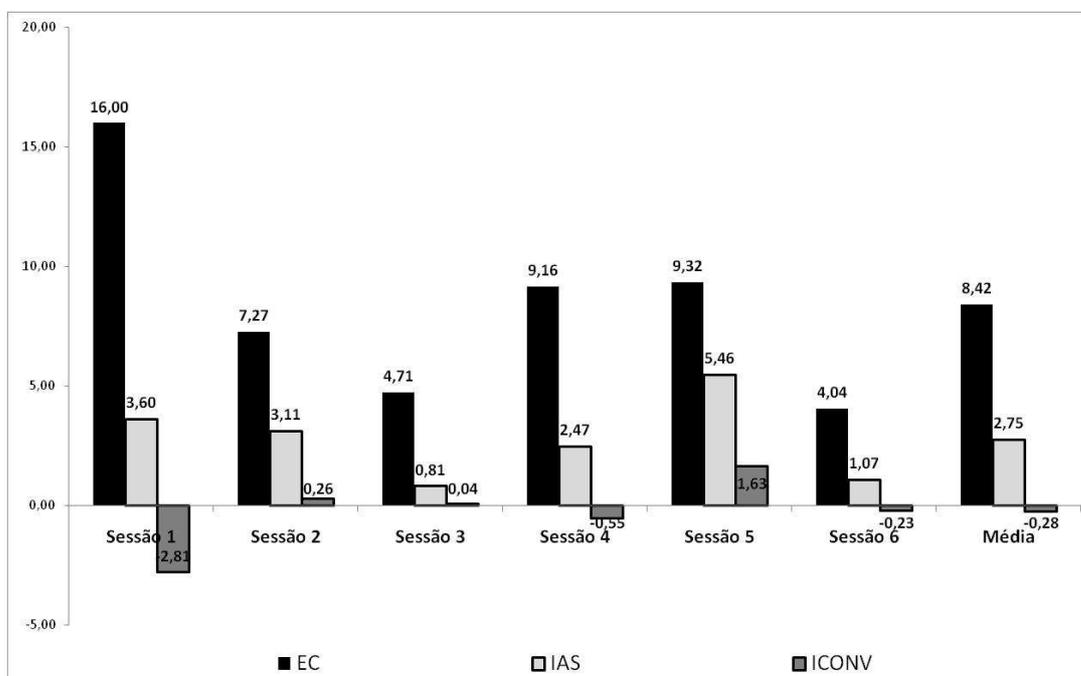


Figura 11 – Valores de Esforço Comunicativo (EC), Índice de Assincronia (IAS) e Índice de Convergência (ICONV) de cada sessão e Média geral.

Como descrito anteriormente, no método, quanto menor o IAS, maior a sincronia entre os membros da díade e, de modo inverso, quanto maior o ICONV, maior a convergência comportamental durante a interação.

Pode-se observar que a análise do EC não corresponde diretamente à sincronia ou convergência comportamental em uma relação. Isto porque o EC é o cálculo do comportamento individual, enquanto o IAS e o ICONV referem-se a análises relacionais. Desta forma, a Sessão 1 possui elevado índice de EC, mas o IAS também é elevado enquanto o ICONV é baixo. Isso indica que individualmente, houve muitos comportamentos de esforço comunicativo, mas que a emissão destes foi independente do comportamento do par, sem ser obtida sincronia ou convergência. Já nas Sessões 2, 3 e 6, observa-se o inverso, os menores índices de EC foram acompanhados de menores índices de IAS e maiores de ICONV. A Sessão 5 apresenta elevados índices nos 3 elementos (EC, IAS e ICONV), o que indica que ambos os membros da díade apresentaram respostas de esforço comunicativo (EC), em diferentes frequências/duração (IAS), mas que tenderam a ajustar um ao outro a emissão destas respostas ao longo da sessão (ICONV).

Lindsey *et al.* (2008) discute o fato de que a convergência é um fenômeno independente da positividade, sendo uma tendência nas interações humanas. Assim, estes autores afirmam que uma relação pode ser convergente de forma negativa, com ambos os membros da díade, por exemplo, diminuindo o contato visual e a frequência da fala. Este parece ter sido o caso, neste estudo, das Sessões 3 e 6.

3) Categorias componentes do *Rapport* propostas por Tickel-Degnen e Rosenthal (1990).

Este protocolo de análise tem por base 3 Macrocategorias de componentes do *Rapport*: Atenção (aproximação, olhar à face, olhar enquanto escuta, orientação

corporal); Coordenação (interrupção, fala intercalada, equivalência postural, postura reflexa); e Positividade (latência, sorriso, toque, gesticulação ilustrativa). Para cada Macrocategoria foi obtido um valor resultante da soma dos seus componentes (sendo que “interrupção” e “latência” possuem valência negativa).

Na Figura 12 constam os valores totais de cada componente. A observação dos índices absolutos possibilita perceber que alguns dos componentes obtiveram frequência muito baixa, o que indica sua inexistência em múltiplas (ou mesmo todas) as sessões. É o caso de “Equivalência postural” (4), “Postura reflexa” (1) e “Toque” (0). As baixas frequências de “Equivalência postural” e “Postura reflexa” não correspondem ao descrito na literatura com adultos, o que pode indicar que este tipo de padrão não é comum em crianças. Por outro lado, pode-se atribuir as baixas frequências em “Toque” e “Aproximação” (22) ao próprio ambiente de coleta, já que os participantes sentavam em cadeiras colocadas em locais específicos na sala. Ainda assim, ambos os comportamentos eram passíveis de emissão, de modo que outros fatores (como o fato de serem díades mistas ou mesmo a faixa etária dos participantes) podem ter contribuído com as baixas frequências.

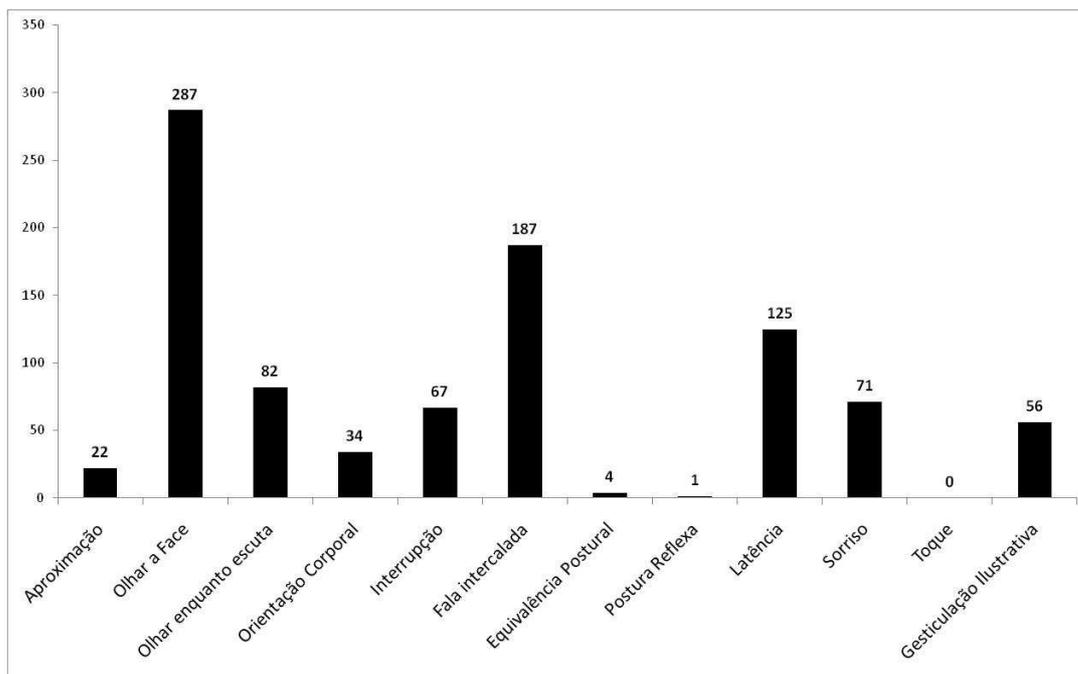


Figura 12 – Frequências absolutas dos elementos componentes do *Rapport*.

Agrupando os componentes nas Macrocategorias propostas por Tickel-Degen e Rosenthal (1990), pode-se analisar as diferenças individuais. Na Figura 13, pode-se observar os resultados obtidos, por participante, quanto a cada Macrocategoria.

A comparação entre as Macrocategorias indica que estas são independentes, isto é, apresentar um elevado índice de “Atenção” não significa, necessariamente, que haverá um elevado índice de “Coordenação” ou de “Positividade” e vice-versa. Quanto à “Atenção”, os membros da quarta díade (A4 e O4) e da sexta díade (A6 e O6) apresentaram o mesmo índice de “Atenção” entre si (48 e 23, respectivamente). Enquanto o participante O3 obteve o mais elevado índice de “Atenção” (51), seu par (A3) obteve um dos mais baixos índices (25). Quanto à “Coordenação”, o mais elevado índice foi obtido por A2 (22) enquanto o do seu par, O2, foi um dos índices mais baixos (8), o que indica que enquanto A2 tendia a alterar sua postura e seu comportamento de acordo com o do seu par, o inverso não tendia a ocorrer. Novamente, a díade da Sessão 4 pode ser destacada pelo elevado índice de coordenação em ambos os participantes. Quanto à “Positividade”, a Sessão 4 foi a única onde ambos os participantes

apresentaram valores positivos. Inversamente, a Sessão 3 foi a única onde ambos apresentaram valores negativos. As demais sessões apresentaram diferenças entre os membros da díade.

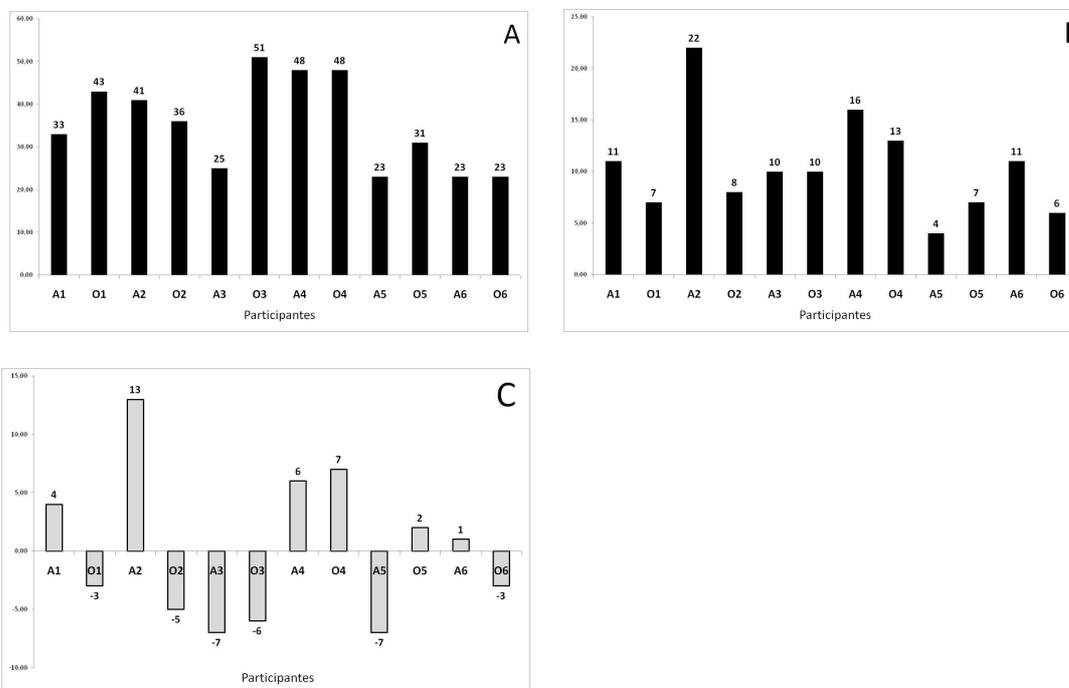


Figura 13 – Valores das Macrocategorias componentes do *Rapport* por participante. Onde: (A) – Macrocategoria “Atenção”. (B) – Macrocategoria “Coordenação”. (C) – Macrocategoria “Positividade”.

Foi calculada a correlação de Spearman entre as Macrocategorias, sendo obtida correlação significativa apenas entre “Coordenação” e “Positividade” ($\rho=0,72$, $p=0,008$), o que indica que a Macrocategoria “Atenção” é independente das demais ($\rho=0,507$, $p=0,92$ e $\rho=0,361$, $p=0,249$, respectivamente).

Foi calculado então o *Rapport*, a partir da soma dos valores de seus componentes. Na Figura 14, pode-se observar os valores do *Rapport* por sessão.

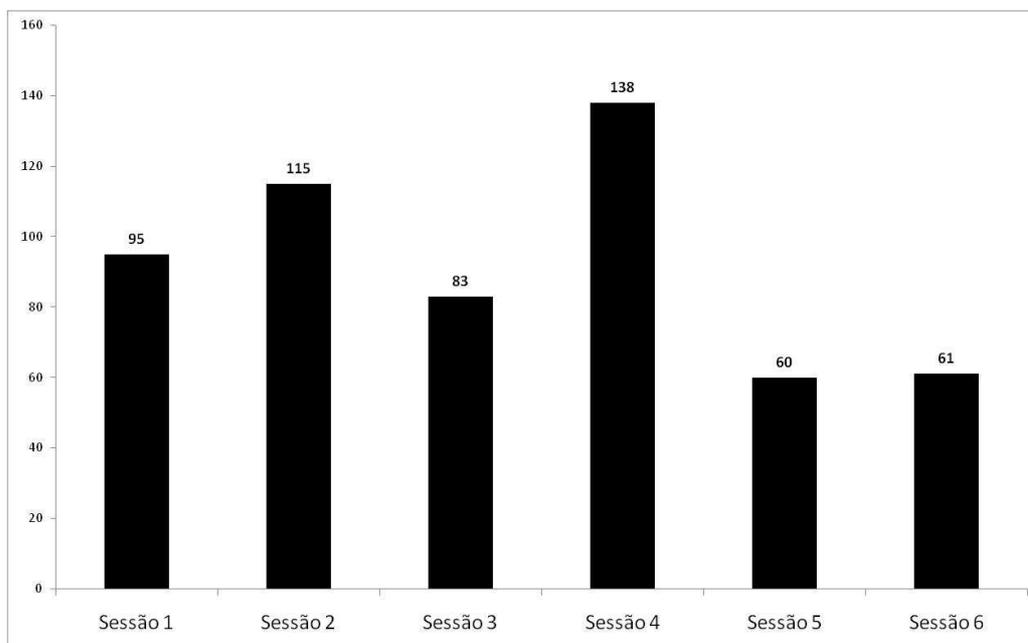


Figura 14 – Valores do *Rapport* por sessão.

O *Rapport* foi calculado por sessão por ser um fenômeno intrinsecamente relacional. Como esperado, de acordo com a análise dos seus componentes, o maior índice de *Rapport* foi observado na Sessão 4. A Sessão 2 apresentou o segundo maior índice de *Rapport*, contudo, analisando os valores dos componentes por participante, pode-se perceber que houve uma contribuição desproporcional entre os membros, de modo que a participante do sexo feminino (A2) apresentou maior frequência de “Atenção”, “Coordenação” e “Positividade” do que o seu par. Esta desproporcionalidade pode indicar que esse índice de *Rapport* não reflete realmente a relação, mas o comportamento individual de apenas um dos membros. O menor índice, por sua vez, foi observado nas Sessões 5 e 6, respectivamente.

Foi calculada, ainda, a frequência de cada componente de cada Macrocategoria de acordo com o sexo (Figura 15). Pode-se perceber que apesar das diferentes frequências, o padrão de distribuição (frequência de cada componente) é muito similar entre os sexos, não indicando uma diferença comportamental relevante. Ainda assim, pode-se destacar que os participantes do sexo masculino tenderam a olhar mais a face

(inclusive em momentos de escuta), sorrir mais e ter maior latência de reação (o que possui valência negativa). As participantes do sexo feminino, por sua vez, tenderam a intercalar mais a sua fala, assumir mais a postura do par e ilustrar mais a fala com gestos.

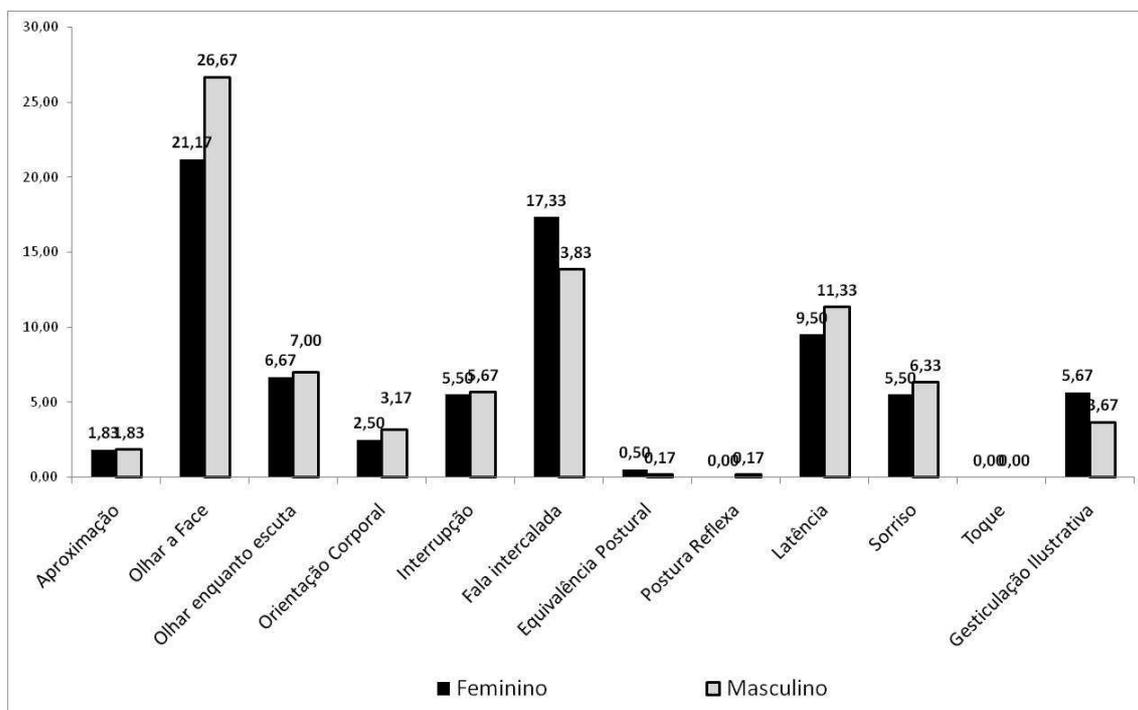


Figura 15 – Frequência de cada componente de acordo com o sexo.

A comparação por sexo também foi feita entre as Macrocategorias e entre a contribuição para o *Rapport* (Figura 16). Vale ressaltar que estes valores de *Rapport* não correspondem ao *Rapport* em si (fenômeno relacional) mas à contribuição individual para obtenção do valor final da relação. Pode-se observar que os participantes do sexo masculino apresentaram mais “Atenção”, o que difere da literatura com adultos (ver Van Beek, Van Dolderen & Dubas, 2006), enquanto as do sexo feminino apresentaram mais “Coordenação” e “Positividade”. O resultado final, contudo, de contribuição para obtenção de *Rapport* foi similar entre os sexos, demonstrando que a partir de diferentes elementos, ambos os sexos tendem a contribuir de forma equivalente à obtenção do *Rapport*.

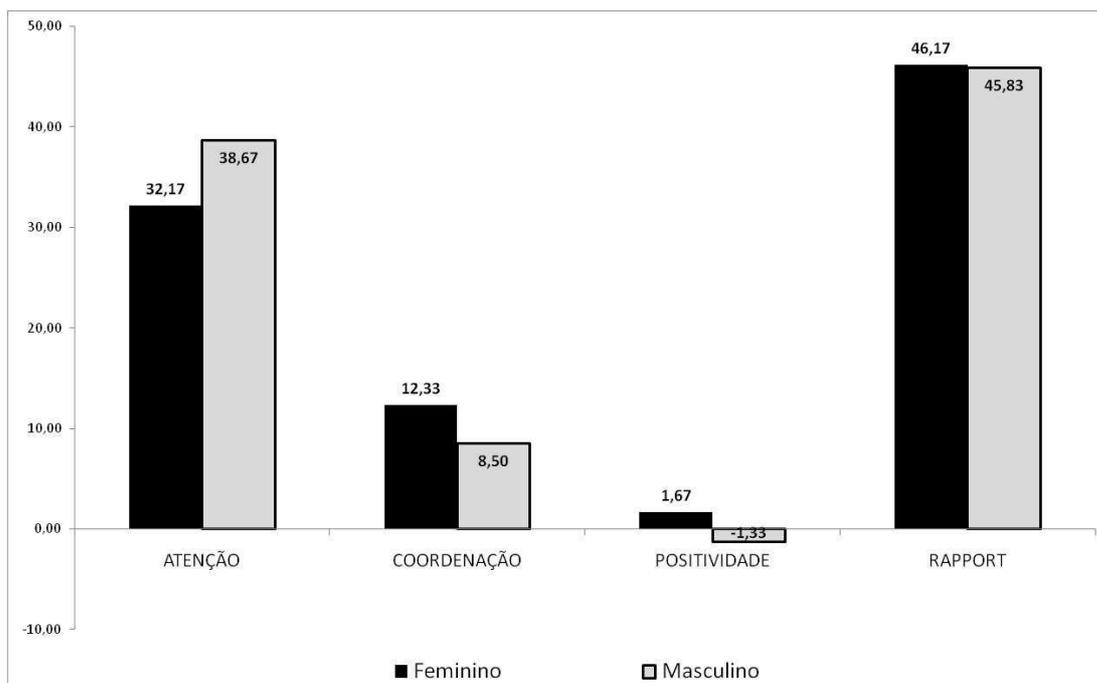


Figura 16 – Valores dos componentes do *Rapport* e da contribuição para o *Rapport* de acordo com o sexo.

- 4) Análise por juízes leigos nos objetivos da pesquisa (de acordo com Bernieri & Rosenthal, 1991).

A análise feita por juízes leigos foi referente ao *Rapport*, logo não houve questões relativas a cada participante mas sim da interação como um todo. Isso impossibilitou a comparação entre indivíduos ou mesmo entre sexos, já que todas as díades eram mistas.

Através do teste de Friedman, foi verificado que para três sessões não há diferença significativa entre as três questões (Sessões 1, 5 e 6). As demais (Sessões 2, 3 e 4) apresentaram diferença significativa entre a Questão 1 e as Questões 2 e 3 ($\chi^2_3=27,878$, $p<0,001$ na Sessão 2; $\chi^2_3=12,944$, $p=0,003$ na Sessão 3 e $\chi^2_2=6,893$, $p<0,032$ na Sessão 4). Através do teste Wilcoxon, foi verificado que a Questão 1 foi significativamente diferente das demais (Com relação à Questão 2, foi obtido $z=-2,786$, $p=0,005$ e com relação à Questão 3, foi obtido $z=-2,889$, $p=0,004$) e que as Questões 2 e 3 não foram significativamente diferentes entre si.

Este resultado indica que as três questões são avaliadas de forma similar, sendo que a relação dos participantes com a tarefa (Questão 2) parece ter mais relevância na avaliação do *Rapport* (Questão 3) do que a percepção do quanto eles gostam um do outro (Questão 1). Considerando a ausência de diferenças estatisticamente significativas entre as questões, na maioria das situações, e que o foco deste estudo é sobre o fenômeno do *Rapport*, optou-se pela análise detalhada apenas da Questão 3.

A Tabela 4 apresenta as estatísticas descritivas referentes à avaliação do *Rapport* por juízes leigos. Pode-se perceber que para os juízes a Sessão 1 foi a percebida com maior *Rapport*, seguida das Sessões 4 e 5. Já a Sessão 3, apresentou o menor *Rapport*, seguida das Sessões 2 e 6.

TABELA 4

Análise descrita da avaliação do *Rapport* por juízes leigos por sessão.

Sessões	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Sessão 1	2,00	5,00	3,54	1,06
Sessão 2	1,00	3,00	1,58	0,71
Sessão 3	1,00	4,00	1,54	0,72
Sessão 4	1,00	5,00	3,29	1,08
Sessão 5	1,00	5,00	3,25	1,19
Sessão 6	1,00	4,00	1,71	0,86

Houve variação entre juízes, o que indica que a percepção sobre o *Rapport* não é uniforme. Ainda assim, o desvio padrão não foi elevado, indicando uma maior concentração nas respostas em torno de valores específicos.

Observando as sessões com maior média do *Rapport* atribuído pelos juízes, pode-se inferir que “Olhar a face”, “Gesticular” e “Falar” tenham sido os comportamentos mais relevantes na avaliação dos juízes, em função da frequência destes nestas sessões em particular. Contudo, não fica claro porque a Sessão 6 não teria recebido uma média elevada de *Rapport*. É possível que outros elementos tenham sido

considerados pelos juízes que não tenham sido contabilizados nesta análise. Não foi possível calcular esta relação estatisticamente, em função do número reduzido de sessões.

Em estudos futuros, pode ser válido solicitar aos juízes uma justificativa para a nota atribuída, de modo a possibilitar uma comparação mais precisa entre o que eles afirmarem ter considerado e os dados objetivos obtidos a partir da transcrição das imagens.

5) Comparação entre os protocolos de análise

Os três protocolos de análise deste estudo são muito diferentes entre si, apesar de terem objetivos similares. Realizou-se, então, uma comparação entre eles de modo a verificar se os resultados encontrados seriam similares.

Como os parâmetros dos diferentes protocolos são muito diferentes, foi utilizada a proposta de Bouhouys e colaboradores (Bouhouys & Hoofdakker, 1991; Bouhouys *et al.*, 1991) para a padronização de valores de diferentes fatores. Assim, dos valores absolutos foi subtraída a média e o resultado dividido pelo desvio padrão. Desta forma, todos os valores tornaram-se equiparados e passíveis de comparação (Tabela 5).

TABELA 5

Valores padronizados dos diferentes protocolos para cada sessão.

Sessões	Índice de Convergência	<i>Rapport</i>	Juízes
Sessão 1	-1,75	0,10	1,10
Sessão 2	0,37	0,75	-0,94
Sessão 3	0,21	-0,29	-0,98
Sessão 4	-0,19	1,50	0,84
Sessão 5	1,31	-1,04	0,80
Sessão 6	0,03	-1,01	-0,80

Considerando a ordenação das sessões, a avaliação feita pelos juízes tendeu a ser mais próxima do cálculo de EC, obtendo as Sessões 1, 4 e 5 os índices mais elevados.

Foi similar, ainda, à ordenação de sessões de acordo com o protocolo de Tickel-Degnen e Rosenthal (1990) de medida de *Rapport*, a partir do qual as relações com maior *Rapport* seriam os presentes nas Sessões 1, 2 e 4. Estas similaridades parecem indicar que os Juízes, mesmo sem treinamento ou análise minuciosa, são capazes de perceber elementos da comunicação não verbal que compõem o *Rapport*, conforme previsto na literatura (Bernieri & Rosenthal, 1991). Como defende Geerts (1997), esta capacidade pode ser indício de que haveria padrões não verbais universais que seriam reconhecidos, com suas funções, com facilidade devido à sua importância para a sobrevivência da espécie, no que se refere às interações sociais. Segundo esta perspectiva, a habilidade de reconhecer e interpretar corretamente padrões não verbais teria sido selecionada, no passado evolutivo da espécie, por propiciar a intensificação de relações mais profícuas e a identificação de relações potencialmente perigosas.

Para comparar estes valores, utilizou-se o teste Wilcoxon para calcular, para cada sessão, a diferença entre o Índice de Convergência, o valor do *Rapport* e o valor do *Rapport* atribuído por juízes. O resultado obtido encontra-se na Tabela 6.

TABELA 6

Teste de Wilcoxon entre os valores padronizados dos três protocolos.

	ICONV- <i>Rapport</i>	ICONV-Juízes	<i>Rapport</i> -Juízes
Z	-,105	-,314	-,105
Asymp. Sig. (2-tailed)	,917	,753	,917

Apesar de que estatisticamente não foram encontradas diferenças significativas entre os resultados dos três protocolos, pode-se perceber que os resultados obtidos indicariam diferentes percepções sobre as interações analisadas, sendo o Índice de Convergência o valor mais destoante comparativamente com os demais.

É possível que o tamanho da amostra tenha influenciado na comparação entre protocolos, pois com mais sessões seria possível fazer testes estatísticos com maior validade e precisão.

Pode-se questionar ainda a pertinência do cálculo do Índice de Convergência utilizado neste estudo, já que o mesmo foi desenvolvido para o cálculo de diferentes fatores, em contexto terapêutico. É possível que em uma interação como as do presente procedimento o cálculo do Esforço Comunicativo seja mais pertinente, por indicar o envolvimento na interação.

Por outro lado, é possível que a convergência não seja um fenômeno presente em interações infantis, sendo uma característica do comportamento social adulto. Esta hipótese já foi levantada anteriormente na literatura (Harrist & Waugh, 2002), questionando se na interação adulto-criança (especialmente quando se utilizam bebês) há uma convergência real ou uma adaptação unilateral do comportamento do adulto.

Considerações Finais

O presente estudo teve um caráter exploratório de três protocolos de análise da coordenação interpessoal e do *Rapport* em interações entre crianças (9 a 11 anos) de ambos os sexos. A partir dos resultados obtidos, pode-se fazer algumas considerações gerais.

O primeiro aspecto a ser destacado é a importância de serem realizados mais estudos do tipo tendo crianças como participantes. Pôde-se observar que os protocolos existentes não contemplam plenamente o comportamento infantil, devendo ser criado um etograma detalhado do comportamento infantil e, a partir deste, ser criada uma adaptação dos protocolos existentes que incluía tais comportamentos.

O estudo do *Rapport* e/ou da coordenação interpessoal possui uma série de aplicações (Menezes & Brito, 2010), as quais ainda precisam ser melhor exploradas no cenário nacional, bem como com a faixa etária presente neste estudo. A partir deste tipo de análise, é possível estudar diferenças de gênero, liderança, habilidades sociais, formação de grupos etc. Para tal, contudo, considera-se que é passo fundamental as adaptações referidas anteriormente.

Considerando os dados de modo geral, pode-se perceber a existência de mais similaridades do que diferenças nos comportamentos analisados de acordo com o sexo. Ainda assim, há diferenças, que em geral corroboram a literatura existente (com exceção da maior frequência de olhar durante a escuta para o sexo masculino), que indicam características mais comuns em cada sexo especificamente. É importante ressaltar, contudo, que tais diferenças não representam uma maior habilidade feminina ou masculina no estabelecimento de *Rapport*, já que valores diferentes em elementos do cálculo não geraram diferenças significativas nos resultados finais.

Considerando os três protocolos pode-se avaliar a relação custo/benefício na escolha metodológica pela utilização de cada um deles em pesquisas futuras.

O primeiro protocolo - o Etograma de Bouhuys e colaboradores - possui como vantagem principal a minúcia da análise, proporcionando um grande número de dados detalhados para compor o resultado final. Em decorrência disto, por sua vez, é um protocolo extenso, que demanda muito tempo de transcrição, tabulação e análise (ver considerações complementares em Fiquer, 2010). Outra dificuldade se refere ao fato dos cálculos propostos neste protocolo terem sido desenvolvidos para o contexto clínico, o que dificulta a sua adequação a outros contextos.

O segundo protocolo – Componentes do *Rapport* propostos por Tickel-Degnen e Rosenthal (1990) – também requer análise minuciosa, contudo possui um número

menor de componentes e um cálculo mais simples para a obtenção de um único resultado final (o *Rapport* em si). A maior dificuldade encontrada na utilização deste foi a inexistência de uma orientação clara quanto a como computar alguns dos componentes (especialmente a latência de reação), o que resultou no estabelecimento de critérios próprios, podendo dificultar a comparação com outros estudos similares que possam vir a utilizar critérios distintos.

O terceiro protocolo – Avaliação por Juízes – é de fácil aplicação e, conforme previsto na literatura, mostrou resultados similares aos obtidos em protocolos mais minuciosos. Contudo ele fornece o menor número de informações, não possibilitando análises mais detalhadas sobre elementos da interação. Acredita-se que este é um protocolo válido enquanto complementar a outras análises e/ou para o estudo da percepção do *Rapport* em si.

É importante ressaltar, ainda, que este estudo possui diversas limitações e sua amplitude deve ser relativizada. A primeira, e principal, limitação refere-se ao número de participantes utilizados. Estudos posteriores deveriam utilizar mais participantes, de modo a possibilitar testes estatísticos mais fortes e a recombinação de variáveis, como a participação de uma mesma criança em múltiplas díades (identificando se os dados obtidos representam o resultado da díade ou um padrão peculiar a uma criança em particular), comparando grupos de diferentes características (como idade, classe social etc.) e possibilitando diferentes combinações de gênero (com díades exclusivamente femininas, exclusivamente masculinas e mistas).

A dificuldade na obtenção de participantes deveu-se ao acesso a escolas e, especialmente, aos pais para apresentação da pesquisa e solicitação de consentimento. Este processo durou aproximadamente oito meses, atrasando em muito a coleta de dados e com isso restringindo o número de sessões passíveis de serem realizadas. Outra

dificuldade refere-se à agenda escolar e à agenda pessoal de crianças. Houve a necessidade de que a coleta fosse realizada em horário escolar para que os pais consentissem com a realização da pesquisa, contudo no horário escolar havia uma série de impedimentos relativos a atividades acadêmicas, culturais, esportivas e recreativas nas quais as crianças se engajavam, bem como a restrição do calendário anual ao período letivo.

Outra limitação refere-se à não obtenção de dados qualitativos dos participantes (como a utilização de questionários socioeconômicos ou sociogramas) nem dos juízes, no que se refere a elementos que eles consideraram em suas análises.

Não foram utilizadas, ainda, as pseudointerações propostas por Bernieri e Rosenthal (1991) na avaliação por juízes. Estas pseudo-interações consistem na exibição de imagens alteradas digitalmente de modo que um participante exiba um atraso de 3 segundos em relação ao outro. Estas pseudointerações deveriam ser apresentadas em meio à exibição das interações reais como grupo controle. Neste estudo, não foi encontrada alternativa tecnológica de edição que permitisse a criação destas interações de forma que não ficasse óbvia a adulteração da imagem. Em estudos futuros, o ambiente de coleta deve conter menos detalhes decorativos e fundo branco, facilitando a criação destes vídeos.

Apesar destas limitações, considera-se que o estudo foi válido, especialmente pelo seu pioneirismo. Pôde-se perceber as principais características do comportamento infantil que contribuem com o *Rapport*, bem como identificar as semelhanças e diferenças de acordo com o sexo.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÃO

O estudo das diferenças de gênero na infância é relevante para compreensão tanto de como características tipicamente de um sexo se desenvolvem ao longo da vida do indivíduo quanto sobre os efeitos destas diferenças para a socialização de crianças, especialmente daquelas que apresentam padrões atípicos.

As diferenças de gênero são construídas a partir da interação entre fatores biológicos e sócio-culturais, de forma indissociável. Isto é, há diferenças anátomo-fisiológicas que afetam não só a aparência do organismo humano mas que influenciam de forma sexualmente dimórfica o funcionamento do sexo masculino e do sexo feminino, a partir de habilidades e preferências distintas. Este organismo não se desenvolve no vazio, de modo que sua inserção sócio-cultural irá afetar o desenvolvimento das características comportamentais, fortalecendo ou contrariando tais predisposições biológicas (Luxen, 2007). Pode-se esperar, principalmente, que ocorra tal fortalecimento já que as distinções entre sexos foram selecionadas no passado evolutivo da espécie devido a sua importância para a sobrevivência.

Poiani (2010) afirma que “na perspectiva evolucionista, é a fundamentação bio-social do comportamento que pode conduzir não apenas à evolução de traços anatômicos ou psicológicos, mas também para a evolução de traços culturais em um processo interativo conhecido como *evolução gene-cultura*¹⁵” (p. 27, itálico original).

Desta forma, o conceito de gênero só pode ser compreendido de forma interacionista, combinando elementos múltiplos em sua construção e concebendo-o enquanto um contínuum, passível de alteração ao longo da vida, ao invés de uma

¹⁵ No original: “In an evolutionary perspective, it is biosocial underpinning of behaviour that can lead not only to the evolution of anatomical and physiological traits, but also to the evolution of cultural traits in an interactive process that is known as *gene-culture evolution*”.

simplificação dualista de classificações estanques enquanto “feminino” e “masculino” (sobre essa noção do conceito de gênero enquanto contínuo, ver Poiani, 2010).

O presente trabalho teve por objetivo contribuir com esta área do conhecimento a partir da investigação das diferenças de gênero no comportamento infantil através de diferentes metodologias, possibilitando a comparação entre os seus resultados e sobre os procedimentos metodológicos em si.

Foram realizados, para tal, três diferentes estudos, utilizando no total 7 formas de investigação, a saber:

- 1) Observação direta de brincadeiras no contexto escolar.
- 2) Entrevista sobre relação entre tipos de brincadeira e gênero.
- 3) Aplicação do PPPSI.
- 4) Aplicação da primeira parte do teste do “Desenho da Figura Humana”.
- 5) Análise do Esforço Comunicativo, Sincronia e Convergência não verbal de díades.
- 6) Análise do *Rapport* através de seus componentes não verbais.
- 7) Análise do *Rapport* através da avaliação por juízes.

Apesar de que estas formas apresentam diferentes objetivos e procedimentos, foi possível observar alguns elementos comuns nos resultados obtidos.

Um dado relevante que pôde ser observado em todos os resultados (menos na aplicação do teste do “Desenho da Figura Humana”, por este ser limitado à medida de identificação) é de que as similaridades entre os sexos são muito grandes. Isto é, de modo geral, a maioria das situações e brincadeiras investigadas foram escolhidas ou exercidas por indivíduos de ambos os sexos. Contudo, para muitas houve uma maior concentração entre participantes do sexo feminino ou do masculino, indicando uma

propensão de acordo com o sexo. Este resultado é compatível com a percepção do conceito de gênero em um contínuo, conforme mencionado previamente.

Além disso, a partir das três metodologias utilizadas no estudo sobre comportamento não verbal e da observação direta do brincar, pôde-se perceber que as similaridades em categorias mais amplas não correspondem necessariamente a similaridades em categorias menores. Isto é, ambos os sexos podem brincar da mesma brincadeira ou atingir o mesmo nível de *Rapport*, contudo, as formas e os estilos adotados para tal tendem a ser diferentes em alguns aspectos.

A preferência por brincar com crianças do mesmo sexo pôde ser percebida tanto a partir da observação direta quanto pela aplicação do PPPSI. Contudo, os dados obtidos a partir desses métodos, combinados com os resultados das entrevistas, indicam que esta preferência não decorre de uma preferência pelo sexo do par em si, mas sim pela atividade na qual se engajar. Como as preferências por brincadeiras, ou mais fortemente ainda os estilos de brincar cada brincadeira, apresentam diferenças sexuais, a tendência é que se formem grupos de indivíduos do mesmo sexo. Esta interpretação corroboraria a hipótese evolucionista de que havia uma tendência comportamental distinta de acordo com o sexo, de modo que a aproximação seria resultante desta similaridade e não da formação de uma noção prévia de identidade de gênero.

Outro resultado comum às diferentes formas de investigação, especialmente à observação direta e à aplicação do PPPSI, é de uma maior inserção feminina no universo masculino do que o inverso. Vários autores têm relatado este fenômeno e discutido sobre a aceitação de “meninas masculinizadas” enquanto superior a de “meninos feminilizados” (Silva, 2006, Hansen *et al.*, 2007, Poiani, 2010 entre outros). Contudo, não há ainda uma explicação sobre o porquê desta diferença, podendo ser este o objeto de uma investigação futura.

De um modo geral, não é possível comparar os dados referentes à emissão de comportamentos entre os métodos, em função da diversidade das unidades de análise. Contudo, pode-se destacar que tanto nos métodos de observação direta e entrevista, quanto nas que utilizavam a análise de comportamento não verbal, as crianças do sexo feminino tenderam a ser mais verbais que as do sexo masculino.

A utilização de múltiplos métodos, apesar das dificuldades de comparação entre seus resultados, possibilita uma visão mais abrangente do fenômeno, por utilizar diferentes enfoques e recortes. Cada um dos métodos utilizados possui características próprias que devem ser consideradas no momento de escolha para pesquisas futuras. Uma breve comparação entre características desses métodos pode ser observada na Tabela 7.

Pode-se perceber que todos os métodos apresentam vantagens e desvantagens em sua aplicação, devendo ser considerados os objetivos da pesquisa para a avaliação do método a ser utilizado. Contudo, pode-se destacar aqui alguns aspectos que devem influenciar o delineamento de estudos futuros.

Inicialmente, o estudo de padrões infantis carrega consigo alguns desafios intrínsecos. É importante considerar o tempo gasto para a obtenção de autorizações e permissões, bem como os cuidados necessários para a seleção de um ambiente de coleta propício, o qual não limite ou intimide o modo de se comportar e interagir da criança. Além disso, alguns métodos de pesquisa foram consagrados na literatura em investigações com adultos, o que gera a necessidade premente de suas adaptações à realidade infantil.

Outro aspecto se refere ao modo de analisar os resultados, especialmente quando for utilizada a observação direta. Os dados encontrados aqui indicam que a contabilização de frequências é uma medida muito simplória para a real compreensão

das brincadeiras, sendo importante a utilização de outras medidas que permitam identificar o estilo do brincar e a forma como se dá o envolvimento dos demais integrantes da brincadeira, sendo do mesmo sexo ou do sexo oposto.

TABELA 7

Comparação entre os métodos utilizados neste estudo

Método	Foco	Vantagens	Desvantagens
Observação direta de brincadeiras no contexto escolar.	Comportamentos tal qual eles ocorrem	Acesso direto à informação contextualizada. Possibilita medidas distintas, como frequência, duração, etc.	Requer ambiente de coleta próximo do cotidiano da criança que possibilite o registro dos comportamentos ocorridos. Transcrição de dados demorada e custosa.
Entrevista sobre relação entre tipos de brincadeira e gênero.	Relato e percepções	Acesso à compreensão infantil do conceito de gênero, sem limitar ambientes ou contextos. Fácil de analisar.	A influência de valores sociais é maior, de modo que o discurso pode não refletir a realidade vivida pela criança.
Aplicação do PPPSI.	Escolha entre tipos de brincadeiras e sexo do par	Comparação entre diferentes situações de escolha. Obtenção de escores absolutos.	Limita as opções e não permite a identificação de fatores que podem ter influenciado a escolha.
Aplicação da primeira parte do teste do “Desenho da Figura Humana”.	Identidade de gênero.	Fácil de aplicar e de analisar.	Limitação dos dados obtidos a um único elemento.
Análise do Esforço Comunicativo, Sincronia e Convergência não verbal de díades.	Evolução dos comportamentos não verbais ao longo da interação.	Dados minuciosos e detalhados, de duração e frequência. Produz resultados individuais e relacionais.	Requer adaptações para o contexto das interações infantis. Limitado a interações diádicas. Análise trabalhosa e custosa.
Análise do <i>Rapport</i> através de seus componentes não verbais.	Componentes não verbais do <i>Rapport</i>	Dados minuciosos de frequência. Produz resultados individuais e relacionais.	Requer padronização de critérios de contabilização. Análise trabalhosa e custosa.
Análise do <i>Rapport</i> através da avaliação por juízes.	Percepção do <i>Rapport</i>	Dados sobre a percepção de mudanças sutis de comportamento não verbal do <i>Rapport</i> . Facilidade de aplicação e análise.	Dificuldade na produção de pseudo-interações. Ausência de dados pormenorizados.

Os métodos de estudo do comportamento não verbal parecem ter um potencial elevado de produção de informações relativas às diferenças individuais, de gênero e de interação. A obtenção de dados relativos à interação em si é um elemento muito relevante para compreender se e como as diferenças de gênero podem afetar a socialização. Desta forma, este parece um percurso promissor para o estudo das relações infantis e pode ser especialmente válido para a análise de crianças com padrões de não conformidade de gênero.

Pode-se destacar, ainda, que o estudo específico da não conformidade de gênero possui desafios. Como a incidência deste padrão, especialmente entre indivíduos do sexo masculino, é reduzida, é necessário uma grande amostra de participantes para permitir a identificação de indivíduos que possam integrar tais estudos. O PPPSI pode ser considerado de grande valor nesse processo, devido à sua facilidade de aplicação e a validade de seus resultados. Contudo, há ainda o desafio referente à autorização em integrar a pesquisa quando se trata de padrões não-conformes de gênero. Tais desafios têm levado a comunidade científica a privilegiar contextos clínicos, investigando crianças diagnosticadas como Transtorno de Identidade de Gênero e que buscam tratamento para tal. Estes contextos permitem um acesso privilegiado à amostra, mas também enviesam os resultados, limitando a generalização dos mesmos para crianças não-conformes de gênero sem quadro clínico identificável.

Sugere-se que em pesquisas futuras sejam combinadas duas ou mais estratégias investigativas que possibilitem o acesso a diferentes elementos do comportamento infantil, comparando a relação entre diferentes fatores, qualitativos e quantitativos.

Acredita-se que este trabalho alcançou seus objetivos principais contribuindo com o conhecimento existente na área e indicando novos caminhos que possibilitem o aprofundamento das discussões existentes.

REFERÊNCIAS

- Alexander, G. M. (2003). An evolutionary perspective of sex-typed toy preferences: Pink, blue, and the brain. *Archives of Sexual Behavior*, 32 (1), 7–14.
- Alexander, G. M. & Hines, M. (1994). Gender labels and play styles: Their relative contribution to children's selection of playmates. *Child Development*, 85, 869-879.
- Alexander, G. M. & Hines, M. (2002). Sex differences in response to children's toys in nonhuman primates (*Cercopithecus aethiops sabaeus*). *Evolution and Human Behavior* 23, 467–479.
- Alexander, G. M., Wilcox, T. & Woods, R. (2009). Sex differences in infants' visual interest in toys. *Archives of Sexual Behavior*, 38, 427-433.
- Almeida, C. M. (2007). *Descrição do atendimento psicoterápico de uma mulher com hiperplasia adrenal congênita*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Associação Americana de Psiquiatria (2003). *Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais*. Porto Alegre: Artmed.
- Bailey, J. M., Dunne, M. P. & Martin, N. G. (2000). Genetic and environmental influences on sexual orientation and its correlates in an Australian twin sample. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78 (3), 524-536.
- Bailey, J. M., Bechtold, K. T. & Berenbaum, S. A. (2002). Who are tomboys and why should we study them? *Archives of Sexual Behavior*, 31, 333-341.
- Baker, S. W. (1980). Biological influences on human sex and gender. *Signs*, 6, 80-96
- Beijsterveldt, C. E. M. van, Hudziak, J. J. & Boomsma, D. I. (2006). Genetic and developmental influences on cross gender behaviors. A study of Dutch twins at ages 7 and 10. *Archives of Sexual behavior*, 35, 647-658.

- Bem, D. J. (1996). Exotic becomes erotic: A developmental theory of sexual orientation. *Psychological Review*, 103 (2), 320-335.
- Bem, D. J. (2000). Exotic becomes erotic: Interpreting the biological correlates of sexual orientation. *Archives of Sexual Behavior*, 29 (6), 531-548.
- Beraldo, K. E. (1993). Gênero de brincadeiras de crianças de 5 a 10 anos. Dissertação de Mestrado não publicada. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Bernieri, F. J., Reznick, S. & Rosenthal, R. (1988). Synchrony, pseudosynchrony and dissynchrony: Measuring the entrainment process in mother-infant interactions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54 (2), 243-273.
- Bernieri, F. J. & Rosenthal, R. (1991). Interpersonal coordination: Behavior matching and interactional synchrony. Em: R. S. Feldman & B. Rimé (Eds) *Fundamentals of nonverbal behavior*. (pp.401-432). Cambridge: Cambridge University Press.
- Bianchi, B. D. & Bakeman, R. (1978). Sex-typed affiliation preferences observed in preschoolers: Traditional and open school differences. *Child Development*, 49, 910-912.
- Biddulph, S. (2006). *Criando meninos*. São Paulo: Editora Fundamento.
- Birke, L. I. A. (1981). Is homosexuality hormonally determined? *Journal of homosexuality*, 6 (4), 35-49.
- Bouhuys, A. (2003). Ethology and depression. Em: F. J. Bremer (Org.), *Nonverbal behavior in clinical settings*. (pp. 233-262). Oxford: Oxford University Press.
- Bouhuys, A. L.; & Hoofdakker, R. H. van den (1991). The interrelatedness of observed behavior of depressed patients and of a psychiatrist: an ethological study on mutual influence. *Journal of Affective Disorders*, 23, 63 – 74.

- Bouhuys, A. L.; Jansen, C. J. & Hoofdakker, R. H. van den (1991). Analysis of observed behavior displayed by depressed patients during a clinical interview: relationships between behavioral factors and clinical concepts of activation. *Journal of Affective Disorders*, 21, 79 – 88.
- Burghardt, G. M. (2004). *The genesis of animal play: testing the limits*. Cambridge: MIT Press.
- Burgoon, J.K., Dillman, L., & Stern, L.A. (1993) Adaptation in dyadic interaction: defining and operationalizing patterns of reciprocity and compensation. *Communication Theory*. 3: 295 - 316.
- Buss, D. M. (1995). Psychological Sex Differences: Origins Through Sexual Selection. *American Psychologist*, 50 (3), p. 164-168.
- Bussab, V.S. & Ribeiro, F. L. (1998). Biologicamente cultural. Em: L. Souza, M. F. Q. de Freitas & M. M. P. Rodrigues (Orgs.), *Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. (pp. 175 - 193). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bussey, K. & Bandura, A. (1999). Social cognitive theory of gender development and differentiation. *Psychological Review*, 106, 676-713.
- Cappella, J. N. (1981). Mutual influence in expressive behavior: Adult-adult and infant-adult in dyadic interaction. *Psychological Bulletin*, 89 (1), 101-132.
- Cappella, J. N. (1997). Behavioral and judged coordination in adult informal social interactions: Vocal and kinesic indicators. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72 (1), 119-131.
- Carvalho, A. M. A. (1988). Etologia das relações mãe-criança no ser humano. Em: *Anais do VI Encontro Anual de Etologia*. Florianópolis, SC: Imprensa Universitária da UFSC, 39-45.

- Carvalho, A. M., Beraldo, K. E. A., Pedrosa, M. I. & Coelho, M. T. (2004). O uso de entrevistas em estudos com crianças. *Psicologia em Estudo*, 9 (2), 291-300.
- Cohen, K. M. (2002). Relationship among childhood sex-atypical behavior, spatial ability, handedness, and sexual orientation in men. *Archives of Sexual Behavior*, 31 (1), 129-143.
- Cohen-Kettenis, P. T., Owen, A., Kaijser, V. G., Bradley, S. J. & Zucker, K. J. (2003). Demographic characteristics, social competence, and behavior problems in children with gender identity disorder: a cross-national, cross-clinic comparative analysis. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 31(1), 41-53.
- Conti, L. & Sperb, T. M. (2001). O brinquedo de pré-escolares: Um espaço de ressignificação cultural. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17 (1), 59-67.
- Cordazzo, S. T. D., Martins, G. D. F., Macarini, S. M. & Vieira, M. L. (2007). Perspectivas no estudo do brincar: Um levantamento bibliográfico. *Aletheia*, 26, 122-136.
- Cordazzo, S. T. D., Westphal, J. P., Tagliari, F. P., Vieira, M. L., Oliveira, A. M. F. (2008). Metodologia observacional para o estudo do brincar na escola. *Avaliação Psicológica*, 7 (3), 427-438.
- Criss, M. M., Shaw, D. S. & Ingoldsby, E. M. (2003). Mother-son positive synchrony in middle childhood: Relation to anti-social behavior. *Social Development*, 12.
- Crown, C. L., Feldstein, S., Jasnow, M., Beebe, B. & Jaffe, J. (2002). The cross-modal coordination of interpersonal timing: Six-week-olds infants` gaze with adults` vocal behavior. *Journal of Psycholinguistic Research*, 31 (1), 1-23.
- Del Giudice, M. (2009). On the real magnitude of psychological sex differences. *Evolutionary Psychology*, 7 (2), 264-279.

- Ellis, B. J. (2004). Timing of pubertal maturation in girls: An integrated life history approach. *Psychological Bulletin*, 130 (6), 920-958.
- Evans, C. A. & Porter, C. L. (2009). The emergence of mother-infant co-regulation during first year: Links to infants` developmental status and attachment. *Infant Behavior and Development*, 32, 147-158.
- Fagot, B. I. (1977). Consequences of moderate cross-gender behavior in preschool children. *Child Development*, 48, 902-907.
- Feldman, D. (2003). *Puesta a punto bibliográfica sobre la relación de los conceptos parafilias y abuso sexual infantil*. Trabajo de Conclusão de Curso. Universidad de Belgrano, Buenos Aires.
- Finnegan, J. A. K., Niccols, G. A., Zacher, J. E. & Hood, J. E. (1991). The Play Activity Questionnaire: A parent report measure of children`s play preference. *Archives of Sexual Behavior*, 20 (4), 393-408.
- Fiquer, J. T. (2010). *Comunicação não verbal e depressão: uso de indicadores não verbais para avaliação de gravidade, melhora clínica e prognóstico*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Franco, F., Karp, S. A. & Schottenbauer, M. A. (2005). The Spanish version of the Draw-A-Person Questionnaire (DAPQ). *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 27 (4), 455-470.
- Fridell, S. R., Owen-Anderson, A., Johnson, L. L., Bradley, S. J. & Zucker, K. J. (2006). The playmate and play style preferences structured interview: A comparison of children with gender identity disorder and controls. *Psychological Review*, 107(3), 411-429.
- Gadpaille, W. J. (1980). Cross-species and cross-cultural contributions to understanding homosexual activity. *Archives of General Psychiatry*, 37, 349-356.

- Gangestad, W. S., Haselton, G. M., & Buss, M. D. (2006). Evolutionary Foundations of Cultural Variation: Evoked Culture and Mate Preferences. *Psychological Inquiry*, 2, 75-95.
- Geerts, E. A. H. M. (1997). *An ethological approach of interpersonal theories of depression*. Tese de Doutorado, Rijksuniversiteit Groningen: Groningen.
- Geerts, E., Bouhuys, A. L. & Bloem, G. M. (1997). Nonverbal support giving induces nonverbal support seeking in depressed patients. *Journal of Clinical Psychology*, 53 (1), 35-39.
- Golombok, S., Rust, J., Zervoulis, K., Croudace, T., Golding, J. & Hines, M. (2008). Developmental Trajectories of Sex-Typed Behavior in Boys and Girls: A Longitudinal General Population Study of Children Aged 2.5 – 8 Years. *Child Development*, 79 (5), 1583-1593.
- Gooren, L. (2006). The biology of human psychosexual differentiation. *Hormones and Behavior* 50, 589-601.
- Grahe, J. E. & Bernieri, F. J. (1999). The importance of nonverbal cues in judging Rapport. *Journal of Nonverbal Behavior*, 23 (4), 253-269.
- Grahe, J. E. & Sherman, R. A. (2007). An ecological examination of Rapport using a dyadic puzzle task. *The Journal of Social Psychology*, 147 (5), 452-475.
- Hansen, J., Macarini, S. M., Martins, G. D. F., Wanderlind, F. H. & Vieira, M. L. (2007). O brincar e suas implicações para o desenvolvimento infantil a partir da Psicologia Evolucionista. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 17 (2), 133-143.
- Harris, J. R. (1999). *Diga-me com quem anda...* Rio de Janeiro: Objetiva.
- Harrist, A. W. & Waugh, R. M. (2002). Dyadic synchrony: It`s structure and function in children`s development. *Developmental Review*, 22, 555-592.

- Hassett, J. M., Siebert, E. R. & Wallen, K. (2008). Sex differences in rhesus monkey toy preferences parallel those of children. *Hormones and Behavior*, 54 (3), 359-364.
- Hausmann, M. (2005). Questão de simetria. *Viver: Mente e cérebro*, 8 (146), 40-45.
- Isabella, R. A. & Belsky, J. (1991). Interactional synchrony and the origins of infant-mother attachment: A replication study. *Child Development*, 62, 373-384.
- Isabella, R. A., Belsky, J. & von Eye, A. (1989). Origins of infant-mother attachment: An examination of interactional synchrony during the infant's first year. *Developmental Psychology*, 25 (1), 12-21.
- Jadva, V., Hines, M. & Golombok, S. (2010). Infants' Preferences for Toys, Colors, and Shapes: Sex Differences and Similarities. *Archives of Sexual Behavior*, 39, 1261-1273.
- Jacklin, C. N., DiPietro, J. A. & Maccoby, E. E. (1984). Sex-typing behavior and sex-typing pressure in child/parent interaction. *Archives of Sexual Behavior*, 13 (5), 413-425.
- Keller, H. (2007). *Culture of infancy*. Alemanha: University of Osnabruck.
- Kinsey, A. C.; Pomeroy, W. B.; Martin, C. E. (1948). *Sexual behavior in the human male*. Filadelfia e Londres: W. B. Saunders Company.
- Kraemer, B., Noll, T., Delsignore, A., Milos, G., Schnyder, U. & Hepp, U. (2009). Finger length ratio (2D:4D) in adults with gender identity disorder. *Archives of Sexual Behavior*, 38, 359-363.
- Lalumière, M. L., Blanchard, R. & Zucker, K. J. (2000). Sexual orientation and handedness in men and women: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 126 (4), 575-592.
- LeVay, S. (1996). *Queer science: The use and abuse of research into homosexuality*. Massachussets: Massachussets Institute of Tecnology Press.

- Lindsey, E. W., Colwell, M. J., Frabutt, J. M., Chambers, J. C. & MacKinnon-Lewis, C. (2008). Mother-child dyadic synchrony in European American and African American families during early adolescence – Relations with self-esteem and prosocial behaviour. *Merrill-Palmer Quarterly*, 54 (3), 289-315.
- Lippa, R. A. (2002). Gender-related traits of heterosexual and homosexual men and women. *Archives of Sexual Behavior*, 31 (1), 83-98.
- Lippa, R. A. (2005). Subdomains of Gender-Related Occupational Interests: Do They Form a Cohesive Bipolar M-F Dimension? *Journal of Personality* 73 (3), 693-730.
- Lippa, R. A. (2008). Sex Differences and Sexual Orientation Differences in Personality: Findings from the BBC Internet Survey. *Archives of Sexual Behavior*, 37, 173–187.
- Liss, M. B. (1981). Patterns of toy play: an analysis of sex Differences. *Sex Roles*, 7 (11), 1143-1150.
- Lorenz, K. (1986). *Evolução e modificação do comportamento*. Rio de Janeiro: Interciência. Originalmente publicado em 1965.
- Luxen, M. F. (2007). Sex Differences, Evolutionary Psychology and Biosocial Theory: Biosocial Theory is No Alternative. *Theory Psychology*, 17 (3), p. 383-394
- Menezes, A. B. C. (2005). *Análise da investigação dos determinantes do comportamento homossexual humano*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Menezes, A. B. C. & Brito, R. C. S. (2007). Reflexões sobre a homossexualidade como subproduto da evolução do prazer. *Psicologia em Estudo*, 12 (1), 133-139.
- Menezes, A. B. C. & Brito, R. C. S. (2010). Metodologia do estudo do *Rapport*. *FAZ: Ciência & Tecnologia*, 5, 8/9.

- Minton, H. L. & McDonald, G. J. (1984). Homosexual identity formation as a developmental process. Em: J. P. De Cecco & D. A. Parker (Eds). *Sex, cells, and same-sex desire: The biology of sexual preference*. (p. 91-104). New York: The Haworth Press.
- Pasterski, V. L. (2002). *Development of gender role behaviour in children: Prenatal hormones and parental socialization*. Tese de doutorado não-publicada, City University, Londres.
- Paul, J. P. (1993). Childhood cross-gender behavior and adult homosexuality: The resurgence of biological models of sexuality. *Journal of Homosexuality*, 24 (3/4), 41-54.
- Pillard, R. & Weinrich, J. (1986). Evidence for a familial nature of male homosexuality. *Archives of General Psychiatry*, 43, 808-812.
- Pinker, S. (2004). *Tabula rasa: A negação contemporânea da natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Poiani, A. (2010). *Animal homosexuality – A biosocial perspective*. Cambridge: University Press.
- Pomerleau, A., Bolduc, D., Malcuit, G. & Cossette, L. (1990). Pink or blue: Environmental gender stereotypes in the first two years of life. *Sex Roles*, 22 (5/6), 359-367.
- Purcell, D. W., Blanchard, R. & Zucker, K. J. (2000). Birth order in a contemporary sample of gay men. *Archives of Sexual Behavior*, 29 (4), 349-356.
- Ricketts, W (1984). Biological research on homosexuality: Ansell's cow or Occam's razor? *Journal of Homosexuality*, 10, 65-93.
- Sardinha, A. P. A. (2007). *Hiperplasia adrenal congênita: descrição de um estudo de caso*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Pará, Belém.

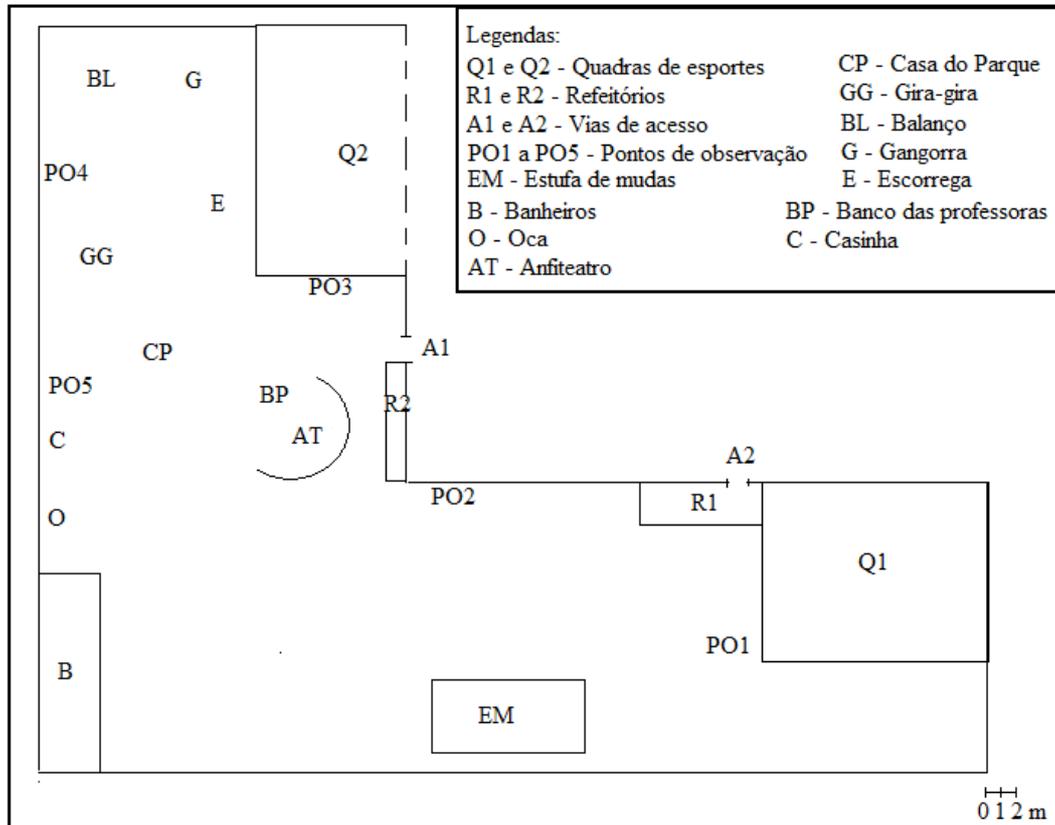
- Savin-Williams, R. C. & Diamond, L. M. (2000). Sexual identity trajectories among sexual-minority youths: Gender comparison. *Archives of Sexual Behavior*, 29 (6), 607-627.
- Shirley, L. J. & Campbell, A. (2000). Same-sex preference in infancy: Visual preference for sex-congruent stimuli at three months. *Psychology, Evolution & Gender*, 2 (1), 3-18.
- Silva, L. I. (2006). *Papagaio, pira, peteca e coisas do gênero*. Tese de doutorado não-publicada. Universidade Federal do Pará, Belém.
- Silva, L. I. C., Pontes, F. A. R., Silva, S. D. B., Magalhães, C. M. C. & Bichara, I. D. (2006). Diferenças de gêneros nos grupos de brincadeira na rua: A hipótese de aproximação unilateral. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 19 (1), 114-121.
- Silveira, A. F. (2003). *Estereótipos de Gênero em Brincadeiras Infantis*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Skinner, B. F. (1975). The shaping of phylogenic behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 24 (1), 117-120.
- Taylor, S. E., Klein, L. C., Lewis, B. P., Gruenewald, T. L., Gurung, R. A. R. & Updegraff, J. A. (2000). Biobehavioral responses to stress in females: Tend-and-befriend, not fight-or-flight. *Psychological Review*, 107 (3), 411-429.
- Tickel-Degnen, L. & Rosenthal, R. (1990). The nature of *Rapport* and its nonverbal correlates. *Psychological Inquiry*, 1 (4), 285-293.
- Tinbergen, N. (1966). *Comportamento animal*. São Paulo: José Olympio.
- Tooby, J. & Cosmides, L. (2000). *Evolutionary psychology: Foundational papers*. Cambridge: MIT Press.
- Trevisan, J. S. (2002). *Devassos no paraíso*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record. (Originalmente publicado em 1986).

- Tronick, E. Z. & Cohn, J. F. (1989). Infant-mother face-to-face interaction: age and gender differences in coordination and the occurrence of miscoordination. *Child Development, 60*, 85-92.
- Udry, J. R. & Chantala, K. (2006). Masculinity-Femininity predicts sexual orientation in men but not in women. *Journal of Biosocial Science, 38*, 797-809.
- Van Beek, Y., van Dolderen, M. S. M. & Dubas, J. J. S. D. (2006). Gender-specific development of nonverbal behaviours and mild depression in adolescents. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 47* (12), 1271-1283.
- Van de Beek, C., van Goozen, S. H. M., Buitelaar, J. K. & Cohen-Kettenis, P. T. (2009). Prenatal sex hormones (maternal and amniotic fluid) and gender related play behavior in 13-month-old infants. *Archives of Sexual Behavior, 38*, 6-15.
- Van Wyk, P. H. & Geist, C. S. (1984). Psychosocial development of heterosexual, bisexual, and homosexual behavior. *Archives of Sexual Behavior, 13* (6), 505-544.
- Wegesin, D. J. (1998). A neuropsychologic profile of homosexual and heterosexual men and women. *Archives of Sexual Behavior, 27* (1), 91-108.
- Zucker, K. J. (2005). Measurement of psychosexual differentiation. *Archives of Sexual Behavior, 34*, 375-388.
- Zucker, K. J., Finegan, J. A. K., Doering, R. W. & Bradley, S. J. (1983). Human figure drawings of gender-problem children: A comparison to siblings, psychiatric and normal controls. *Journal of Abnormal Child Psychology, 11* (2), 287-298.
- Zucker, K. J., Wilson-Smith, D. N., Kurita, J. A. & Stern, A. (1995). Children's appraisals of sex-typed behavior in their peers. *Sex Roles, 33* (11/12), 703-725.

APÊNDICES

APÊNDICE I AMBIENTE DE COLETA

1) Planta baixa do ambiente de coleta da Fase 1, do estudo descrito no Capítulo 2.



2) Pontos de observação da Fase 1, do estudo descrito no Capítulo 2.



APÊNDICE II
CATEGORIAS UTILIZADAS NA ANÁLISE DOS RESULTADOS DA FASE 1 DO
CAPÍTULO 2

Categoria	Descrição
Balançar no banco das professoras	Sentar-se no banco designado às professoras enquanto impulsiona o mesmo para frente e para trás a partir do contato dos pés com o chão
Brincar com bonecos de super-herói	Movimentação de bonecos de super-herói junto à emissão de sons e interação com pessoas ou objetos
Brincar com o observador	Interagir com o observador de forma lúdica, como fazendo caretas, gesticulando, pulando etc.
Brincar de luta	Comportamento lúdico através do qual imita comportamentos caracterizados como agressivos
Brincar de pega	Brincadeiras que envolvem correr e alcançar colegas
Brincar na areia	Brincar, individualmente ou não, manipulando a areia com os membros, balde ou pá.
Brincar na oca	Atividade lúdica envolvendo o ambiente da oca
Correr	Movimentação em velocidade rápida, com passadas irregulares quanto ao tamanho e a velocidade.
Dançar	Movimentação ritmada ao som de uma música.
Dar as mãos	Segurar na mão de outra pessoa de modo a entrelaçar os dedos ou cruzar as palmas, mantendo nesta posição por pelo menos 5 segundos.
Escorregar no escorregador	Escorregar pela superfície do escorregador estando sentado com as pernas esticadas para a frente.
Falar com o observador	Manifestação oral de intensidade normal ou fraca, direcionada ao observador
Falar/conversar	Manifestação oral de intensidade normal ou fraca, direcionada a outra criança
Gangorrear	Atividade lúdica que envolve sentar no espaço mais largo na extremidade da gangorra enquanto impulsiona o próprio corpo para cima a partir do contato dos pés com o solo e, assim, provoca o deslocamento vertical da gangorra.
Girar no gira-gira	Brincar no gira-gira, um brinquedo circular de ferro que gira em torno de um eixo central, possuindo um banco e uma barra perpendicular a este.
Observar grupo	Voltar os olhos para a direção de um grupo de pessoas por um tempo superior a 5 segundos
Observar um colega	Voltar os olhos para a direção de outra criança por um tempo superior a 5 segundos
Sentar no banco das professoras	Sentar-se no banco designado às professoras
Sentar um atrás do outro (Trenzinho)	Grupo de três ou mais crianças sentadas no chão de pernas abertas e envoltas à pessoa da frente, imitando sons de trem

APÊNDICE III
SUBDIVISÕES DAS CATEGORIAS UTILIZADAS

Categoria	Subdivisão	Descrição
Brincar de pega	Pega-pega	Brincadeira de pega que envolve uma pessoa responsável por alcançar os demais participantes
	Pira-bola	Brincadeira de pega que envolve regras específicas com o uso de uma bola
	Polícia e ladrão	Brincadeira de pega que envolve a formação de dois times com regras específicas de perseguição
Brincar na areia	Cavar a areia	Com o uso de pá ou das próprias mãos, mover a areia criando um buraco
	Chutar a areia	Movimentar a perna com velocidade, provocando contato do pé com a areia de modo a deslocá-la
	Fazer bolinho	Com o uso de ferramentas ou das próprias mãos, agrupar quantidades de areia simulando alimentos
	Pegar areia e jogar em outra pessoa	Segurar quantidade de areia dentro da mão fechada e impulsionar o braço de modo a lançar a areia na direção de outra pessoa
Girar no gira-gira	Ficar em pé no gira-gira	Posicionar-se em pé no banco do brinquedo, com o corpo levemente curvado enquanto segura com as mãos a barra lateral.
	Girar estando sentado	Movimentar o brinquedo enquanto sentado no mesmo, a partir de impulsos ocasionados pelos pés contra o solo.
	Girar por dentro do gira-gira	Movimentar o brinquedo estando em pé e do lado de dentro, utilizando as mãos de forma alternada para impulsionar.
	Girar por fora do gira-gira	Movimentar o brinquedo estando em pé e do lado de fora, utilizando as mãos de forma alternada para impulsionar.
	Pendurar-se no gira-gira	Permanecer com as pernas esticadas e com os pés encostados no banco no banco do gira-gira, de forma a deixar os glúteos para fora, estando com as mãos segurando a barra.
	Sentar no alto do gira-gira	Sentar na barra circular externa mantendo os pés no banco
	Ser girado estando deitado	Deitar-se sobre o banco do gira-gira enquanto outra criança impulsiona o brinquedo
Ser girado estando sentado	Permanecer sentado no brinquedo, com as pernas na parte interna do mesmo, segurando nas barras externas e sem emitir contato com o chão, enquanto outra pessoa impulsiona o brinquedo	

APÊNDICE IV
LISTA DE PERGUNTAS DO JOGO

O QUE VOCÊ QUER FAZER NAS FÉRIAS?
FALE SOBRE SUA BRINCADEIRA PREDILETA.
CONTE UMA HISTÓRIA ENGRAÇADA QUE VOCÊ VIVEU.
FALE SOBRE SEU FILME PREDILETO.
CONTE A HISTÓRIA DO SEU DESENHO PREFERIDO.
O QUE VOCÊ ACHA DA ESCOLA?
FALE QUAL SUA COMIDA PREDILETA E PORQUÊ.
VOCÊ GOSTA DE ALGUM ESPORTE? QUAL E PORQUÊ?
QUAIS SUAS COISAS PREDILETAS NA FESTA JUNINA?
FALE SOBRE UM FIM DE SEMANA BEM LEGAL.

APÊNDICE V
FOLHA DE REGISTRO DA AVALIAÇÃO DE JUÍZES

Informações pessoais:

Sexo: () F () M Idade: _____

Orientação:

Rapport é um termo usado para descrever uma combinação de qualidades que emergem de uma interação. Tais interações são caracterizadas por frases como “nós realmente conectamos” ou “rolou uma verdadeira química”. Quando você sai de uma conversa que durou duas horas e se sente revigorado, você teve uma experiência de elevado *Rapport*. Termos como “fortalecedor”, “amigável”, “harmonioso”, “envolvente” e “que vale a pena” descrevem relações com elevado *Rapport*.

Nesta sessão, nós gostaríamos que você avaliasse o nível geral de *Rapport* existente entre as duas crianças de cada vídeo. Especificamente, gostaríamos que você avaliasse dois diferentes aspectos do *Rapport*: (1) a atitude geral entre as duas crianças (isto é, se elas GOSTAM uma da outra), e (2) a atitude geral das crianças com relação à atividade (isto é, se elas estão CURTINDO o que estão fazendo). Lembre-se que são duas coisas diferentes. É possível que uma criança não goste da atividade proposta, mas ainda assim goste da outra criança e vice-versa.

Assinale as questões abaixo referentes a cada vídeo, considerando o número 1 para o menor grau de satisfação/Rapport e 5 para o maior grau de satisfação/Rapport.

Vídeo 1	1	2	3	4	5
As crianças gostam uma da outra?					
As crianças gostam do que estão fazendo?					
Esta relação teve <i>Rapport</i> elevado?					

Vídeo 2	1	2	3	4	5
As crianças gostam uma da outra?					
As crianças gostam do que estão fazendo?					
Esta relação teve <i>Rapport</i> elevado?					

Vídeo 3	1	2	3	4	5
As crianças gostam uma da outra?					
As crianças gostam do que estão fazendo?					
Esta relação teve <i>Rapport</i> elevado?					

Vídeo 4	1	2	3	4	5
As crianças gostam uma da outra?					
As crianças gostam do que estão fazendo?					
Esta relação teve <i>Rapport</i> elevado?					

Vídeo 5	1	2	3	4	5
As crianças gostam uma da outra?					
As crianças gostam do que estão fazendo?					
Esta relação teve <i>Rapport</i> elevado?					

Vídeo 6	1	2	3	4	5
As crianças gostam uma da outra?					
As crianças gostam do que estão fazendo?					
Esta relação teve <i>Rapport</i> elevado?					

APÊNDICE VI
CATEGORIAS UTILIZADAS NA TRANSCRIÇÃO DAS SESSÕES.

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
DESCARTADAS	
Assentir	Movimentar a cabeça verticalmente, sinalizando concordância.
Apontar	Esticar o indicador em direção a algo, com os demais dedos da mão recolhidos.
Menear	Movimentar a cabeça horizontalmente, sinalizando discordância.
Dar de Ombros	Movimentar os dois ombros para cima simultaneamente, virando a cabeça na diagonal.
Mostrar	Estender a mão contendo ou segurando algo em direção ao par.
Cruzar os Braços	Dobrar os cotovelos, com os braços em frente ao corpo, passando um entre a curvatura do outro.
Segurar a Cabeça	Apoiar a cabeça em uma ou ambas as mãos, enquanto o cotovelo está sobre a mesa.
Distanciar-se	Movimentar o corpo na direção oposta ao par.
<i>Verbal back-channel</i>	Emitir vocalizações breves e sem conter mensagens, como hum-hum.
Levantar-se	Esticar as pernas em contato com o chão, com o corpo ereto, provocando o término do contato com a cadeira.
Som de frustração	Emitir sons graves a partir da saída de ar da boca de forma abrupta.
FINAIS	
Olhar face	Direcionar os olhos à face do par.
Olhar cartela	Direcionar os olhos à cartela do jogo.
Olhar disperso	Movimentar os olhos pelo ambiente sem fixá-los.
Gestos interativos	Agrupamento das categorias descartadas: assentir, apontar, menear e mostrar.
Gesticular	Movimentação de mãos e braços de forma simbólica.
Falar	Verbalização de mensagens.
Rir/Sorrir	Movimento de elevação dos cantos da boca, de forma simétrica, com ativação de outros músculos da face. Pode ou não ser acompanhado de som.
Tocar próprio corpo	Movimentar uma ou ambas as mãos em contato com o corpo.